

RELATÓRIO DE ANÁLISE DE MÍDIAS SOCIAIS

redes sociais, portais de notícias e anúncios políticos

O debate que não houve · Lula no Flow, a desistência de Flávio e o cancelamento da Globo

02/10/2026 · PERÍODO ANALISADO: 29/09/2026 A 02/10/2026 · 57 GRÁFICOS · ABORDAGEM: LEITURA DE INTELIGÊNCIA POLÍTICA SOBRE O DEBATE PRESIDENCIAL DA TV GLOBO DE 1º DE OUTUBRO DE 2026, QUE NÃO HOUE (29 DE SETEMBRO A 2 DE OUTUBRO): A AUSÊNCIA ANUNCIADA DE LULA E A ENTREVISTA AO FLOW PODCAST NO MESMO HORÁRIO, A EXCLUSÃO DE RENAN SANTOS (MISSÃO), AS DECISÕES DO TSE E DO STF, A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO BOLSONARO E O CANCELAMENTO PELA EMISSORA. PERGUNTA: QUEM GANHOU E QUEM PERDEU A NOITE, QUEM INFLUENCIA O DEBATE E EM QUE TERMOS ELE OCORRE — MORAL, EMOÇÕES, APOIO E RECHAÇO, VALÊNCIA, ENQUADRAMENTO —, QUE PAPÉIS CADA ATOR RECEBE (MAPAM®) E SE O EPISÓDIO MUDOU A CONFIANÇA, A CORAGEM E A FORÇA ATRIBUÍDAS A LULA, A FLÁVIO BOLSONARO E A RENAN SANTOS (CCFE®), A DOIS DIAS DO PRIMEIRO TURNO.

A pergunta que este relatório examina é quem ganhou e quem perdeu o debate presidencial que não houve, entre 29 de setembro e 2 de outubro de 2026, e em que termos o episódio circulou. A resposta: Lula (PT) ganhou a noite ao trocar o último debate antes do primeiro turno por uma entrevista ao Flow Podcast; Flávio Bolsonaro (PL), que desistiu depois das decisões do TSE e do STF, foi o maior perdedor entre os candidatos; Renan Santos (Missão) saiu com o melhor saldo; e a Rede Globo, que cancelou o debate, com o pior. O que segue em aberto é a explicação da noite. Os números vêm de 9,4 milhões de interações relidas alvo por alvo. Nas publicações que citam Lula, 57% das interações lhe são favoráveis e 26% desfavoráveis, e quatro em cada cinco das que tomam posição apoiam a ausência. Flávio tem 67% de interações desfavoráveis, com desprezo em 80% das emoções e o vício da traição — a fuga do confronto — em 54% da carga moral; a coragem que lhe é atribuída cai de 0,23 antes dos casos para -1,23 dentro do episódio. Renan soma 68% de interações favoráveis, e a Globo, 73% de desfavoráveis. Em audiência, a entrevista de Lula chegou a 1,64 milhão de espectadores simultâneos, contra 534 mil da live de Flávio. O que isso significa: a culpa pelo fracasso do debate mudou de dono em quarenta e oito horas. Na véspera, a Globo respondia por 68% das atribuições de responsabilidade; na noite do cancelamento, a conta se reparte entre Flávio (33%), a Globo (30%) e o Judiciário (28%), com Lula em 7%. O risco está no dia seguinte: na manhã de 2 de outubro o Judiciário passa a ser o mais responsabilizado (37%) e o sentimento sobre Lula se divide, 49% favorável e 47% desfavorável, puxado pela tese do jogo combinado com os tribunais. O caminho de ação, a dois dias do voto: fixar em Flávio a marca da fuga, que o debate já lhe atribui; defender a ausência no registro da autoridade, e não no da esperteza; ocupar a vaga

de quem repara o eleitor que ficou sem debate; e separar-se das decisões judiciais, lembrando que Lula decidiu não ir na véspera, antes de qualquer liminar, e que quem desistiu depois delas foi Flávio.

LULA GANHOU A NOITE; FALTA GANHAR A EXPLICAÇÃO DELA

A noite de 1º de outubro entregou a Lula (PT) o palco e entregou ao adversário o sentido do que aconteceu nele. O presidente trocou o último debate antes do primeiro turno por uma entrevista ao Flow Podcast e falou, no pico, para 1,64 milhão de espectadores simultâneos, contra 534 mil na live de Flávio Bolsonaro (PL); a TV Globo cancelou o debate ao fim do Jornal Nacional; Renan Santos (Missão) protestou na calçada da emissora. Em exposição, o campo do governo venceu com folga.

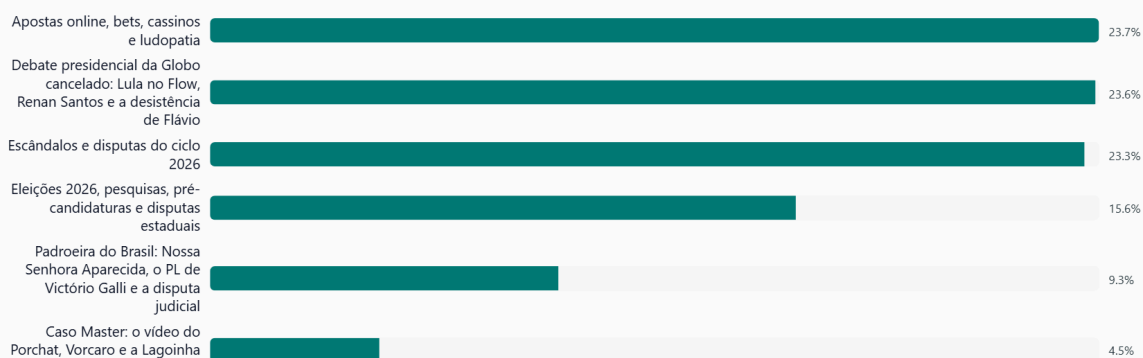
Em narrativa, a vitória ainda está em disputa. Ao lado da entrevista ficaram gravadas a cadeira vazia, a censura atribuída ao Tribunal Superior Eleitoral e a suspeita de que o Judiciário trabalhou pela reeleição. Quem ocupa a cena não é a estrutura partidária, são influenciadores e contas comuns; os termos em que o episódio circula são morais — traição, covardia, censura —, e nesse vocabulário a esquerda tem um flanco.

Este relatório responde a duas perguntas: quem influencia o debate e em que termos ele ocorre. A tese: a decisão de trocar o debate pelo podcast foi a jogada certa no plano do alcance e no do julgamento imediato — quatro em cada cinco interações que tomam posição sobre a ausência a apoiam —, e abriu um flanco no plano do enquadramento, porque deixou a explicação da ausência nas mãos de terceiros e a defesa da própria escolha no registro da esperteza tática.

O que segue destrincha essa tese em dez movimentos — o tamanho do caso, quem o carrega, o placar de cada ator, de quem e do que se fala, como se fala, que moral se aciona, que papéis se distribuem, que qualidade tem esse debate, o que tudo isso projeta sobre as urnas de 4 de outubro e o que Lula e a esquerda podem aproveitar.

O TAMANHO DO CASO E A ARITMÉTICA DA ATENÇÃO

Seis assuntos disputaram a agenda eleitoral entre 25 de setembro e o primeiro turno, e nenhum a ocupou sozinho. A proibição das apostas online responde por 24% do que se publicou no período, o debate cancelado por 24% e o bloco dos escândalos e disputas do ciclo — a guerra de decisões no Supremo em torno do Caso Master e do INSS, a revisão da condenação de Jair Bolsonaro, o fogo cruzado entre Gilmar Mendes e André Mendonça — por 23%. Somados, os três concentram 71% da presença do tema. Não houve assunto dominante, houve três frentes da mesma ordem de grandeza, e duas delas — a medida provisória assinada por Lula e a ausência decidida por ele — são matéria-prima da própria candidatura aconselhada.



1 · O tamanho do caso na agenda: publicações por assunto desde 25/09

Nenhum assunto ocupou sozinho a agenda eleitoral entre 25 de setembro e o primeiro turno. A proibição das apostas online responde por 24% do que se publicou no período, o debate da TV Globo cancelado por 24% e o bloco dos escândalos e disputas do ciclo — a guerra de decisões no Supremo em torno do Caso Master e do INSS, a revisão da condenação de Jair Bolsonaro (PL), o fogo cruzado entre Gilmar Mendes e André Mendonça — por 23%. Somados, os três concentram 71% da presença do tema. Não houve assunto dominante, houve três frentes da mesma ordem de grandeza, e duas delas — a medida provisória assinada por Lula (PT) e a ausência decidida por ele — são matéria-prima da própria candidatura aconselhada.

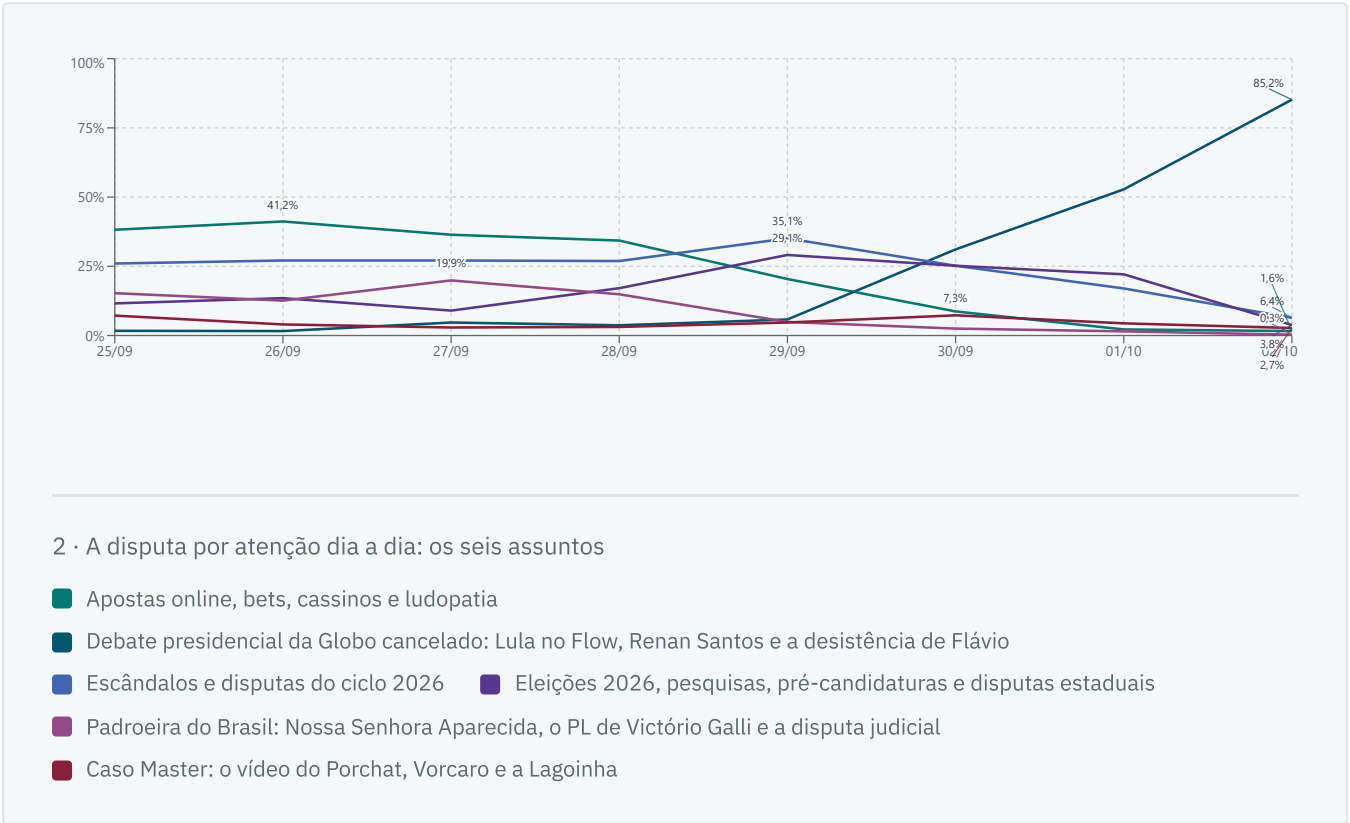
Atrás desse pelotão, a distância abre. O guarda-chuva das eleições 2026 — listas de candidatos, pesquisas, corridas estaduais, preparação do Tribunal Superior Eleitoral, o e-Título — fica em 16%; a briga judicial em torno do título de padroeira de Nossa Senhora Aparecida, com o projeto atribuído a Victório Galli Filho (PP-MT) e o vaivém entre as decisões de Flávio Dino e Luiz Fux, em 9%; e o Caso Master, com Daniel Vorcaro, o vídeo de Porchat e a Lagoinha, em 4%, cinco vezes menos que o primeiro colocado. Em tamanho de agenda, o maior escândalo institucional do ciclo é o menor dos assuntos da semana.

O dado politicamente decisivo é que os dois assuntos de maior porte são matéria-prima da própria candidatura aconselhada: uma medida provisória assinada por Lula e uma ausência decidida por ele, com a confusão judicial que cancelou o debate. Juntos, bets e debate respondem por cerca de 47% do que circulou — quase metade da agenda nas mãos de quem está sendo aconselhado, o que é oportunidade e risco na mesma medida. A oposição trabalha precisamente nessa costura: Flávio Bolsonaro (PL) trata a proibição como blefe eleitoral ("vai apostar a eleição no Tigrinho") e Nikolas Ferreira (PL-MG) a reduz a moralismo invertido ("o pai da mentira e das bets"), colando a entrega ao gesto que ambos chamam de covardia. É a fusão dos dois assuntos em um único enquadramento moral que transforma entrega em acusação.

Para quem aconselha, a ordem de prioridade sai daí. Primeiro, blindar a proibição das bets como entrega: é o maior assunto isolado do período, o único em que o governo tem ato assinado com efeito visível, e não pode ser debatido no registro moral que a oposição lhe impõe. Segundo, isolar a ausência do debate e a ida ao Flow — enquanto os dois temas andarem fundidos, cada defesa de um será concessão no outro. Terceiro, não gastar munição no Caso Master: com 4% da agenda, ele não move voto por tamanho, por mais

que siga aceso para as instituições. E, no terreno religioso, manter a posição já assumida por Erika Hilton (PSOL-SP) contra o projeto que retiraria o título de padroeira, sem ampliar a briga: 9% de agenda não sustenta uma frente de campanha.

A série diária mostra o que dura e o que evapora. As apostas explodem no segundo dia, alcançam entre 34% e 41% de tudo o que circula em cada dia até 28 de setembro e caem a 1,4% do dia 2 — cerca de trinta vezes menos. O debate faz o caminho inverso: menos de 6% do dia até 29 de setembro e 87% no dia 2. O rótulo amplo dos escândalos é o piso do painel, entre 26% e 27% por vários dias seguidos, sem nunca crescer: quando salta, é porque o resto encolheu. A padroeira de Nossa Senhora Aparecida e a disputa judicial em torno do projeto atribuído a Victório Galli Filho (PP-MT) fazem pico e cauda curta. Entre uma entrega de governo e um escândalo, o que dura é o que não se resolve.



Em oito dias o painel mudou de dono duas vezes, e a troca se lê no calendário. Até 28 de setembro, quem pautava era a proibição das apostas: entre 34% e 41% de tudo o que circulou em cada dia, com o topo em 26 de setembro, quando Lula (PT) assinou a medida e o governo passou a derrubar sites. Em 2 de outubro, essa mesma pauta respondia por 1,4% do dia — cerca de trinta vezes menos. No lugar dela, o debate presidencial da TV Globo que não houve: menos de 6% do dia até 29 de setembro, 87% no dia 2. Nenhum dos outros cinco assuntos atravessou a semana inteira; cada um foi, num momento ou noutro, atropelado pelo mesmo evento.

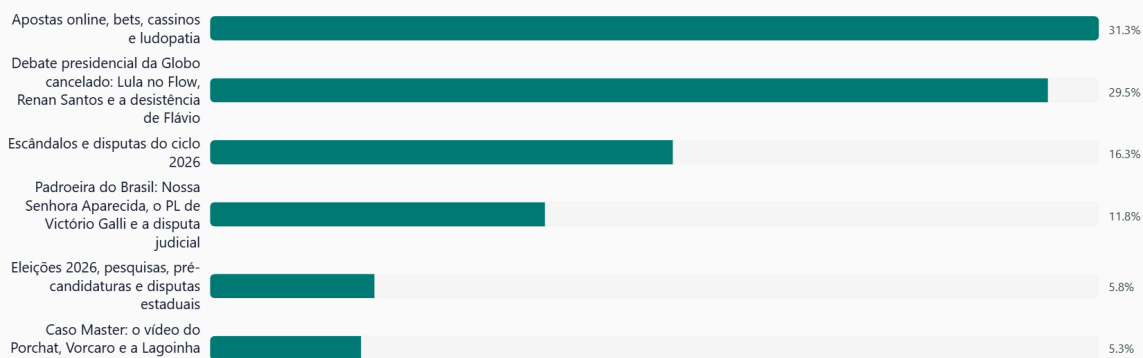
A diferença entre evento e narrativa está em quais linhas se sustentam. O rótulo amplo que agrupa os escândalos e as disputas do ciclo é o piso do painel: 26% a 27% em quatro dias seguidos, e 35% em 29 de setembro, quando o volume geral do dia afundou cerca de um terço em relação à abertura da semana — o assunto não cresceu, o resto encolheu. O caso Master caminha no mesmo registro, entre 2,6% e 7,4%, sem nunca sumir nem dominar: goteja. A padroeira de Nossa Senhora Aparecida, por contraste, tem dois tem-

pos: 15,3% em 25 de setembro, recuo a 12,6% e volta a 19,9% em 27, quando Dino libera e Fux suspende os posts; depois desaba a 0,2% — cerca de cem vezes menos —, retrato de pico judicial com cauda curta. As bets fazem o ciclo mais veloz de todos: explosão no segundo dia e evaporação até menos de um vigésimo do que eram. Entre entrega de governo e escândalo, o que dura é o que não se resolve.

Quando o debate salta de 5,8% para 31,2% do dia, o deslocamento é nomeável: as bets caem de 20,4% para 8,8% e a padroeira, de 4,9% para 2,5%, enquanto as eleições em sentido estrito — pesquisas, candidaturas, disputas estaduais — se mantêm entre um quarto e um terço do dia e só cedem quando todos cedem, em 2 de outubro. O evento não come a agenda eleitoral; come o escândalo e a pauta de costumes. E não apenas redistribui: o volume total, que havia afundado até 29 de setembro, volta a crescer no fim da janela, com o último dia cerca de 40% acima do fundo da semana. Isso quer dizer atenção nova, e não migração de atenção. Para a campanha de Lula, o terreno perdido no dia 1º não foi de tráfego, foi de enquadramento — e enquadramento custa mais caro que volume.

Resta a consequência prática, que a curva sugere no condicional. A proibição das bets rendeu ao governo o maior patamar da semana e, no mesmo movimento, entregou ao campo adversário o epíteto que organizou a contraofensiva: Flávio Bolsonaro (PL) e Nikolas Ferreira (PL-MG) lideram a exposição com o bordão do pai da mentira e das bets, e a queda abrupta da pauta depois de 28 de setembro indica que a medida não se converteu em conversa própria. A recomendação é não dar o assunto por encerrado: sem enfrentar os efeitos práticos — clubes, Pix, emprego, o jogo tratado como renda —, a entrega continua rendendo ataque. Sobre a padroeira, a curva dispensa esforço: morreu sozinha em 29 de setembro, e reanimá-la seria devolver o assunto a quem o usa. O risco maior está no fim: o debate cancelado ocupou 87% do dia 2, e o que circulou nesse vácuo foi censura e covardia, dito por quem esteve no ar — Renan Santos (MISSÃO), que protestou em frente à Globo, e Flávio Bolsonaro, que recusou o palco que chama de censurado. A ida ao Flow rendeu 1,64 milhão de espectadores simultâneos contra 534 mil na live adversária; deu alcance, mas não fixou o enquadramento. Até 4 de outubro, a prioridade não é o volume: é responder no mesmo circuito e no mesmo dia, antes que a versão do adversário se torne a versão corrente.

Medida por autores distintos — a régua da prevalência de discurso, que conta quantos perfis diferentes adotam uma fala e resiste à repetição coordenada —, a distribuição muda de hierarquia e de sentido. As apostas ficam com 31,5% dos autores, o debate com 29,4%, e os dois juntos com 61%: três em cada cinco vezes do recorte tratam de uma medida do governo ou de uma noite que não houve. A agenda eleitoral em sentido estrito — pesquisas, candidaturas, disputas estaduais — mobiliza 5,8% dos autores. Fala-se de política na semana da eleição menos por causa da eleição do que por causa do noticiário que a campanha produziu.



3 · O mesmo tamanho medido por autores distintos

Este gráfico troca a pergunta de lugar: não mede quantas publicações saíram, mede quantos perfis diferentes falaram de cada assunto, e essa distinção separa repetição de conversa espalhada. Por essa régua, o debate se apoia em dois ombros quase do mesmo tamanho. As apostas online, depois da medida provisória assinada por Lula (PT), respondem por 31,5% dos autores distintos contados nas seis frentes. O debate cancelado da Globo, que junta a ida ao Flow, a exclusão de Renan Santos (MISSÃO) e a desistência de Flávio Bolsonaro (PL), vem logo atrás, com 29,4%. O primeiro supera o segundo em menos de 7% — diferença de arredondamento para uma semana de campanha. Somados, os dois episódios concentram 61% de tudo o que foi dito por gente diferente neste recorte: três em cada cinco vozes tratam de uma medida do governo ou de uma noite que não houve.

Abaixo deles há um degrau intermediário — os escândalos do ciclo, com 16,3%, e a disputa em torno de Nossa Senhora Aparecida e do projeto do deputado Victório Galli (PP-MT), com 11,9% — e depois a cauda, onde ficam os 5,8% da agenda eleitoral em sentido estrito (pesquisas e disputas estaduais) e os 5,2% do caso Master, com o vídeo de Porchat e o banqueiro Daniel Vorcaro. A consequência é seca: a eleição genérica, aquela dos levantamentos e das candidaturas estaduais, mobiliza pouco mais de um quinto dos autores que o assunto das bets puxou. Quem falou de eleição nesta semana falou de aposta, de Flow, de padroeira e de escândalo; a agenda da campanha em si ficou atrás do noticiário que a campanha produziu.

As duas frentes líderes são, porém, de sinal oposto, e a assimetria é o que importa para quem está do lado do governo. A proibição das bets é decisão com dono, data e objeto, do tipo que provoca discussão no terreno do mérito: o contra-ataque que apareceu foi o de Nikolas Ferreira (PL-MG) e de Flávio, chamando Lula de "pai da mentira e das bets" — ataque à medida, e não fuga dela. O cancelamento é o inverso. Ali o que existe é um vazio: a ausência de Lula no debate, o púlpito que o TSE mandou não destacar, a censura que Flávio alegou ao recusar o palco, o "fujão" que Augusto Cury (Avante) atirou contra o ausente, o "atentado à democracia" que Ronaldo Caiado (PSD) atribuiu ao cancelamento. Duas frentes do mesmo tamanho em número de vozes, uma com a esquerda atacando e outra se defendendo.

Para Lula e a esquerda, a prioridade salta do desenho do gráfico. As bets são o único assunto capaz de alcançar sozinho quase um terço de quem fala, e alcançam no mérito da entrega: é território para consolidar com regra, fiscalização e resultado à vista, não para deixar virar slogan. O episódio do debate tem alcance equivalente e é onde a esquerda perde — cada dia sem resposta sobre a ausência deixa a acusação de covardia e de censura correr com a mesma largura da medida que o governo quer vender. O caso Master e a padroeira, juntos, somam 17% dos autores e avançam pela cauda de poucos perfis muito engajados, o vídeo de Porchat e o de Camila Pitanga contra Flávio entre eles, o que indica onde uma reação rápida rende mais que nota oficial. E a agenda eleitoral, com 5,8%, é a que menos gente convoca: pesquisa e disputa estadual só entram no debate se penduradas nos episódios que já estão na boca do público.

QUEM INFLUENCIA: UMA ESTRUTURA TERCEIRIZADA

O episódio foi carregado por quem não tem mandato. No engajamento — curtidas, comentários e compartilhamentos, a medida de exposição —, os influenciadores concentram cerca de 52% do total, e dentro deles os ataques e as denúncias ficam com metade da própria barra, contra 31% de defesas e celebrações. Entre políticos, a assimetria é maior: 59% de ataques e 24% de defesas. A imprensa é o único emissor de peso que se mantém no relato, 62% da sua barra. Numa noite em que o campo do governo tinha a melhor notícia para vender, quem atacou colheu mais exposição do que quem defendeu.



6 · Quem fala e com que posicionamento: tipo de ator — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

O gráfico mede exposição: o engajamento — curtidas, comentários e compartilhamentos — acumulado por cada tipo de quem publica, aberto pela posição que o texto assume, isto é, quem defende e celebra um ator ou uma decisão, quem ataca e denuncia, e quem apenas relata. Os influenciadores concentram cerca de 52% de todo o engajamento do recorte e, dentro deles, os ataques e as denúncias ficam com metade da exposição da própria barra, contra 31% de defesas e celebrações. Entre os políticos a assimetria é maior

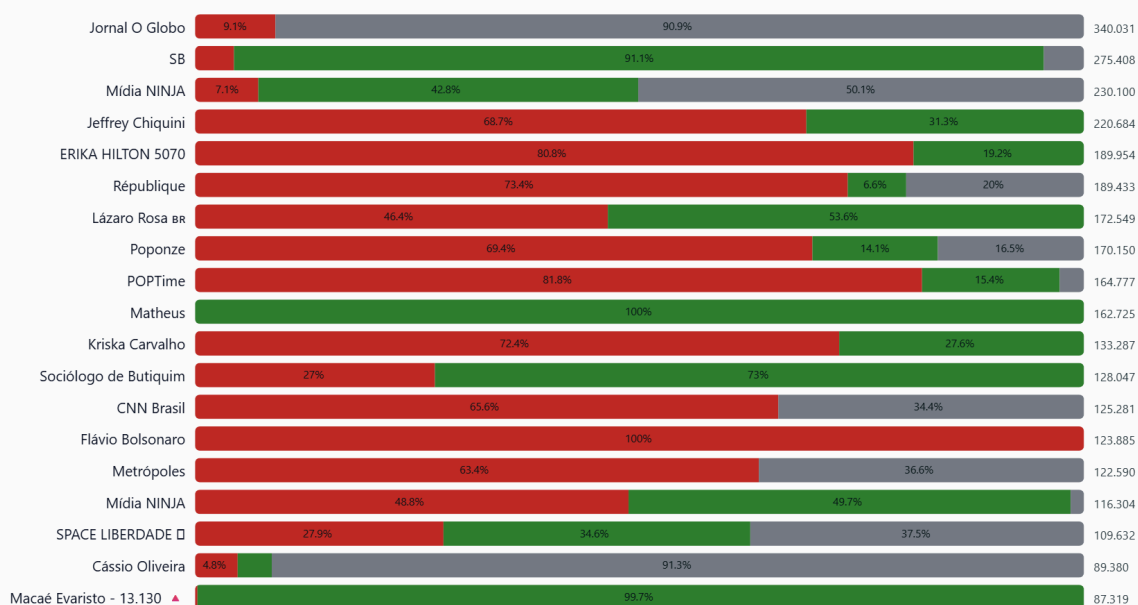
ainda: 59% de ataques e denúncias contra 35% de defesas e 6% de relato. A imprensa é o único emissor de peso que se mantém no relato, 62% da sua barra, com 21% de denúncia e 17% de defesa. Numa noite em que a entrevista de Lula (PT) ao Flow teve 1,64 milhão de espectadores simultâneos e a live de Flávio Bolsonaro (PL) 534 mil, quem ataca e denuncia colheu mais engajamento do que quem defende e celebra.

Vale olhar contra o que se dirigem esses ataques, porque aí está o desequilíbrio. A denúncia tem três endereços: a Globo, por excluir Renan Santos (MISSÃO) do debate e depois cancelá-lo; o Judiciário, pelas decisões de véspera — a ministra do TSE que proibiu exibir o púlpito vazio de Lula e o ministro do STF que mandou incluir Renan; e o próprio Flávio Bolsonaro, por desistir depois que a inclusão fora determinada. A defesa e a celebração, por sua vez, têm alvo único: a ida de Lula ao Flow, saudada como "jogada de mestre" e "língua de chicote". A celebração se esgota no orgulho de torcida, que morre no domingo; a denúncia instala a suspeita de que a eleição se decide fora da urna, e suspeita, a três dias do primeiro turno de 4 de outubro, caminha mais longe que entusiasmo.

A composição do emissor, tomada como chave de leitura, explica bem esse mapa. Os cidadãos comuns assinam o maior contingente de publicações do recorte e respondem por apenas 9% do engajamento: neles, ataques e denúncias somam 47% e defesas e celebrações 35%, a distribuição mais equilibrada do quadro, porque é onde as duas torcidas se cruzam. Jornalistas individuais e artistas produzem pouco e quase só denunciam: 77% e 68% do engajamento de suas barras. O que essa chave ilumina é o vínculo entre quem fala e o tom que assume — a denúncia é o repertório nativo de quem tem nome, autoridade e alcance. O que ela não resolve é o que o público faz com isso, porque exposição não é persuasão.

Para a campanha de Lula, o quadro cobra uma escolha de prioridade. A audiência do Flow é ativo; a denúncia sobre a Justiça eleitoral é o passivo, e o passivo rende mais. Daí que a primeira tarefa não seja responder a "fujão", e sim sustar a circulação da tese de que o Tribunal Superior Eleitoral agiu em favor do candidato: quanto mais essa história andar até domingo, mais caro fica cada voto que a campanha já contabiliza. Converter a plateia do podcast em voto exige oferecer o enquadramento inverso, a leitura que organiza o episódio em torno da ausência e da desistência de quem tinha obrigação de comparecer. E o erro a evitar é tratar o ataque à Justiça como queixa de perdedor: ele é o que mais rende neste recorte, e rende porque tem endereço.

O ranking de autores expõe uma inversão entre presença e rendimento. Somando as fatias em que aparece, o Jornal O Globo lidera em interações, mas o faz com onze publicações em cada uma: é rotina, não viralização. Quem concentra exposição por publicação é outra gente — Jeffrey Chiquini (NOVO-PR) chega ao topo das acusações com duas publicações, e um perfil anônimo, com uma única peça de arrebatamento, sustenta a maior fatia de defesa a Lula do quadro. O engajamento por publicação desse perfil é cerca de oito vezes o do maior jornal do país. A militância de base, de um lado e de outro, carrega a circulação; a imprensa apenas a acompanha.



7 · Quem mais influencia: os perfis que concentram o engajamento

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

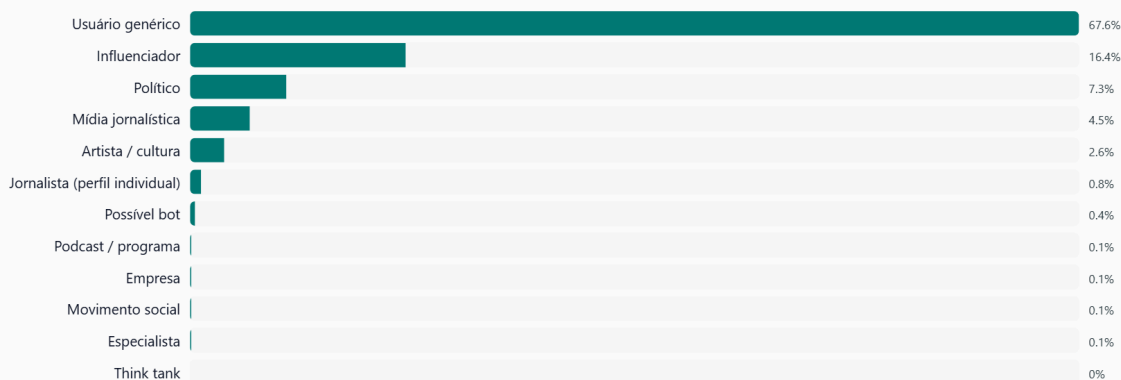
O gráfico mede quem concentra o engajamento no recorte do debate que não houve — a entrevista de Lula (PT) ao Flow Podcast na noite de 1º de outubro, o cancelamento do debate da TV Globo e a desistência de Flávio Bolsonaro (PL) —, e o que ele mostra é uma inversão entre volume e exposição. O Jornal O Globo lidera em interações somando as duas fatias em que aparece, mas o faz com onze publicações em cada uma: é presença de rotina, não viral. Quem concentra a exposição por publicação é outra gente. Jeffrey Chiquini (NOVO-PR) chega ao topo da oposição com duas publicações, e "matheus", um perfil genérico, com uma só, sustentando a maior fatia de defesa a Lula do quadro. A razão é simples de calcular: o engajamento por publicação de "matheus" é cerca de oito vezes o do Jornal O Globo. Um perfil anônimo, num único post, expõe mais do que o maior jornal do país em onze. É o retrato de um debate em que a militância de base — de um lado e de outro — carrega a circulação, e a imprensa apenas a acompanha.

Olhando o lado de quem defende Lula e celebra a ida dele ao Flow, a concentração é ainda mais reveladora. Mídia NINJA aparece em três fatias de defesa, com catorze publicações na maior delas, e ainda assim fica atrás de "matheus" em exposição. Lázaro Rosa aparece com dezesseis publicações de defesa e um engajamento modesto. Macaé Evaristo (PT-MG) tem cinco publicações de defesa. Ou seja: o campo que celebra a jogada de Lula fala muito e alcança pouco por publicação, enquanto um único perfil anônimo, com uma frase de arrebatamento ("to ARREPIADO com esse discurso final do lula no flow"), faz o que a militância organizada não fez. Do outro lado, a denúncia contra Lula e contra o Judiciário se concentra em Jeffrey Chiquini, que com duas publicações de oposição alcança quase o mesmo que o Jornal O Globo com onze. A assimetria é o achado: a defesa a Lula é difusa e militante; o ataque é concentrado e eficaz.

O que isso significa para quem aconselha Lula e a esquerda é que a vitória narrativa da noite — a entrevista ao Flow, o cancelamento do debate, a desistência de Flávio — não se converteu em exposição proporcional. A defesa existe, é majoritária em número de perfis, mas está dispersa em muitos autores de baixo alcance, enquanto a oposição se concentra em poucos perfis de alto rendimento por publicação. O risco é claro: a esquerda ganhou o fato e perdeu a circulação. A oportunidade está em identificar e amplificar os perfis de alto engajamento por publicação — não os de maior volume —, porque é neles que a mensagem viaja. E há um dado que merece atenção: o perfil que mais engajou na defesa a Lula é anônimo, não é um quadro do partido nem um influenciador consolidado. Isso sugere que a adesão emocional ao discurso de Lula no Flow é espontânea e não capturada pela estrutura de comunicação do campo.

A leitura de posicionamento confirma a assimetria. No recorte, a defesa a Lula e à sua ida ao Flow, a defesa a Renan Santos por enfrentar a exclusão e a defesa a Flávio por recusar o que chama de censura somam um bloco de perfis que celebram decisões; a oposição — ao cancelamento da Globo, à desistência de Flávio, à ausência de Lula, à interferência do Judiciário — se distribui por mais perfis, mas com menos exposição por publicação. O neutro/informativo, representado sobretudo pelo Jornal O Globo e pela Mídia NINJA em sua fatia informativa, é o terreno onde a disputa se dá sem confronto declarado. Para Lula, a implicação prática é que a narrativa de que ele "fugiu" do debate — sustentada por Flávio, por Renan Santos e por parte da imprensa — circula com mais eficiência por publicação do que a narrativa de que ele foi ao Flow falar com o povo. A recomendação é priorizar a produção de conteúdo que una o fato (a entrevista) à emoção que ele já gerou espontaneamente, e fazê-lo pelos perfis que demonstram alto engajamento por publicação, não pelos que apenas publicam muito.

Por prevalência, a conversa é ainda mais difusa: contas de usuários comuns respondem por 68% dos autores, influenciadores por 16%, políticos por 7,3%, imprensa por 4,4%, artistas por 2,6%. São quase quatro contas comuns para cada influenciador e mais de nove para cada político. Convém distinguir repetição de adesão: quando poucos perfis produzem muito engajamento, há coordenação ou cópia; quando milhares de perfis distintos dizem a mesma coisa com as palavras do dia — desligue a Globo, não assista ao debate, Lula gigante —, há eco na opinião. O segundo caso é o que os números descrevem.



8 · Repetição ou adesão: autores distintos por tipo de ator

O que este quadro mede é prevalência de discurso, não barulho: autores distintos por tipo de quem publica, ou seja, quantos perfis diferentes adotaram uma fala sobre o debate da Globo naquele 1º de outubro — e a resposta é que a conversa foi tomada por gente comum. Contas de usuários respondem por 68% dos autores; influenciadores ficam com 16%, menos de um quarto daquele primeiro bloco; políticos, 7,3%; a mídia jornalística, 4,4%; artistas e gente da cultura, 2,6%. Todo o resto — jornalistas individuais, programas de podcast, empresas, especialistas, movimentos e think tanks — não soma 2%. A proporção é de quase quatro contas comuns para cada influenciador e de mais de nove para cada político, quinze para cada perfil de imprensa. Nenhum porta-voz organiza isso.

Traduzido para o caso concreto: a defesa de que Lula (PT) fez bem em trocar o debate da TV Globo pela entrevista ao Flow, a celebração do que se chamou de jogada de mestre, o repúdio à emissora pelo cancelamento e pelo púlpito vazio, a condenação de Flávio Bolsonaro (PL) por ter desistido e o protesto de Renan Santos (MISSÃO) contra a exclusão circularam por perfis sem pertencimento institucional. O rótulo de suspeita de automação aparece em menos de meio ponto percentual dos autores: resíduo, não exército. É um contraste importante com o quadro de engajamento, em que poucos perfis concentram quase toda a exposição. Lá, uma minoria profissional fabrica os posts mais vistos; aqui, a massa de quem fala é anônima e dispersa. As duas coisas juntas desenham um mecanismo conhecido: a pauta nasce e se espalha entre muitos, e é amplificada por poucos.

A distinção entre repetição e adesão, portanto, se resolve neste gráfico a favor da adesão difusa. Quando o volume de autores é pequeno e o engajamento alto, o que existe é coordenação ou cópia, militância de aparato empurrando a mesma frase; quando o número de autores se abre em milhares de perfis distintos, o que existe é eco na opinião — pulverizado, cada um por conta própria, com as palavras do dia: desligue a Globo, não assista ao debate, Lula gigante, vinte e quatro milhões. Isso não torna a onda espontânea no sentido forte: 16% de influenciadores é uma fatia alta para um tipo de ator que vive de disputar alcance, e vários deles estavam justamente a organizar tags e chamadas de ação. Mas o dado é claro quanto ao ponto central: a adesão não precisou ser fabricada, ela se propagou.

Para quem aconselha a candidatura de Lula, o quadro é ativo e é armadilha. Ativo porque a decisão de ir ao Flow ganhou corpo fora do comando da campanha — a tese de que esses debates não produzem nada e a lembrança de que a Globo reconheceu o golpe militar só cinquenta anos depois foram levadas por torcida que ninguém contratou, e capital assim não se compra. Armadilha porque onda dispersa não se converte sozinha em voto, e o candidato, com seu partido, não está entre quem publica: quem o defende é o torcedor, o que deixa a narrativa sem assinatura num momento em que o adversário oferece a etiqueta oposta, a de fujão. A prioridade é dar dono a essa onda antes de domingo, transformando a defesa da escolha em argumento de voto, e evitar que a euforia das redes seja lida como intenção de voto — mobilização não é persuasão, e o que este gráfico prova é que a fala pegou, não que o eleitorado se moveu.

Nas doze publicações mais engajadas do caso, a defesa e a celebração de Lula somam cerca de 45% das interações, os ataques 40% e o relato pouco mais de 15%. A primeira posição isolada é de um perfil de usuário comum, não de um político nem de um veículo.

9 · As publicações que mais circularam

As doze peças que concentraram a exposição do caso têm um traço em comum que nenhum release de campanha ousaria escrever: o vazio deixado pelo debate cancelado foi ocupado, em circulação, por quem não estava no palco. Somadas as interações das doze, o conteúdo que defende ou celebra Lula (PT) — o discurso final no Flow, a "língua de chicote" contra a Globo e contra Moro, a "jogada de mestre" da campanha que negociou acompanhar o debate em tempo real, o "Lula Gigante" com mais de 1,5 milhão de espectadores simultâneos — responde por cerca de 45% de tudo o que essas publicações acumularam. O conteúdo que ataca Flávio Bolsonaro (PL) pela desistência, ou que denuncia a exclusão de Renan Santos (Misão) e a interferência do Judiciário, soma perto de 40%. O relato da manobra fica com pouco mais de 15%. A primeira posição isolada é de um perfil de usuário comum, não de político nem de veículo: "to ARREPIADO com esse discurso final do lula no flow, como pode ele ser o homem mais importante desse país".

A composição por dentro desmente a leitura fácil de que a esquerda dominou as redes. Das doze, quatro defendem Lula ou sua decisão de ir ao Flow, e três delas são de influenciadores, não de quadros partidários; a única figura política identificada entre as que o defendem é uma deputada estadual (PT-MG) que apenas replicou post de terceiro. Do outro lado, quatro atacam: Flávio Bolsonaro anunciando a própria recusa ao debate "em função da censura imposta ao evento pelo TSE", um deputado federal (NOVO-PR) que transforma a exclusão de Renan Santos em teoria de conluio entre PT e STF, uma deputada federal (PSOL-SP) cobrando de Flávio a explicação pela ausência, e um perfil que ironiza Renan Santos dentro do Uber a caminho da Globo. O detalhe que importa: o campo que ataca Lula pela ausência não aparece entre as doze. Quem ataca, ataca Flávio pela fuga, o Judiciário pela interferência ou a Globo pelo cancelamento. A ausência de Lula no debate — o flanco que deveria ser o mais vulnerável da campanha — não produziu nenhuma das publicações mais circulantes do recorte.

Ordenadas por interações no recorte do quadro.

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
1	to ARREPIADO com esse discurso final do lula no flow, como pode ele ser o homem mais importante desse país https://t.co/NVvRcBTUKR matheus · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · POSITIVO · SURPRESA · ORGULHO	162.725	2.315.094
2	Acabo de tomar a decisão de não ir ao debate da Globo em função da censura imposta ao evento pelo TSE. A imprensa tem que ser livre e as eleições limpas. Em breve mais detalhes. Flávio Bolsonaro · Político · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	123.885	1.910.388

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES ▾	ALCANCE
3	Lula fala sobre não participar do debate presidencial da Globo: "Debates saudáveis são feitos com gente qualificada. Uma coisa é disputar com Fernando Henrique Cardoso, Alckmin... Outra coisa é disputar a Presidência..." poponze · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO	118.128	1.283.803
4	Boa noite, @FlavioBolsonaro, é verdade que você faltou no debate da Globo pra assistir o Lula no Flow e ver como um estadista de verdade se comporta??? Ou é medo de te perguntarem sobre seu candidato a vice qu... ERIKA HILTON 5070 · Político · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO · INDIGNAÇÃO	107.022	442.175
5	A LÍNGUA DE CHICOTE! Lula no Flow: "Como a Globo só reconheceu o golpe militar depois de 50 anos, quem sabe um dia ela reconheça que eu era inocente e que ela prestou serviço a um crápula como o Moro."... SB · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	101.773	462.958
6	🚨 URGENTE: RENAN SANTOS PODE SER ESCALADO PELO PT E PELO STF PARA AJUDAR A CAMPANHA DO LULA E ATACAR O FLÁVIO BOLSONARO HOJE NO DEBATE DA GLOBO Jeffrey Chiquini · Político · Instagram · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · SURPRESA	100.028	1.057.963
7	A voz das Redes. Lula Gigante. Mais de 1,5 Milhões de pessoas assistem a entrevista do Presidente no Flow enquanto 270 mil pessoas estão na Live "Sem Censura" que Flávio Bolsonaro anunciou em seu canal. Mídia NINJA · Mídia jornalística · Instagram · 2026-10-02 OUTROS · POSITIVO · ORGULHO	98.511	0
8	A Globo cancelou o debate. Agora vai todo mundo assistir o Lula no flow. O que esse velho entende de estratégia política a gente não bebeu de água. Sociólogo de Butiquim · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · POSITIVO · DESPREZO · ORGULHO	93.415	597.098

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
9	RT @Omardeideais: A Globo cancelou o debate. Agora vai todo mundo assistir o Lula no flow. O que esse velho entende de estratégia política... Macaé Evaristo · 13.130 ▲ · Político · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · POSITIVO · DESPREZO	85.933	508.013
10	Renan Santos dentro do Uber indo pra Globo e descobrindo que cancelaram https://t.co/XWbtcdTRQu Luiz · Usuário genérico · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO	83.808	512.040
11	🔥 JOGADA DE MESTRE: A campanha de Lula negocia um formato para que ele acompanhe o debate presidencial da Globo e responda, em TEMPO REAL, às falas dos adversários durante sua entrevista no Flow Podcast, pa... Cássio Oliveira · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEUTRO	81.656	4.024.377
12	Lula no Flow: "Eu não vou disputar [o debate] com alguém desqualificado como o Flávio Bolsonaro. Alguém que não tem passado, não tem presente e não tem futuro. Esse rapaz nunca trabalhou na vida."... POPTIME · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO	74.851	509.991

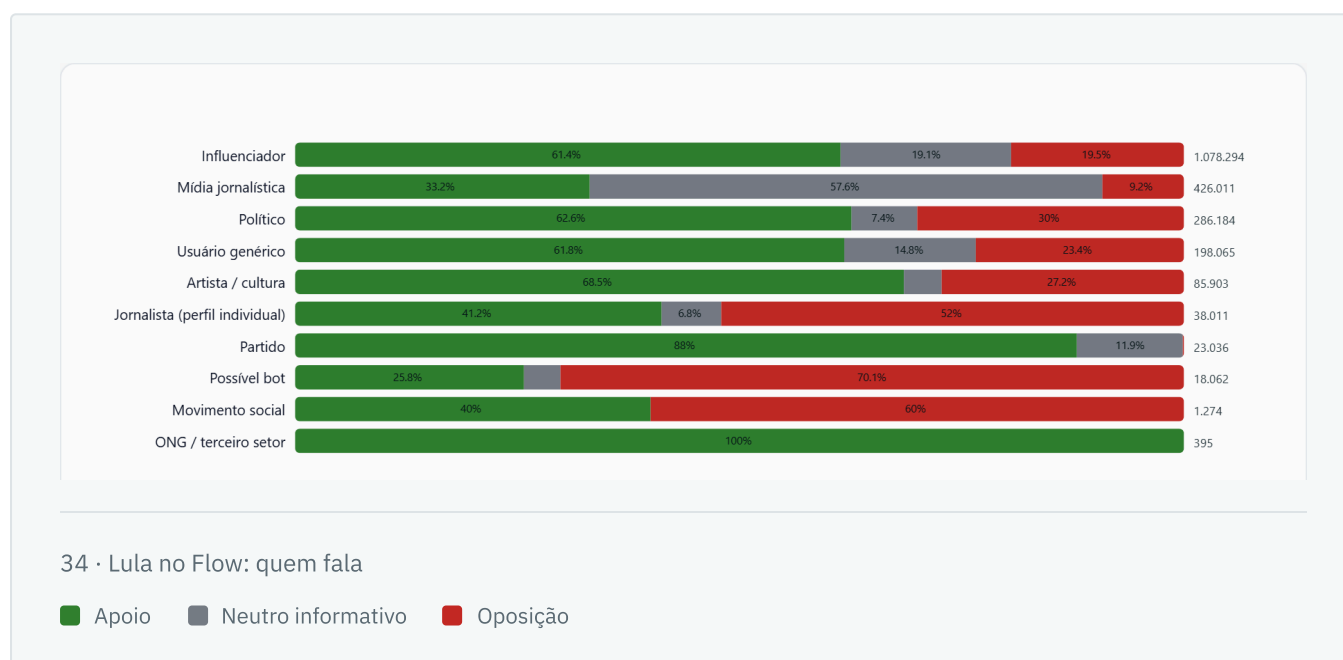
A operação tem método. O que os textos de defesa fazem é converter a ausência em superioridade: Lula não foi ao debate porque "debates saudáveis são feitos com gente qualificada", porque não se disputa com "alguém desqualificado como o Flávio Bolsonaro", "que não tem passado, não tem presente e não tem futuro". A recusa vira desprezo ativo, e o desprezo, quando bem executado, organiza hierarquia — quem despreza está por cima. Repare que a emoção dominante do dia 1º de outubro, no recorte geral, é o desprezo, e que o perfil que mais engajou nesse dia foi justamente o autor do "ARREPIADO". Não é indignação, não é medo: é desprezo, a emoção de quem se sente vencedor. Do outro lado, a emoção que domina o dia seguinte é a indignação — a emoção de quem perdeu o controle da narrativa.

Para quem aconselha Lula, o gráfico entrega três coisas. A primeira é uma confirmação: a aposta de trocar o debate pelo Flow pagou em exposição, e pagou sobretudo entre quem não é militante organizado — o topo da lista é um perfil de usuário comum, e o segundo conteúdo de defesa mais engajado é de um influenciador que fala de "estratégia política" com desprezo pelo adversário, não com defesa de programa. A segunda é um alerta: o mesmo movimento que rendeu exposição rendeu ao campo adversário o argumento da censura, e esse argumento tem pernas — Flávio Bolsonaro não está sozinho nele, e a decisão da ministra do TSE que proibiu a exibição do púlpito vazio é citada como prova de que o Judiciário operou a favor de Lula. A terceira, e a mais urgente, é uma lacuna: entre as doze publicações que mais circularam, nenhuma é

de um quadro de peso do PT ou da campanha defendendo a decisão presidencial em nome próprio. Quem defendeu Lula foram influenciadores e um perfil anônimo. A campanha deixou que terceiros carregassem o argumento — o que funciona enquanto funciona, e cobra a fatura no dia em que um deles errar o tom. A prioridade não é ampliar o alcance: é ocupar o lugar de quem enuncia a razão da ausência, antes que o adversário consolide a versão de que houve fuga e que a fuga foi protegida pelo tribunal.

O campo que ataca o adversário aparece com força; o campo que ataca Lula pela ausência não produziu nenhuma das peças mais circulantes. A recusa ao debate, assinada pelo próprio Flávio Bolsonaro, ficou entre as mais vistas.

O mesmo desenho se repete no recorte específico do Flow: os influenciadores respondem por 55% do engajamento, e a defesa e a celebração da ida de Lula ao podcast rendem cerca de 669 mil interações contra 214 mil dos ataques — três para um. Partidos e movimentos sociais quase não aparecem. A campanha terceirizou para os influenciadores a defesa de sua decisão mais arriscada do período.



A entrevista foi carregada por influenciadores, não pela estrutura partidária. Somando os três posicionamentos, eles respondem por 55% do engajamento do recorte; a imprensa jornalística vem em segundo, com 20%, e os políticos com 13%. Dentro dos influenciadores, a fatia decisiva é a que celebra: 669 mil interações defendendo a ida de Lula ao Flow contra 214 mil atacando a ausência dele do debate e a escolha do podcast — mais de três para um. Partidos somam 20 mil interações na defesa, e movimentos sociais e terceiro setor mal figuram.

A imprensa é majoritariamente relato: 216 mil interações em publicações neutras ou informativas, contra 142 mil que defendem a ida ao Flow e 39 mil que a criticam. Os políticos, que deveriam ser a voz organizada da campanha, aparecem em terceiro lugar em exposição, com 143 mil interações defendendo e 86 mil atacando. Quem carrega a entrevista, portanto, é o influenciador digital, e é ele quem dá o tom.

O que os influenciadores que defendem mobilizam é orgulho, surpresa e desprezo dirigido aos adversários: arrepiado com o discurso final, língua de chicote, jogada de mestre, o que esse velho entende de estratégia política. O enquadramento é de jogo estratégico e espetáculo — a entrevista como lance de mestre, a Globo como adversária que cancelou o debate, o Flow como palco onde Lula dá aula. Quem ataca usa o mesmo repertório invertido: fuga, covardia, palácio como comitê de campanha.

A campanha terceirizou para os influenciadores a defesa de sua decisão mais arriscada do período. A prioridade é equipar esse porta-voz com argumentos que respondam à acusação de fuga, não apenas com celebração; trazer os políticos para o mesmo enquadramento, para que a defesa não fique só na linguagem da torcida; e ocupar o espaço com a narrativa de que Lula foi ao Flow porque lá fala com o povo. O risco maior é que a onda de orgulho não se converta em voto, porque a base que celebra já é, provavelmente, a base que já vota.

O terreno pago seguiu o mesmo rumo, e não ficou com o governo. O comitê de Renan Santos assina cerca de 68% dos anúncios do recorte, e as candidaturas do Missão, somadas, 81%; a defesa paga é, no essencial, a defesa dele por ter enfrentado a exclusão, e o ataque pago mira a emissora. O comitê de Lula assina perto de 1%.



53 · Quem paga para falar do caso: financiadores de anúncios — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

■ Apoio ■ Oposição ■ Neutro informativo

Anúncio é intenção declarada e registrada, e a intenção que este recorte registra é nítida: 65% dos anúncios financiados no episódio defendem ou celebram um ator e a sua decisão, 31% atacam e denunciam, 4% apenas informam. A defesa paga é, no essencial, a de Renan Santos (MISSÃO) por enfrentar a exclusão; o ataque pago mira sobretudo a Globo, pela exclusão do candidato e pelo cancelamento do debate. O desequilíbrio está em quem assina: o comitê de Renan responde por cerca de 68% de tudo o que se pagou neste recorte, e as candidaturas do Missão, somadas, por 81%. Dentro da barra do principal pagador, 65% das peças o defendem, 33% atacam a emissora e 2% informam. O terreno pago do episódio não ficou com o campo do governo.

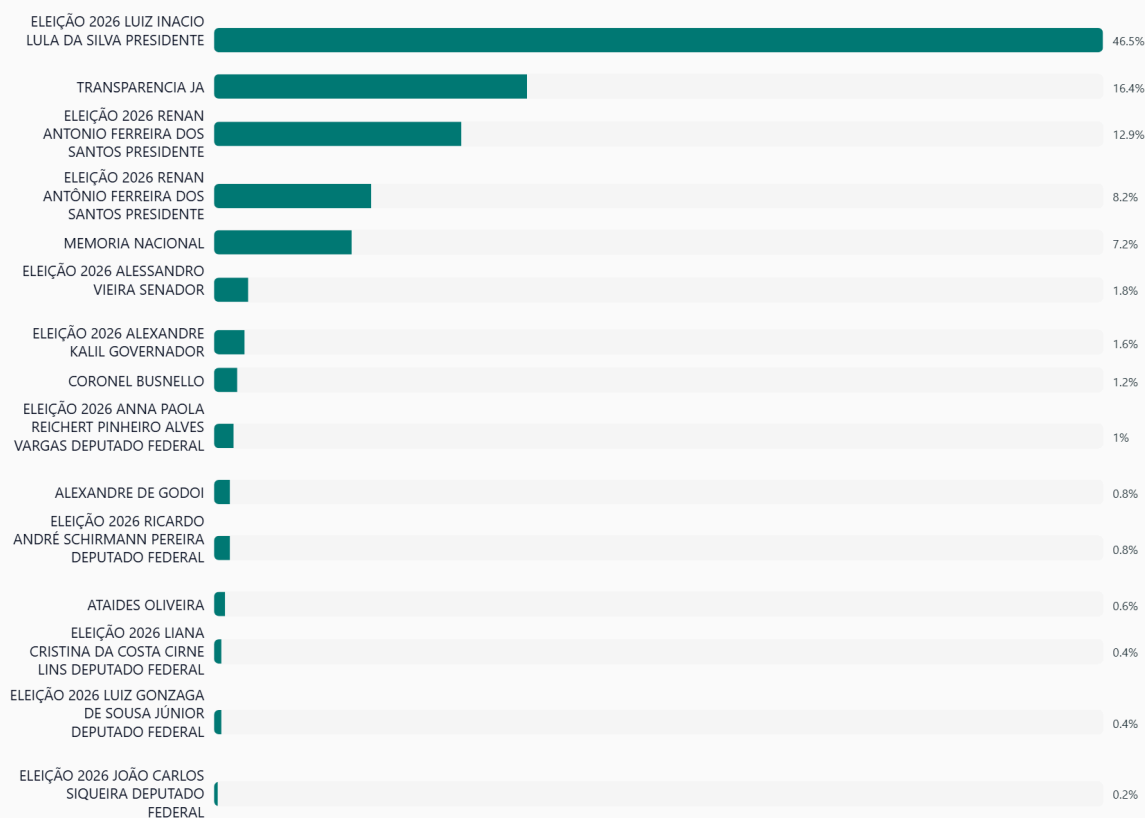
Esse dinheiro compra adesão, não argumento. As peças pedem a colinha — vote 14 para deputado federal —, o cadastro para a live na porta da Globo e a presença no ato marcado para a Rua Von Martius, no Jardim Botânico; a candidata a deputada federal no Rio Grande do Sul emenda o próprio número ao de Renan e ao de Kim Kataguirí (MISSÃO-SP), e converte a exclusão em corrente de votos proporcionais. A três dias do

primeiro turno, a indignação vira lista, comparecimento e bancada. Do outro lado do balcão paga-se currículo: Alexandre Kalil (PDT-MG) usa o debate da Globo para vender experiência e coragem em Minas, com pouco mais de 3% do total. O adversário não comprou visibilidade apenas; comprou a estrutura de uma onda que só cresce enquanto o excluído for lido como injustiçado.

O silêncio de cá é o risco. O comitê de Lula (PT) assina perto de 1% dos anúncios deste recorte, e o que assina celebra a ida ao Flow; a cadeira vazia, que a decisão judicial mandou não destacar, não recebeu defesa paga de ninguém. A denúncia tem endereço quase único — a emissora —, e o resto da fatura se dispersa por candidaturas de MDB, PSB e Republicanos e por páginas que nem candidatura ostentam no nome. Convém evitar o combate que o episódio oferece de graça: censura, Judiciário e regras de debate são terreno em que a esquerda entra dividida e em que o adversário já ocupa a posição de vítima. Melhor gastar no que o recorte mostra que funciona: a defesa da entrevista ao Flow, que o público foi buscar sem precisar de empurrão, e a resposta ao que o eleitor de fato pergunta — custo de vida, emprego, segurança.

A oportunidade está no vazio que ninguém pagou para preencher: o eleitor que queria ver o debate e não viu, e que ficou com a impressão de que o sistema inteiro — emissora, Justiça, campanhas — não deu conta de organizar uma conversa. Quem falar a esse eleitor em nome da clareza, e não da própria conveniência, recolhe o que os outros deixaram na mesa. A ordem é esta: não alimentar a narrativa de censura; ocupar o espaço da entrevista com conteúdo substantivo e não com a defesa da própria ausência; e só depois disputar a regra dos debates, no fórum próprio e não no anúncio, porque anúncio sobre regra eleitoral é dinheiro queimado em público que já decidiu de que lado está.

Em dinheiro declarado pelo piso da faixa — a Meta informa intervalos, nunca o valor exato —, o recorte soma R\$ 33.500: R\$ 8.000 de uma página sem candidatura no nome, R\$ 7.500 da campanha de Lula, R\$ 10.300 somados pelas duas páginas de Renan Santos. O campo de Renan faz mais de quatro quintos das peças com menos de um terço do dinheiro; a campanha de Lula compra uma peça de peso e nada mais. E o calendário denuncia a lógica: a presença paga é pequena em 29 de setembro, triplica em 30, quando o assunto vira notícia, e some em 1º de outubro, quando o caso se resolve. Ninguém comprou este debate; todos reagiram a ele.



54 · Quanto se investe: gasto declarado por financiador (piso da faixa)

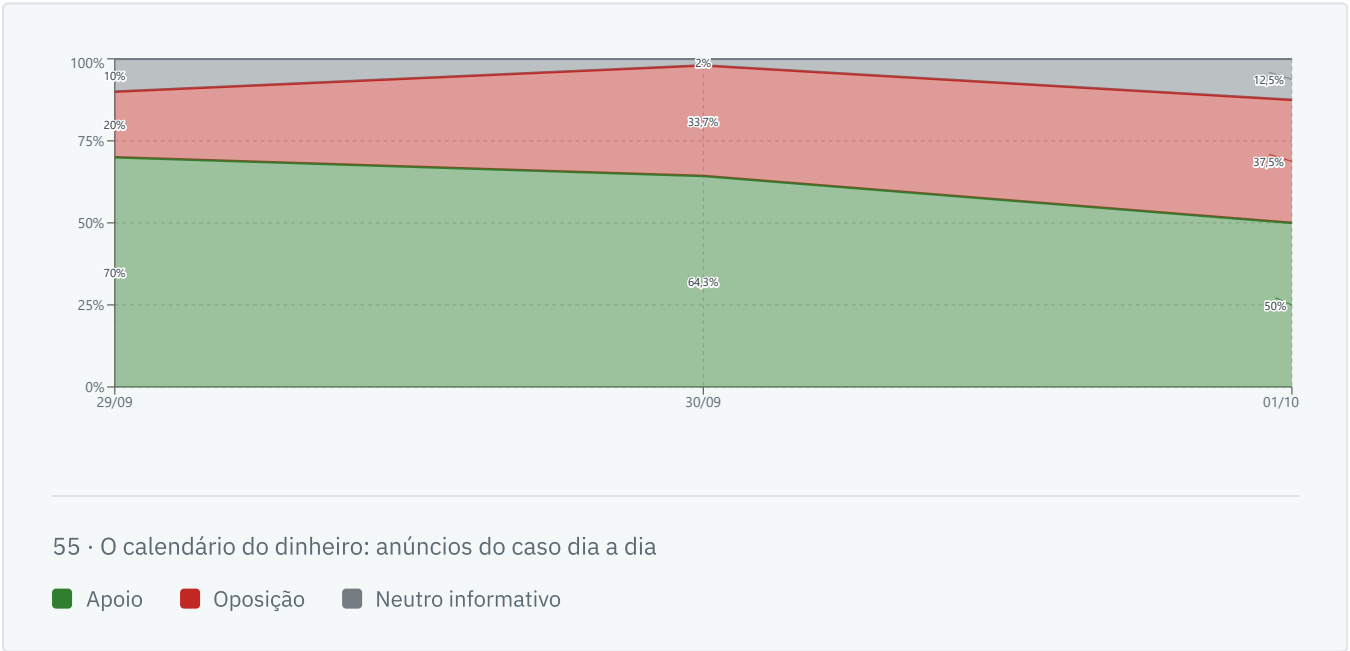
O quadro mede dinheiro declarado, e mede por baixo: a Meta informa faixas de gasto, nunca o valor exato, de modo que a leitura aqui é sempre o piso da faixa. No recorte, esse piso soma R\$ 33.500, distribuídos de forma desigual. O maior piso isolado é de um financiador que não traz candidatura no nome, Transparência Já, com R\$ 8.000, 23,9% do total; logo atrás vem a campanha de Lula (PT), R\$ 7.500, 22,4%; depois as duas páginas de Renan Santos (MISSÃO), R\$ 6.300 e R\$ 4.000, que somadas fazem R\$ 10.300, 30,7% do dinheiro — nenhuma delas, sozinha, lidera. Memória Nacional fecha o grupo dos cinco maiores com R\$ 3.500, 10,4%. Esses cinco concentram 87,5% do piso; os dez financiadores restantes dividem 12,5%, e é aí que aparecem as candidaturas estaduais e legislativas do Missão ao lado de Alessandro Vieira (MDB-SE), Alexandre Kalil (PDT-MG) e Alexandre de Godoi (NOVO-MG). Para quem disputa a Presidência, R\$ 33.500 é caixa de bairro: o que decide aqui não é o montante, e sim a quem se destina e quantas vezes a mensagem se repete.

A repetição está claramente de um lado. O campo de Renan responde por mais de quatro quintos das peças do recorte com menos de um terço do dinheiro; a campanha de Lula concentra pouco mais de um quinto do gasto em menos de 2% das peças. A razão entre o gasto médio por peça dos dois blocos passa de trinta para um. Isso desenha duas estratégias distintas: de um lado, compra-se reconhecimento de nome em gotas baratas e numerosas, que é exatamente o instrumento de quem tem menos recall e acabou de ser deixado fora do debate da TV Globo; do outro, compra-se uma peça de peso — a entrevista ao Flow Podcast, em 30 de setembro — e nada mais nesta frente. Renan fez do púlpito vazio a sua tribuna:

protestou em frente à emissora falando em cartas marcadas, acusou a Globo de proteger Flávio Bolsonaro (PL) do confronto e transformou a exclusão em bandeira. Anúncio barato e repetido é a forma mais eficiente de fazer um nome circular entre quem ainda não o conhece.

Há um terceiro elemento, e ele é o mais desconfortável. Dois financiadores cujo nome não remete a nenhuma candidatura — Transparência Já e Memória Nacional — somam R\$ 11.500, 34,3% do piso, mais do que a própria campanha de Lula declara neste recorte; e um deles carrega o maior piso isolado de todo o quadro. Financiador sem candidatura no nome tem menos incentivo a moderar o tom e nenhuma assinatura a defender depois. Antes de responder, é preciso saber quem paga: se a narrativa do ausente está sendo bancada por fora da estrutura formal das campanhas, o interlocutor político não existe e a resposta possível é factual — o que houve, com data e nome, do aviso da campanha à Globo em 30 de setembro à desistência de Flávio anunciada às 19h30 de 1º de outubro —, não a réplica no mesmo registro.

Na prática, três prioridades, nesta ordem. Não entrar na disputa de volume: comprar peça barata contra peça barata equivale a financiar o enquadramento do adversário com o próprio orçamento, e o piso disponível não sustenta essa corrida. Escalar onde o alcance não foi pago — a entrevista ao Flow registrou 1.640.193 espectadores simultâneos no pico, audiência que R\$ 7.500 jamais comprariam; o caminho é re-aplicar os cortes daquela conversa nos públicos onde a dúvida sobre a ausência pega. E acompanhar para onde migra o esforço barato do campo de Renan: se a narrativa do excluído for absorvida pela candidatura de Flávio, a esquerda passa a enfrentar dois fluxos de dinheiro convergindo no mesmo voto útil — e aí o problema deixa de ser de mensagem e passa a ser de aritmética eleitoral.



A campanha paga que acompanhou o debate que não houve foi, em esmagadora maioria, uma campanha de tomar partido: as peças que defendem ou celebram uma decisão — a ida de Lula (PT) ao Flow em vez do debate, o enfrentamento de Renan Santos (MISSÃO) à exclusão, a recusa de Flávio Bolsonaro (PL) ao que ele chama de censura — respondem por cerca de dois terços do que circulou; o ataque e a denúncia, contra a Globo pela exclusão e pelo cancelamento, contra Flávio pela desistência, contra Lula pela ausência e contra o Judiciário pela interferência, ficam com pouco menos de um terço; e o relato puro não chega a um em cada vinte. O achado não está na composição, e sim no calendário: em 29 de setembro, dia em que Kassio

Nunes Marques garantiu o Novo no debate e negou o Missão, a presença paga no assunto correspondia a pouco mais de um quinto do período; em 30, dia do aviso da campanha de Lula à Globo e da confirmação do Flow, ela mais que triplica e passa a concentrar quase três quartos de tudo; em 1º de outubro, dia do cancelamento e do protesto em frente à emissora, some, reduzida a menos de 6% do conjunto.

Essa concentração em um único dia responde à pergunta que a conjuntura impõe: reação ou estratégia? Reação, e das mais puras. O dinheiro entra quando o assunto vira notícia, no dia do anúncio da ausência e da entrevista, e sai quando o caso se resolve, no dia do desfecho. Na composição interna, o ataque sobe exatamente ali onde o volume desaba — em 1º de outubro o ataque responde por mais de um terço do pouco que circulou, contra um quinto em 29 de setembro —, sinal de que o adversário comprou espaço para fixar culpa no instante em que o campo da defesa de Lula e de Renan já havia recolhido o seu. Repare também no quase-desaparecimento do relato: ninguém compra anúncio político para explicar o que aconteceu; compra-se para dizer de quem foi a culpa. O inventário pago deste episódio não descreve o debate, ele o julga.

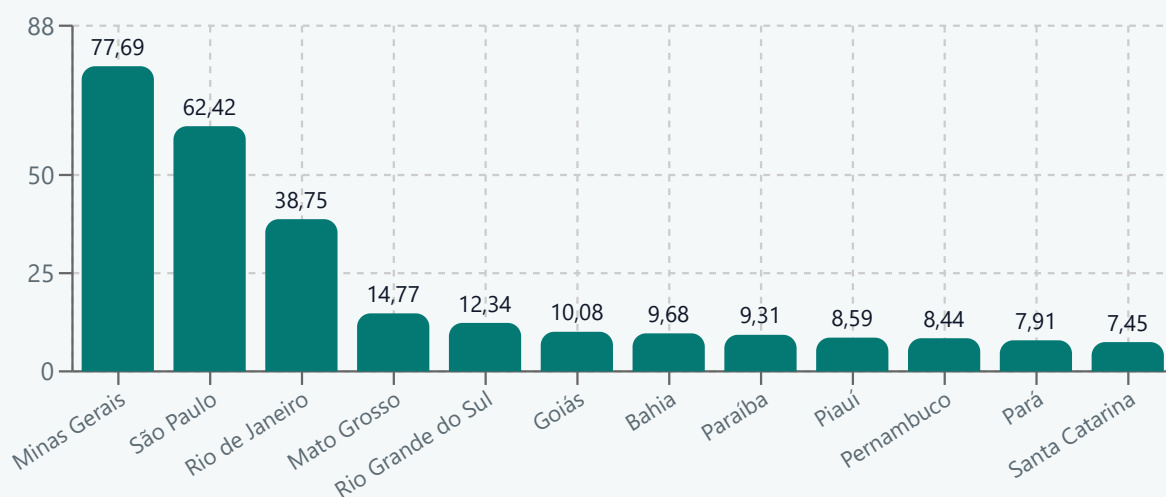
A leitura eleitoral é direta. Faltando três dias para o primeiro turno, a mobilização paga em torno do episódio esgotou-se no dia em que a dúvida sobre a ausência ainda não havia assentado, deixando o resíduo — a virada de 1º para 2 de outubro, quando a cadeira vazia, o protesto e as decisões judiciais passaram a circular sem contrapeso publicitário do lado que tinha interesse em enquadrá-los como escolha política e não como fuga. Enquanto isso, o campo que ataca mantinha presença em todos os três dias, inclusive no último, com mais de um terço das peças naquele dia: proporção pequena sobre volume pequeno, mas contínua, e continuidade é o que sustenta um enquadramento. A oportunidade está no objeto, não no volume: a peça que defende a ida ao Flow ou o enfrentamento à exclusão nomeia a decisão, e a que ataca precisa nomear o alvo, e é o alvo que fica em disputa quando o anúncio não o diz.

O conselho, em ordem de prioridade. Sustentar o investimento pago no ciclo final, 2 e 3 de outubro, porque o resíduo pós-evento é o terreno em que a dúvida sobre a ausência se instala e ninguém mais está comprando ali. Fixar em cada peça o objeto do que se defende ou se ataca, com nome e ato: a cadeira que interessa ao campo de Lula é a que Flávio deixou ao desistir, e a peça que não nomeia o ausente entrega ao adversário o direito de escolher o nome. Disputar no pago o enquadramento da censura, o único com lastro judicial que rende ao adversário vitimização crível; deixá-la sem resposta é aceitar que a última palavra sobre 1º de outubro seja a de quem não foi. E converter parte do esforço de celebração — que já cumpriu seu dia, o de 30 — em resposta ao ataque, porque celebrar decisão vencida não move voto e responder ao ataque ainda pode.

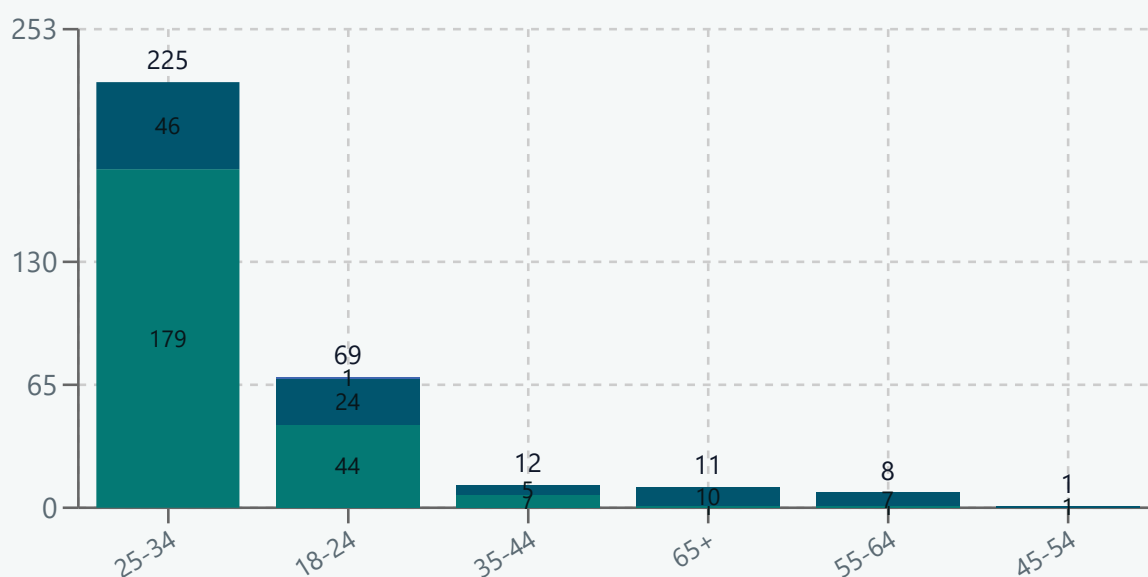
A audiência comprada é estreita e não é a do eleitorado brasileiro. As faixas de 25 a 34 anos respondem por 63% da entrega e as de 18 a 24 por 32%: 95% até os 34 anos. Homens são 78%. Rio de Janeiro e Minas Gerais lideram, mas São Paulo entrega o mesmo que Sergipe. Quem pagou para falar do debate falou com quem já estava no corredor em que a mensagem circula de graça.

56 • Para quem se fala: audiências dos anúncios

ANÚNCIOS	PÁGINAS	FINANCIADORES	GASTO ESTIMADO	ATIVOS	ESTADOS ALCANÇADOS
434	66	70	R\$ 70.400 – R\$ 123.966	303	29

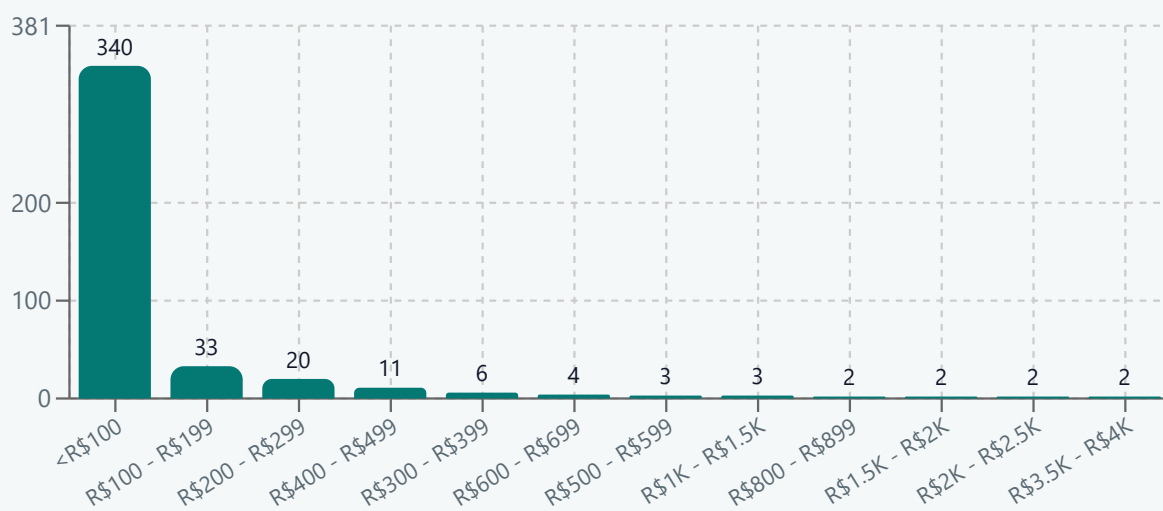


Audiência por estado (peso da entrega)

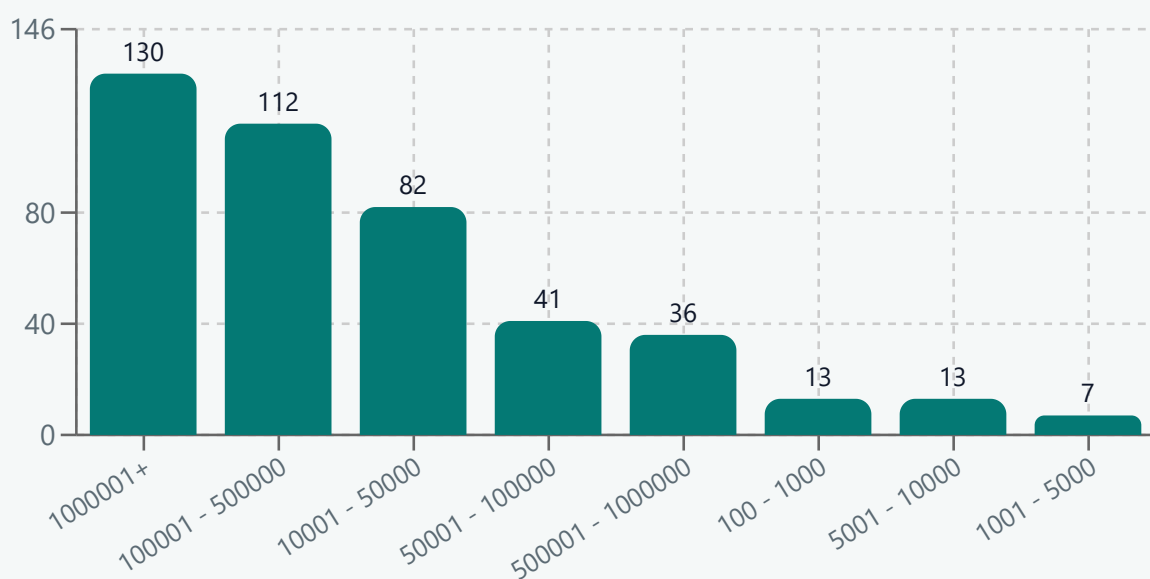


Audiência por idade x gênero (anúncios)

Homens Mulheres Não informado



Faixas de gasto (R\$)



Audiência estimada por faixa

FINANCIADOR	ANÚNCIOS	GASTO ESTIMADO
ELEIÇÃO 2026 RENAN ANTÔNIO FERREIRA DOS SANTOS PRESIDENTE	123	R\$ 9.200 – R\$ 22.577
ELEICAO 2026 RENAN ANTONIO FERREIRA DOS SANTOS PRESIDENTE	103	R\$ 6.500 – R\$ 17.497
LUCAS BRANDÃO PELUCIO	34	R\$ 0 – R\$ 3.366

ELEIÇÃO 2026 RAFAELL MILAS DE OLIVEIRA GOVERNADOR	14	R\$ 100 – R\$ 1.486
ELEICAO 2026 INGRID LUANA CARDOSO DEPUTADO ESTADUAL	13	R\$ 0 – R\$ 1.287
JOÃO NAGASHI	11	R\$ 0 – R\$ 1.089
ELEIÇÃO 2026 INGRID LUANA CARDOSO DEPUTADO ESTADUAL	10	R\$ 0 – R\$ 990
ELEIÇÃO 2026 KIM PATROCA KATAGUIRI DEPUTADO FEDERAL	10	R\$ 1.000 – R\$ 1.990
GIORDAN MENESES	6	R\$ 0 – R\$ 594
ELEIÇÃO 2026 DIEGO ALVES DE MIRANDA DEPUTADO ESTADUAL	6	R\$ 200 – R\$ 794
ELEICAO 2026 ALEXANDRE KALIL GOVERNADOR	5	R\$ 800 – R\$ 1.295
ELEIÇÃO 2026 CATARINA NEVES DE SOUZA DEPUTADO FEDERAL	5	R\$ 1.100 – R\$ 1.595

O debate que não houve foi comprado, na peça paga, para um público que não é o eleitorado brasileiro médio. Entre as faixas etárias alcançadas, 25 a 34 anos respondem por 63% da entrega e 18 a 24 por 32%; somadas, as duas faixas ficam com 95%, e o que passa dos 35 anos se reparte nos 5% restantes. No gênero, a assimetria repete o desenho: 78% da entrega vai para homens, 22% para mulheres — três homens e meio por mulher. É a plateia do podcast e do corte, não a do noticiário das oito.

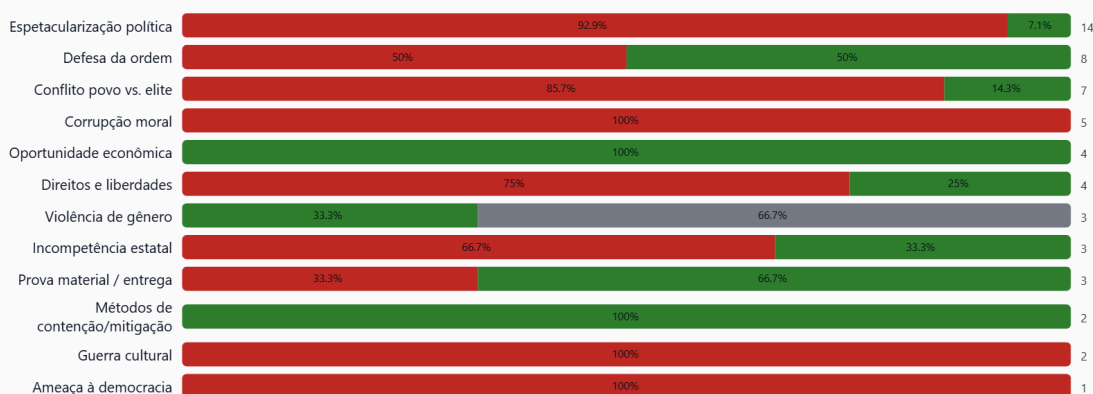
A distribuição geográfica confirma o padrão e acrescenta um dado que interessa a quem vai decidir onde pôr dinheiro. Rio de Janeiro, com pouco mais de 13% da entrega, e Minas Gerais, com quase 11%, aparecem à frente, mas nada ali é cerco: os oito estados seguintes — São Paulo, Sergipe, Goiás, Espírito Santo, Maranhão, Distrito Federal, Alagoas e Rio Grande do Sul — formam um bloco de empate técnico entre 9% e 10%. São Paulo vale o mesmo que Sergipe. Nenhum estado passa de um sétimo da entrega, e a hierarquia, quando aparece, acompanha a geografia do episódio: a Globo e o protesto em frente à sua sede, no Rio, e o governo de Romeu Zema (NOVO) em Minas, um dos confirmados no palco que não houve.

Leia-se o conjunto como aquisição de público e o resultado é claro: quem paga essa peça compra reforço num corredor estreito, de homens jovens, onde a mensagem já circula de graça. Lula (PT) deu no Flow Podcast, no horário do debate cancelado, a entrevista que chegou a 1,64 milhão de espectadores simultâneos no pico — esse é o público que as peças sobre o caso encontram, junto com o púlpito vazio que a Justiça eleitoral proibiu de exibir com destaque. Se o comprador é o campo que acusa Lula de ter fugido do confronto, a acusação está sendo servida a quem já a ouviu; se é o próprio campo do governo, o gasto repete a mensagem em vez de levá-la a quem ainda não a recebeu.

A consequência prática, para quem aconselha Lula e a esquerda, começa por não confundir calor com peso: o caso ardeu num segmento que é minoria do eleitorado, e a leitura de que o debate cancelado virou a eleição não se sustenta na composição da entrega. A resposta à acusação de fuga, repetida por Flávio Bolsonaro (PL) e pelos que estavam confirmados no debate, não pode ficar no corredor em que a acusação foi entregue; precisa alcançar mulheres e eleitores de 35 anos ou mais, que as peças sobre o assunto prati-

camente não tocam. Rio e Minas pedem atenção redobrada, porque concentram a entrega e o assunto deve custar mais a esfriar ali. São Paulo, nivelado a Sergipe, é a brecha que ninguém do outro lado parece estar comprando.

E os enquadramentos das peças pagas mostram para que se comprou espaço: dois terços atacam ou denunciam alguém, a espetacularização política organiza um quarto do que se enquadra, e a disputa entre povo e elite aparece com 12%, quase toda em repúdio à emissora. Nenhuma peça paga do recorte defende Lula por ter ido ao Flow. A briga comprada é com a Globo e com o Judiciário, não com o presidente — o que dispersa o ataque, mas também deixa o vazio da ausência sem contra-enquadramento.



57 · O que dizem os anúncios: enquadramentos das peças pagas

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

Os anúncios que compraram o debate que não houve compraram briga, não argumento. Nas peças em que circulam o debate da Globo, o Flow e a exclusão de Renan Santos (MISSÃO), dois terços atacam ou denunciam alguém — a Globo pela exclusão do candidato e pelo cancelamento, Flávio Bolsonaro (PL) pela desistência, Lula (PT) pela ausência, o Judiciário pela interferência —, 32% defendem ou celebram um ator e sua decisão, e 4% apenas relatam. O enquadramento mais acionado é a espetacularização política, que organiza o texto como palco, evento e confronto encenado: um quarto de tudo o que as peças enquadram, e 93% dessas peças na chave do ataque. Como uma peça aciona vários enquadramentos, os percentuais se leem dentro de cada enquadramento, não como fatias de um todo.

A cena se vende sem pudor: "Renan ao vivo na porta da Globo", "mostra a nossa força", "inscreva-se e receba o link da live", "vote nos deputados da Missão: digite 14". O enquadramento que divide o mundo entre o povo e a elite que o trai é o segundo mais acionado, com 12% do que se enquadra, e 86% de suas peças são ataque com alvo nomeado — "a Globo tirou o Renan do debate, e ele respondeu na cara". A corrupção moral, que trata o conflito político como falha de caráter e de probidade, só aparece em ataque: "quem foge do debate, foge da verdade", assinado por Alessandro Vieira (MDB-SE) contra o senador André Moura (UNIÃO-SE). Somadas, as três queixas fazem 46% dos enquadramentos acionados.

O polo da defesa e da celebração, 32%, fala na voz de uma só campanha. A oportunidade econômica, que mede a promessa de ganho material, aparece integralmente em celebração — do "no meu governo você vai ter iPhone" ao enfileiramento do número próprio com os padrinhos do partido. A prova material de entrega, o enquadramento da entrega concreta, com programa, nome e número, aparece duas vezes mais na chave da defesa do que do ataque, e a defesa da ordem, que trata o tema como questão de lei e autoridade, se divide meio a meio entre celebrar a decisão de quem foi e denunciar a de quem faltou. É o retrato de um campo — o de Renan Santos e da Missão — que comprou o assunto para transformar exclusão em palanque, e de um adversário, Alessandro Vieira, que comprou a mesma palavra-chave para outra briga, a sua, em Sergipe. Nenhuma peça paga, no recorte, defende Lula por ter ido ao Flow: a ausência do presidente no debate da Globo não virou argumento de anúncio nem para quem o apoia nem para quem o ataca. Quem pagou para falar do debate pagou para atacar a Globo, atacar Flávio ou atacar o Judiciário.

Para quem aconselha Lula, o dado é uma oportunidade e um risco na mesma frase. A oportunidade: o campo que mais investiu em anúncio sobre o debate gastou para brigar com a Globo e com o TSE, não para defender o presidente — a peça paga do adversário não está montando o caso contra Lula, está montando o caso contra a emissora e contra a Justiça, e isso dispersa o ataque. O risco: a espetacularização política, o enquadramento que domina as peças, é a gramática que transforma ausência em fuga e recusa em covardia, e é exatamente a gramática que Flávio usou na live ao chamar Lula de covarde e que Cury usou ao chamá-lo de fujão. Se a campanha do presidente deixar o vazio do púlpito sem resposta paga, o adversário preenche o vazio com o enquadramento que já comprou. A prioridade é uma só: comprar o contra-enquadramento da ausência — não negar que Lula faltou, mas enquadrar a ida ao Flow como escolha de falar direto ao eleitor, com número, data e entrega, porque a prova material de entrega é o único enquadramento do recorte que aparece quase todo na chave da defesa, e é o que a esquerda tem e não está usando. O que evitar: entrar na briga sobre a Globo e sobre o Judiciário, que é a briga do adversário e não a do governo.

QUEM GANHOU E QUEM PERDEU A NOITE: O PLACAR POR ALVO

O posicionamento dos gráficos separa defesa de ataque, mas não diz quem é defendido nem quem é atacado: a mesma publicação zomba de Flávio Bolsonaro e exalta Lula, ou ataca a Globo e celebra Renan Santos. Para saber a quem cada juízo se dirige, as publicações de maior alcance do episódio — 9,4 milhões de interações, de 30 de setembro à manhã de 2 de outubro — foram relidas com uma pergunta para cada alvo: o sentimento do texto em relação a ele, a emoção que lhe dirige, a fundação moral que lhe associa e a posição sobre a decisão que tomou. Tudo ponderado por interações.

Lula é o único dos dois líderes com saldo favorável. Das interações em publicações que o citam, 57% lhe são favoráveis, 26% desfavoráveis e 17% apenas informam. Entre as que tomam posição sobre a troca do debate pelo Flow — pouco mais de um terço do caso —, 80% apoiam e 20% rechaçam. A emoção dirigida a ele é sobretudo orgulho (41%), seguida de desprezo (22%), alegria (17%) e indignação (13%). A carga moral se divide: a autoridade, o presidente que trata o cargo com seriedade, responde por 23%, e a liberdade por 18%; do outro lado, o vício da trapaça, a tese do jogo combinado com o Judiciário, também por 23%, e o da traição, a fuga, por 10%.

Flávio Bolsonaro é o maior perdedor entre os candidatos. Dois terços das interações em publicações que o citam, 67%, lhe são desfavoráveis, e 23% favoráveis. Entre as que se posicionam sobre a desistência, 71% a rechaçam e 29% a apoiam. O desprezo responde por 80% das emoções dirigidas a ele, e o vício da traição — a fuga do confronto, a deslealdade com o eleitor — por 54% da carga moral, com a trapaça em 17%. A defesa existe e fala em liberdade e em lealdade, 8% cada: é a recusa da censura.

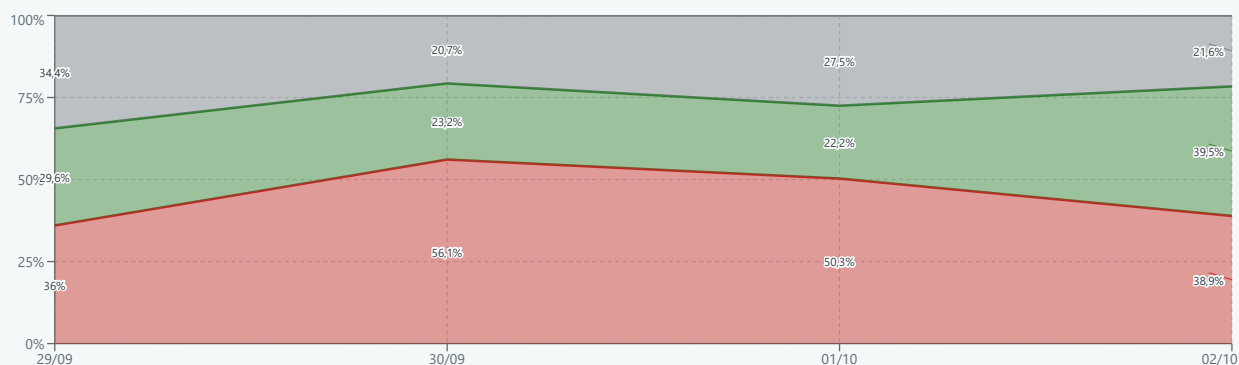
Renan Santos tem o melhor saldo dos quatro: 68% de interações favoráveis e 20% desfavoráveis. O orgulho lidera as emoções, com 39%, e a carga moral reúne a liberdade (23%), a lealdade de quem enfrenta (18%) e o vício da desigualdade (17%), o tratamento desigual de quem foi alvo. A Rede Globo tem o pior: 73% desfavoráveis e 4% favoráveis, com desprezo (54%) e indignação (39%), o vício da trapaça em 68% da carga moral e o da opressão em 22%. Entre quem se posiciona, 93% rechaçam a exclusão de Renan e 80% rechaçam o cancelamento.

O que mudou em quarenta e oito horas é a quem se atribui o fracasso do debate. Na véspera, 30 de setembro, a Globo respondia por 68% das atribuições de responsabilidade, Lula por 14% e Flávio por 11%: o caso era um escândalo contra a emissora, e a acusação a Flávio era de trapaça, a do candidato protegido. Na noite de 1º de outubro, que concentra três quartos de todas as interações do episódio, a conta se reparte entre Flávio (33%), a Globo (30%) e o Judiciário (28%), com Lula em 7%. A acusação a Flávio muda de trapaça para traição, que passa a 56% da carga moral dirigida a ele, e a tese da censura triplica o sentimento que lhe é favorável, de 8% para 26%. Renan troca de papel sem perder saldo: de vítima da exclusão, com indignação e desigualdade, a vencedor, com orgulho e lealdade.

A manhã de 2 de outubro traz o aviso. O volume ainda é pequeno, cerca de um vigésimo do caso, mas o Judiciário passa a ser o mais responsabilizado (37%), à frente de Flávio (34%), e Lula se divide: 49% de interações favoráveis e 47% desfavoráveis, com o vício da trapaça em 45% da carga moral dirigida a ele. Flávio segue com 91% de interações desfavoráveis. A noite foi de Lula; a tese do jogo combinado com o Judiciário é o que pode tirar dele o dia seguinte.

DE QUEM E DO QUE SE FALA

No acumulado dos quatro dias do caso, 47% do engajamento está em publicações que atacam e denunciam — a Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, Flávio pela desistência, Lula pela ausência, o Judiciário pela interferência —, 30% em publicações que defendem e celebram uma decisão e 23% em relato. Esse bloco majoritário de repúdio não é um veredito contra o governo: é uma coalizão de queixas com alvos incompatíveis, e o mesmo tom cobre a acusação à ausência de Lula e a denúncia da desistência de Flávio. Vale acompanhar a virada: em 2 de outubro a celebração passa à frente, 41% contra 39%. Quem lê ali um aval à reeleição infla o dado, porque a celebração do dia seguinte é um balcão de três mercadorias — o Flow, o enfrentamento de Renan, a recusa de Flávio.



4 · A curva do caso: o posicionamento dia a dia — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

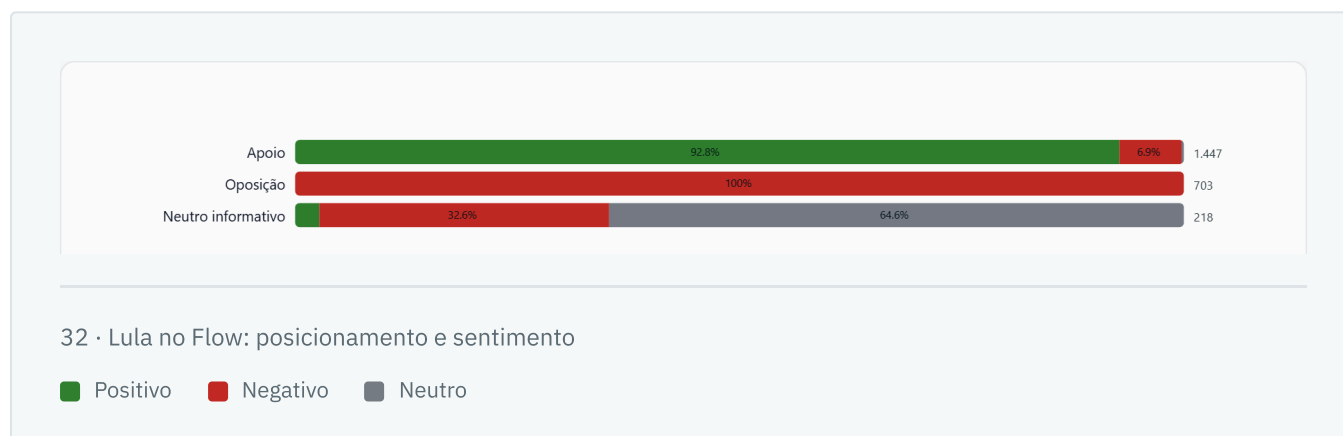
Em 29 de setembro, quando a ausência de Lula (PT) no debate da Globo ainda era negociação, o engajamento do recorte era pequeno e a composição, quase um empate: 36% de ataque e denúncia contra a emissora, contra Flávio Bolsonaro (PL) e contra o Judiciário, 34% de relato informativo e 30% de defesa e celebração das escolhas em disputa. Em 30 de setembro, com a ausência comunicada e a entrevista ao Flow confirmada, a denúncia sobe a 56% e a celebração recua a 23%. Na noite do cancelamento, 1º de outubro, a exposição do dia salta para 2,3 milhões de interações e a denúncia — à Globo, a Flávio, ao TSE e ao STF — sustenta 51%, contra 27% de relato e 22% de celebração do Flow, do enfrentamento de Renan Santos (MISSÃO) à exclusão e da recusa de Flávio ao que ele chama de censura. Em 2 de outubro a hierarquia se inverte: 41% de celebração, 39% de denúncia e 20% de relato. No acumulado dos quatro dias, a denúncia fica com 47%, a celebração com 30% e o relato com 23%.

A razão entre os polos diz mais que cada fatia isolada: em 30 de setembro havia 2,4 gestos de ataque para cada gesto de defesa; em 1º de outubro, 2,3; em 2 de outubro, menos de um, com a celebração à frente por dois pontos. Só que esse bloco de denúncia não é um veredito contra o governo, e sim uma coalizão de repúdios com alvos distintos: a Globo pela exclusão de Renan Santos e pelo cancelamento, Flávio Bolsonaro pela desistência, Lula pela ausência e o Judiciário pela interferência de última hora. Pelos textos que mais rodaram, os dois repúdios mais transportáveis são o da censura judicial — bandeira que Flávio ergueu ao anunciar que não iria "em função da censura imposta ao evento pelo TSE" — e o da fuga do candidato do PL, gritada em frente à emissora pelos apoiadores de Renan.

Convém não confundir intensidade com convencimento. Engajamento mede exposição, e a exposição se concentra em poucas publicações virais: a mais engajada de 1º de outubro foi a celebração de um eleitor com a entrevista no Flow, o que prova que aquele conteúdo viajou, não que o eleitorado tenha se movido. E o polo da celebração, no dia da virada, é um balcão de três mercadorias — o Flow de Lula, o enfrentamento de Renan Santos à exclusão e a recusa de Flávio Bolsonaro à censura que ele alega. Parte daquele 41% é de adversários comemorando a própria jogada; quem lê ali um aval à reeleição infla o dado, porque o gráfico não separa as três fatias.

Para quem aconselha Lula, a leitura se ordena pelo que rende e pelo que cobra. O maior ativo é a entrevista: ela produziu a peça viral do dia de pico e atravessou o campo adversário, e esse ganho se preserva tratando o Flow como canal permanente de conversa, não como compensação por um debate que não houve — a defesa do formato vale mais que a justificção da ausência. O risco maior está no flanco judicial: cada decisão que mexe no palco do debate, da cadeira vazia que não podia ser exibida com destaque ao púlpito do ausente, engorda o enquadramento de censura, o argumento mais transportável do adversário, e ajudou a manter a denúncia em 51% do engajamento daquela noite. Resta um flanco que não se deve alimentar: Renan Santos converteu a exclusão em palanque e o repúdio a Flávio em notoriedade própria, de modo que o enquadramento mais rentável ao governo é a fuga do candidato do PL, não a perseguição ao candidato do Missão. O relato informativo, que subiu a 27% no dia do fato e caiu a 20% no dia seguinte, indica que a agenda do episódio já passou do pico; nas horas que restam até o primeiro turno, a disputa é entre a fuga e a censura, e é nessa briga que a campanha precisa escolher de que lado quer ser vista.

Isolado o recorte da entrevista, a decisão de trocar o debate pelo podcast aparece defendida e celebrada, não acusada de fuga: 61% de defesas e celebrações, 30% de ataques, 9% de relato, dois para um. O tom acompanha a posição em 93% do bloco da celebração. O risco não está no ataque de fora, e sim na costura interna: um terço do relato informativo vem com valência negativa, tratando a entrevista como jogada. É por essa fresta que a acusação de fuga volta.



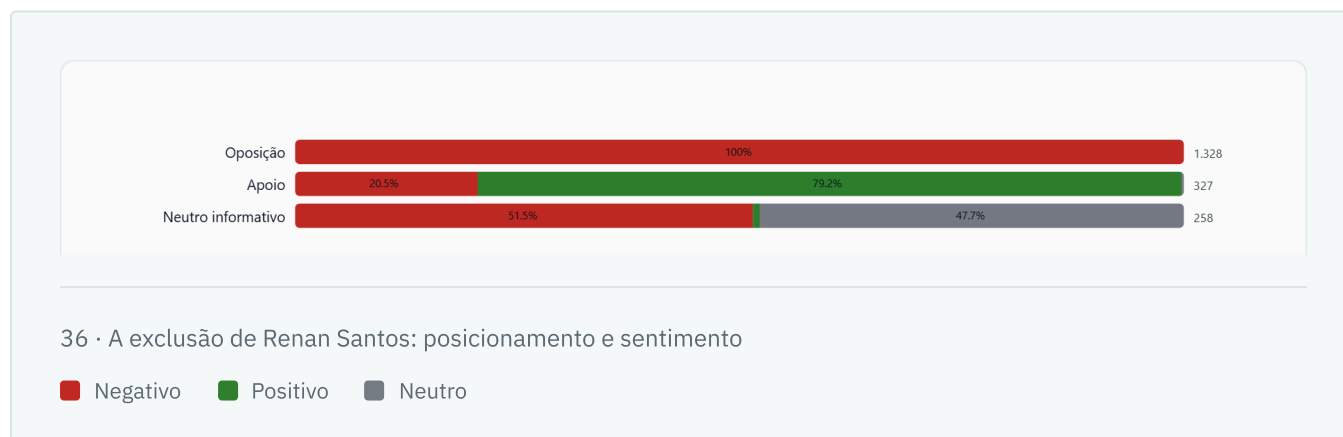
A decisão de trocar o debate da TV pela entrevista ao Flow sai deste recorte defendida e celebrada, não acusada de fuga: 61% das publicações que citam a entrevista a defendem ou comemoram, 30% atacam e denunciam, 9% apenas relatam — dois contra um. O tom acompanha a posição: no bloco da celebração, 93% vêm em valência positiva, que é o tom geral do texto; no bloco do ataque não há uma publicação sequer de tom positivo ou neutro. A leitura da ausência como escolha de palco venceu, neste recorte, a leitura da ausência como fuga. Isso quer dizer que o custo do não-debate não se converteu em ferida, e a campanha pode falar do que entregou em vez de se justificar por onde não foi.

O risco não está no ataque de fora, e sim na costura interna dos blocos. Um terço do relato informativo vem com valência negativa: é o texto que se apresenta como descrição e opera como juízo ao tratar a entrevista como jogada — enquadramento, aqui, é o modo como o texto organiza o assunto, e o de jogo estratégico lê a política como tabuleiro, não como convicção. É por essa fresta que a acusação de fuga volta amanhã. Do outro lado, 7% de quem celebra o faz em tom negativo, atacando a emissora, o Moro, o adversário e conclamando ao boicote do debate. Defesa por inimizade rende mobilização e cobra preço: transfere ao candidato o ônus de um confronto que não houve.

Convém ver onde a negatividade cai. Os trechos mais engajados do bloco do ataque não cobram a ausência de Lula: cobram do desistente e reproduzem os golpes desferidos na própria entrevista, os de vira-lata e nunca trabalhou na vida. O repúdio mistura objetos — à desistência de Flávio Bolsonaro (PL), ao cancelamento, à suposta censura que ele alega, e uma franja à ausência de Lula — e, pelos trechos, prevalece o primeiro. Parte das publicações cita o Flow de passagem, porque o assunto real é o debate cancelado. A orientação é estreitar o alvo: bater no desistente e no seu histórico, não na emissora, e não entregar à esquerda o papel de quem quis derrubar o confronto.

O teste que interessa até domingo é outro. Disputar um terreno não é aparecer nele, e o que sustenta a celebração majoritária não é só a esperteza da manobra, mas o conteúdo: cartão de crédito, bets, o caso Master, o recado à juventude — entrega com nome, número e assinatura. A prioridade é converter a audiência do palco em proposta verificável, porque exposição não é persuasão e voto não se move com interação; recusar o tom de boicote ao debate, que entrega ao adversário a narrativa de que a esquerda queria derubá-lo; e desarmar o enquadramento estratégico com substância, antes que a descrição do cálculo seja relida como confissão de fuga.

O recorte da exclusão de Renan Santos unifica o tom: oito em cada dez publicações que o citam vêm com valência negativa, 69,5% atacam e denunciam, 17,1% defendem e 13,3% apenas narram. A denúncia se reparte entre a Globo, acusada de cartas marcadas, Flávio, tratado como quem recuou, e o Supremo, pelo vaivém entre a negativa de Cármen Lúcia e a liminar de Gilmar Mendes; em escala menor, o próprio Renan, alvo de escárnio. Quatro ataques para cada defesa, e o relato contaminado pela metade.



A exclusão de Renan Santos (Missão) unificou uma coisa no debate: o tom. De cada dez publicações que citam o candidato ou o partido desde a véspera do debate cancelado, oito vêm com valência negativa. No conjunto, 69,5% atacam e denunciam — a Globo pelo corte, Flávio Bolsonaro (PL) pela desistência, o Supremo Tribunal Federal pela interferência, ou o próprio Renan pelo escárnio —, 17,1% defendem e celebram a resistência dele à exclusão e 13,3% apenas narram: são quase quatro ataques para cada defesa, e o ataque é mais de cinco vezes o relato. No bloco da denúncia, o tom é integralmente negativo; no da defesa, 79% são positivos e 21% negativos, o que indica que boa parte de quem o defende o faz atacando a emissora e Flávio, não elogiando o candidato; e no bloco que se apresenta como relato, 51% carregam valência negativa contra 48% de tom neutro.

Um assunto assim deixa de ser notícia e vira campo de acusações cruzadas. A denúncia se reparte entre a Globo, acusada de cartas marcadas por ter barrado o candidato e cancelado o debate, Flávio Bolsonaro, tratado como quem recuou por medo, e o Supremo Tribunal Federal, pelo vaivém entre a negativa da ministra Cármen Lúcia e a liminar do ministro Gilmar Mendes; em escala menor, o próprio Renan, alvo de escárnio ou apresentado como escalado pelo PT e pelo STF para atacar Flávio. Em quatro dias — a negativa do TSE ao Missão em 29 de setembro, a desistência de Lula (PT) e a recusa de Cármen Lúcia em 30, o protesto em frente à emissora e a liminar em 1º de outubro —, o episódio empilhou suspeita sobre quem organiza a eleição. O tom pesado mede esse azedume, não a rejeição ao candidato.

Os papéis que cada lado distribui são o achado. No MAPAM®, Renan Santos é vítima para quem o descreve barrado pela emissora e perseguido por um conluio — a Globo armou o bote, diz um influenciador, e a emissora vira a agressora que cortou o candidato para preservar Flávio Bolsonaro; para o campo adversário, o mesmo Renan é agressor ou instrumento, o candidato que o PT e o STF teriam escalado para atacar Flávio, e a vítima passa a ser o senador, poupado do confronto por decisão judicial. O Supremo aparece como agressor institucional para quem vê na liminar de Gilmar Mendes uma interferência indevida, e como protetor para quem enxerga nele o único freio à exclusão arbitrária. Ninguém ocupa o lugar de reparador: não há, nos trechos, quem prometa consertar o dano — o debate não foi remarcado, o convite não foi refeito, e o protesto em frente à Globo é gesto de denúncia, não de reparação.

Para Lula e a esquerda, o quadro é de risco antes de ser de oportunidade. O presidente está entre os mais citados do recorte sem ter dito uma palavra sobre o episódio: sua ausência do debate, a entrevista ao Flow no mesmo horário e a decisão do TSE que proibiu exibir o púlpito vazio entraram na narrativa alheia como peças do tabuleiro. A recomendação é não entrar na briga sobre quem censurou quem — cada minuto gasto discutindo a decisão do TSE ou o cancelamento da Globo alimenta a narrativa de que o Judiciário joga para o governo, que é o enquadramento mais tóxico disponível. O caminho é deslocar o assunto para o que o eleitor sente no bolso e na segurança, e deixar que a direita se consuma na guerra entre Flávio e Renan pela herança bolsonarista.

No recorte do Judiciário, a proporção é mais dura: 74% de ataques, 20% de relato e 6% de defesas e celebrações. E o relato chega com juízo embutido — 62% dele carrega valência negativa, em fórmulas como decisão de última hora e insegurança jurídica. A decisão da ministra do TSE que restringiu a exibição do púlpito vazio e a liminar que incluiu Renan no palco são de natureza oposta e chegam fundidas no mesmo significativo: intervenção, censura, tapetão.



42 · O Judiciário no caso: posicionamento e sentimento

■ Negativo ■ Neutro ■ Positivo

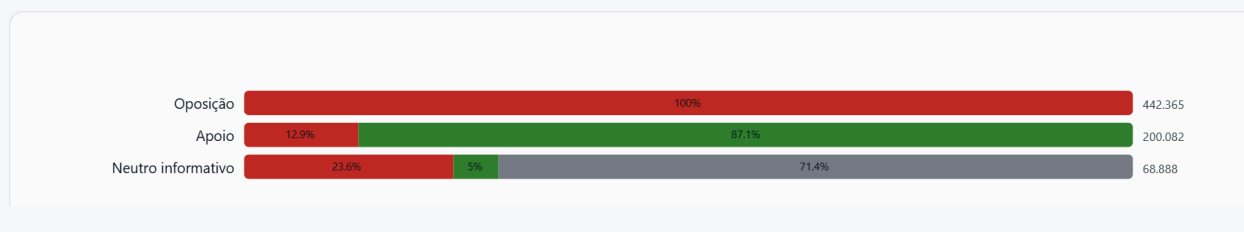
Três quartos do que se publicou neste recorte atacam alguém. Os textos que denunciam algo — a Globo pelo cancelamento e pela exclusão de Renan Santos (Missão), Flávio Bolsonaro (PL) pela desistência do debate, Lula (PT) pela ausência, o TSE e o STF pela interferência nas decisões de véspera — respondem por 74% do total; o relato informativo, por 20%; e a defesa ou a celebração de uma decisão — de Lula por ter ido ao Flow, de Renan por ter enfrentado a exclusão, de Flávio por ter recusado o que chama de censura — por 6%. São quase treze publicações de ataque para cada uma de defesa, e vinte e dois para um quando o corte é o tom: 89% do recorte tem valência negativa, contra 4% de positiva. Dentro do bloco da denúncia, a negatividade é unânime: não há ironia, deboche nem contra-ataque leve. Ninguém ataca sorrindo. Para Lula e a esquerda, isso significa que o registro positivo do episódio está praticamente vago, e quem o ocupar primeiro define o sentido do que aconteceu.

O dado mais revelador está no bloco do meio. Entre os textos que se apresentam como relato, 62% carregam valência negativa e só 37% são de fato neutros. O que se anuncia como notícia chega ao público com juízo embutido: "decisão de última hora", "insegurança jurídica e interferência indevida", o primeiro cancelamento integral de um debate presidencial desde 2002. É aqui que a disputa sobre o Judiciário — interferência, censura ou garantia de igualdade — mostra seu ponto cego. A decisão da ministra Estela Aranha, que restringiu a exibição do púlpito vazio, e a do ministro Gilmar Mendes, que assegurou a entrada de Renan Santos no palco, são de natureza oposta e chegam fundidas num só significante: intervenção, censura, tapetão. A perspectiva ilumina o essencial, que é a briga pelo sinal colado à ação judicial, e deixa de fora o que a segunda decisão tinha de igualdade de condições, ausente como polo em toda célula de peso. Sugere que a esquerda ganhou o fato e perdeu o enquadramento.

Onde cada lado coloca os papéis decide a moral do episódio. Pelo MAPAM®, o Modelo de Análise de Papéis Actanciais-Morais, que descreve quem o texto constitui como vítima, agressor, protetor e reparador, Flávio se narra como vítima de uma censura do TSE, faz do tribunal o agressor e põe a imprensa livre como bem a proteger; o campo de Lula faz de Flávio o agressor — o que foge do eleitor — e da Globo a agressora que excluiu Renan e cancelou o debate. Os dois lados convergem sobre o mesmo alvo por razões opostas, e a convergência é armadilha: 33% do bloco de defesa tem valência negativa, ou seja, defender Lula aparece com frequência como atacar a emissora. Atacar a Globo a partir da esquerda só engrossa o coro antiprensa de que Flávio se serve quando escreve que "a imprensa tem que ser livre". A recomendação é abandonar esse hábito e não oferecer a ele essa companhia.

A célula que sustenta a defesa de Lula diz o que a campanha tem nas mãos. Entre as publicações que defendem ou celebram, 66% são positivas e o conteúdo é específico: a entrevista no Flow, o desempenho do presidente diante do público, a resposta afiada à emissora. A defesa não se faz sobre as regras do jogo, e sim sobre o candidato em cena, sem mediador e com o adversário ausente. Já a comemoração pela queda alheia — o debate que morreu, o agradecimento devoto ao resultado — é menor e de outra natureza: alegria pelo colapso do oponente, que não transfere voto e entrega a Flávio o enquadramento da vitória. A prioridade é manter em circulação o conteúdo da entrevista, não o cancelamento; em seguida, responder à acusação de censura pelo terreno da igualdade de condições e da impessoalidade da lei, sem aderir ao ataque à imprensa; e não deixar os 4% positivos do debate serem preenchidos por quem os converte em queixa.

Na véspera, o repúdio já concentrava 62% das interações, contra 28% de defesa e 10% de relato. No dia do cancelamento e no seguinte, o ataque recua a 49% e a celebração sobe a 30%, mas a metade do relato continua negativa. A linha do tempo sugere que a agenda do episódio passou do pico em horas, e que o que restou foi a versão que fixou raiz no registro informativo.



48 · A véspera (29 e 30/09): posicionamento e sentimento

■ Negativo ■ Positivo ■ Neutro

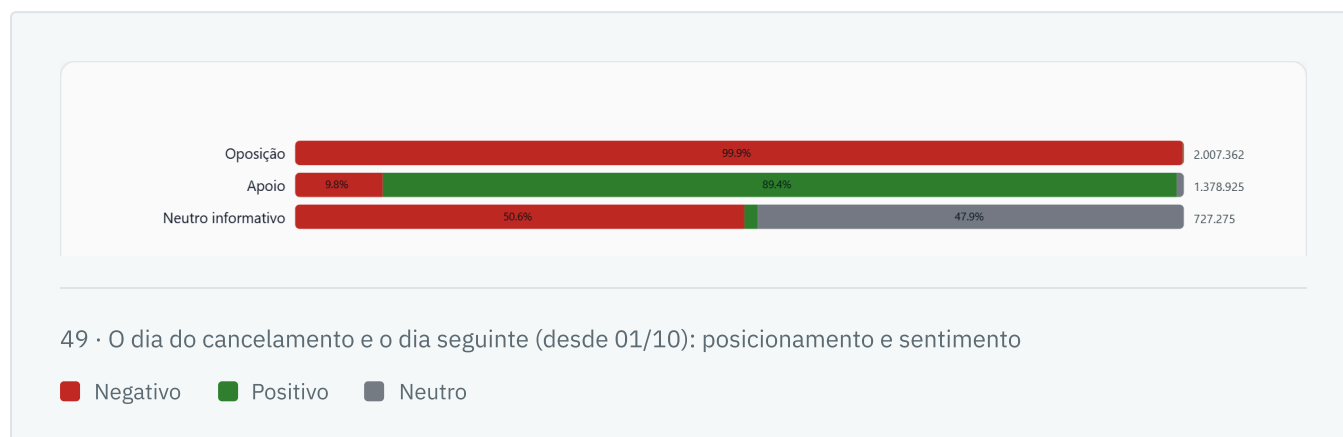
O ataque à Globo concentra 62% das interações do recorte; a defesa de um ator ou de uma decisão — de Lula (PT) por ir ao Flow Podcast, de Renan Santos (Missão) por enfrentar a exclusão, de Flávio Bolsonaro (PL) por recusar o que chama de censura — fica com 28%, e o relato, com 10%. A presença não acompanha essa distância: a denúncia é 49% do que se publicou, a defesa 35% e a informação 16%, de modo que cada texto de ataque rende quase o dobro de exposição de cada texto de defesa. A valência, o sentimento geral que o texto carrega, obedece a uma regra ainda mais dura: no campo de quem ataca a emissora pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, o tom positivo é residual. Denunciar não admite elogio; atacar a Globo e celebrar alguém na mesma frase é exceção, não modo.

O campo de defesa é o único que se divide em tom, e a divisão vale mais do que a soma. Dos seus 28% de exposição, a maior parte é celebração: Lula anunciado no Flow, Renan emocionando apoiadores em Brasília, o voto útil defendido com otimismo. Mas uma fatia de 13% do engajamento desse mesmo campo é de defesa feita em tom negativo — e essa fatia tem exposição média acima da média do próprio campo. O que ela diz é operacional: boicotar a Globo, divulgar o Flow, não assistir, não compartilhar cortes, não replicar o debate. A defesa de Lula circula com mais força quando vem embrulhada em ataque à emissora do que quando pede voto com esperança. Para quem aconselha, isso é uma faca de dois fios: a célula mais eficiente do campo é também a que transfere a Lula a autoria da briga com a Globo e cola sua campanha à pauta do excluído.

O relato, por sua vez, não é tão asséptico quanto se apresenta. Mais de um terço dos textos que se declaram informativos carregam valência negativa — são 24% da exposição do campo informativo —, e são justamente os de menor tração por publicação; o neutro puro responde pelos 71% restantes da exposição desse campo e concentra o que há de volume informativo real, enquête, pesquisa, decisão sobre presença. Leia-se o conjunto: a informação neutra existe, mas não paga a conta; o que roda é acusação, e a acusação enviesada, quando se fantasia de relato, morre no caminho. Para Lula, a consequência prática é que não há retorno em disputar a versão do fato — se foi ou não ao debate, se avisou ou não avisou. O formato do debate público deste recorte remunera a imputação, não a explicação, e cada dia gasto explicando o óbvio é um dia em que o adversário escolhe o enquadramento.

Na linha de base do caso — Lula avisa que não vai, a Globo não convida Renan —, o gráfico mostra qual narrativa o episódio pariu: a da emissora que arma arapuca e preserva Flávio, puxada por influenciadores e por um artista, com Renan Santos como vítima da exclusão e, na mesma frase, Lula como vítima da armação, e Flávio como quem "bate o pé" para não enfrentar o terceiro colocado. É a gramática de papéis do MAPAM®, o Modelo de Análise de Papéis Actanciais-Morais, que identifica quem sofre, quem causa, quem deveria proteger e quem deve reparar numa situação de dano: aqui a Globo aparece como agressora institucional,

Renan e Lula como vítimas — de coisas diferentes —, Flávio como beneficiário, e nenhum protetor de peso, porque nem Flávio nem o PT entraram como autores naquilo que viralizou. A recomendação que se extrai é de ordem, não de intensidade: primeiro, tirar Lula da posição de autor da briga com a Globo e entregá-la a terceiros, já que a defesa negativa performa melhor que a positiva sem cobrar dele o desgaste; segundo, ocupar o registro celebratório da conversa longa, onde o campo de Lula é majoritário em tom; terceiro, não gastar um minuto disputando a factualidade do debate cancelado, porque este recorte não a remunera.



O quadro mede o que a publicação faz com o assunto — defender e celebrar uma decisão, atacar e denunciar, ou apenas narrar — e com que tom o faz, lido por interações e em composição interna de cada polo. No dia do cancelamento e no seguinte, as publicações que atacam e denunciam ficaram com 49% de tudo o que se interagiu; as que defendem e celebram, com 30%; o relato, com o restante. Cinco interações de repúdio para cada três de entusiasmo, e o maior tanque de engajamento da noite não pertence a nenhuma campanha.

A composição interna desfaz a suposta coerência entre o que o texto declara e o tom que emprega. Entre as publicações que defendem e celebram, 89% vêm em tom positivo e 10% em negativo: existe um entusiasmo que se expressa pela raiva, o apoiador que comemora o próprio lado agredindo o outro. Entre as que atacam e denunciam, praticamente todas são negativas — desse lado não há ironia nem oposição que proponha. O número que interessa está no relato: metade das interações ali chega em tom negativo, contra 48,7% de tom neutro e 1,6% de positivo.

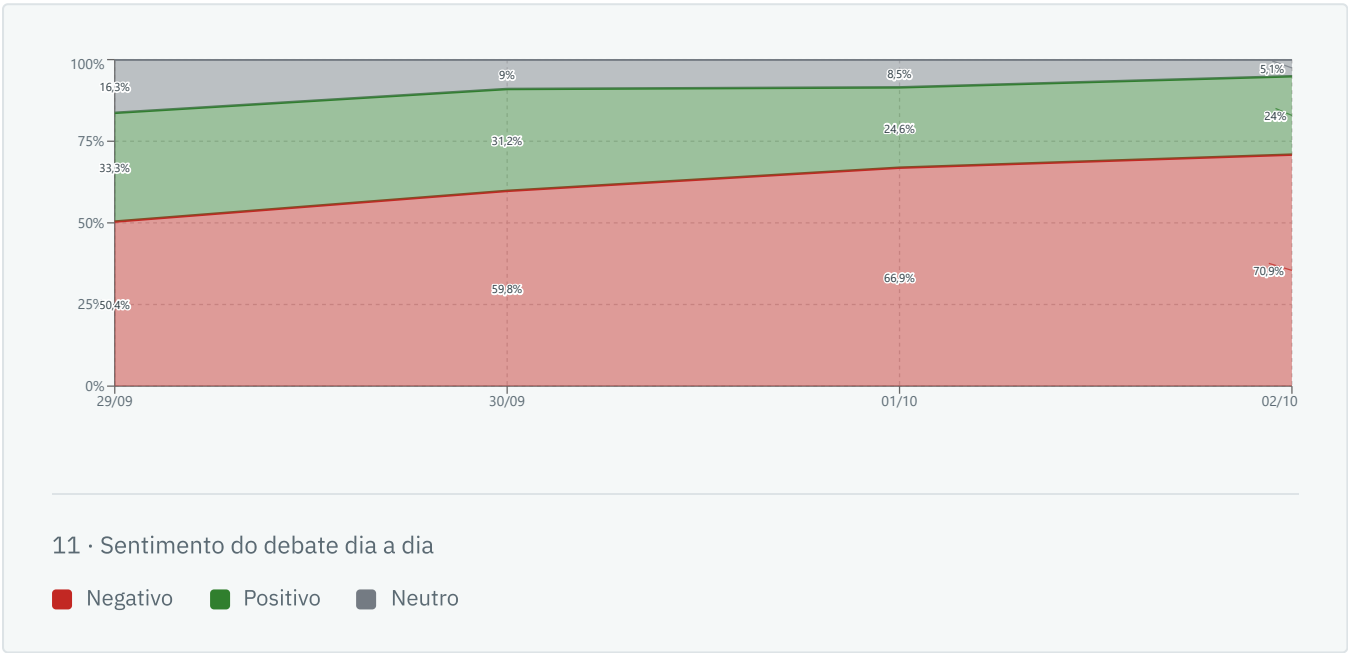
O que puxou o relato para baixo foi o púlpito vazio, a decisão da ministra do TSE e a insegurança jurídica — a versão de que Lula (PT) recorreu ao Judiciário para escapar do confronto está se instalando exatamente no registro que fala com quem não está em bolha nenhuma. É ali que a campanha precisa entrar, e não no eco da própria torcida. O topo da célula de ataque reúne as duas caras da mesma noite: Flávio Bolsonaro (PL) anunciando que não iria em função da censura imposta ao evento, com a imprensa livre como bem a proteger, e a frase de Lula de que debates saudáveis se fazem com gente qualificada. Os dois golpearam e o público premiou os dois.

Para quem assessora o presidente, a prioridade é não deixar a noite ser contada como a noite em que ele fugiu: o relato negativo já é metade do registro informativo e se alimenta do púlpito vazio, não da entrevista ao Flow. O contra-argumento existe nos próprios números — a defesa e celebração de Lula concentra 30%

das interações, com picos de orgulho e desprezo. E o presidente não deve entrar na briga sobre a legalidade da decisão do TSE: cada palavra que reivindica a decisão da ministra como vitória própria transforma um erro de comunicação alheio em prova da tese adversária.

COMO SE FALA: TOM, EMOÇÕES E ENQUADRAMENTOS

A negatividade cresceu com o caso. Em 29 de setembro, metade do que se escrevia já era negativa e um terço era positiva; em 2 de outubro, sete em cada dez textos eram negativos, contra menos de um quarto de positivos, e o neutro caiu de um sexto para um vigésimo. O piso do assunto já era negativo antes da crise. O que mudou foi a proporção, e ela fecha a semana com o tom de quem perdeu o controle.



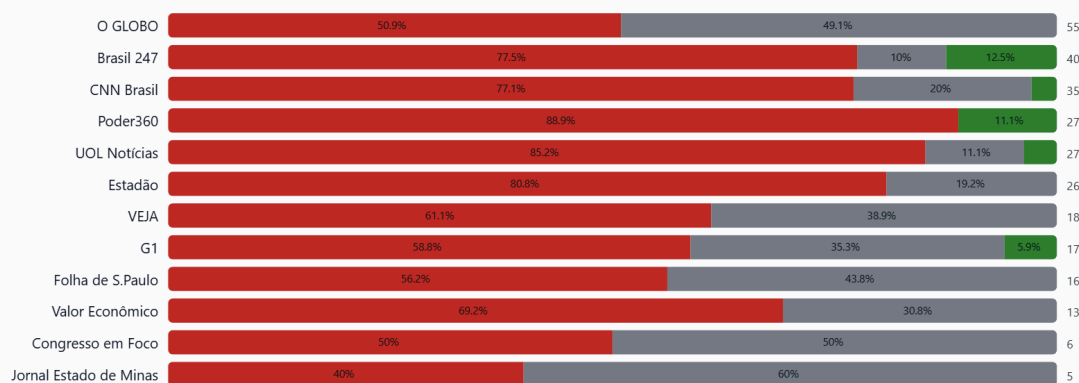
O gráfico compõe cada dia em cem por cento do que se publicou e mostra o tom desse material: a valência é o sentimento geral que o texto carrega — negativo, o tom de quem denuncia a censura imposta ao evento, a desistência de um candidato, o cancelamento da emissora ou a interferência do Judiciário; positivo, o tom de quem celebra a ida de Lula (PT) ao Flow no horário do debate que não houve; neutro, o do relato. Em 29 de setembro, véspera, metade do que se escrevia já era negativa e um terço era positiva. Em 1º de outubro, o negativo chegou a dois terços, e em 2 de outubro a sete em cada dez, contra menos de um quarto de textos positivos. O neutro, um sexto na véspera, virou um vigésimo no fim. A proporção saiu de três negativos para cada dois positivos e beirou três para um — e o piso do assunto, antes mesmo da crise, já era negativo.

Negatividade acumulada, porém, não é um adversário só: é uma soma de queixas com alvos distintos, e é aí que o quadro interessa. Renan Santos (Missão), barrado da sabatina, converteu o veto em acusação de cartas marcadas; Caiado (PSD) e Zema (NOVO-MG) falaram em atentado à democracia e insegurança jurídica; Flávio Bolsonaro (PL) anunciou a desistência em nome da censura imposta pelo TSE; no último dia, o eixo migra para a acusação de que o PT e o Supremo armaram o tabuleiro. No MAPAM®, o Modelo de Análise de Papéis Actancial-Morais, que identifica os papéis de vítima, agressor, protetor e reparador que o autor atribui a quem cita, o posto de vítima é disputado — a emissora censurada, o eleitor privado do debate, o candidato excluído, o candidato acusado de fugir — e o agressor troca de nome conforme quem escreve. É essa multiplicidade de acusações que alimenta a mancha negativa por quatro dias seguidos.

O outro lado da composição é mais estreito e mais dependente. O terço positivo da véspera encolhe para um quarto, e o que o sustenta é a celebração de um único movimento — a estratégia de trocar o debate pela entrevista. "A Globo cancelou o debate, agora vai todo mundo assistir o Lula no Flow" é a fórmula que circula, com o reforço de quem chama a decisão de jogada de mestre. É adesão a um gesto, não informação sobre um programa — e entusiasmo de evento tem prazo de validade. Enquanto isso, o registro neutro, o único em que caberiam os fatos, os números e a prestação de contas do que cada candidato propõe, evapora de um sexto para um vigésimo. Sem espaço para o relato, todos passam a competir no terreno do tom.

Para quem assessora Lula, a leitura é de oportunidade curta e risco mais longo. A oportunidade está na conversão: o pico de tom positivo existe, pertence ao campo, e some com o assunto — o conteúdo substantivo da entrevista, cartões, bancos, tarifas, a comparação com o adversário, precisa continuar alimentando esse polo nos dias seguintes, ou o campo fica com a memória do gesto e sem o argumento. O risco não expira no domingo. A negatividade que chega a sete em cada dez textos no dia 2 tem como combustível principal a acusação de interferência judicial, e o beneficiário dessa acusação é justamente o candidato petista: esse enquadramento sobrevive à votação, contamina a explicação de qualquer resultado e não se responde com comemoração. Entre celebrar o Flow e blindar a narrativa sobre o Judiciário, a prioridade é a segunda — a primeira os números já entregaram.

A cobertura acompanhada fez o mesmo movimento. Nas matérias sobre o episódio, 72% trazem valência negativa, um quarto é relato neutro e pouco mais de 2% são leitura positiva. O Jornal O Globo é o mais dividido — metade negativo, metade neutro —, e os veículos de linha editorial marcada chegam a 80% e 89% de negativo. A imprensa é a menor fatia do material acompanhado e a que batiza as coisas: foi dela que saíram os termos que o resto do debate repetiu, de censura a púlpito vazio, de insegurança jurídica a atentado à democracia. Enquadramento é o modo como o texto organiza o assunto, elegendo causa e primeiro plano; e o vocabulário fixado deslocou a discussão do objeto — quem faltou ao debate — para os valores da coisa pública.



10 · A imprensa: tom de cada veículo

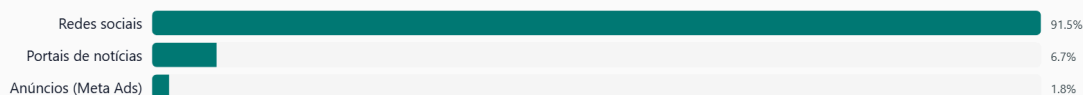
■ Negativo ■ Neutro ■ Positivo

A cobertura acompanhada tratou o debate que não houve com um tom negativo que atravessa quase todo o recorte: somados os veículos, cerca de 72% das matérias trazem valência negativa, um quarto é relato neutro e pouco mais de 2% são leitura positiva. Como cada barra mostra a composição interna do próprio veículo, o que interessa é o perfil de cada um. O GLOBO lidera em volume e é o mais dividido de todos: metade de sua cobertura em tom negativo, metade em relato neutro, nada de positivo. Entre os veículos de linha editorial mais marcada, a desproporção é muito maior, com Brasil 247 em 80% de negativo, CNN Brasil em 79%, Poder360 em 89%, UOL Notícias em 88% e Estadão em 84%. Os de referência seguram mais o relato: Folha de S.Paulo e VEJA, 56% cada; g1, 62%; Valor Econômico, 69%.

A valência diz como se fala, não do que se fala, e aqui os 72% de negativo reúnem alvos que se anulam entre si. Flávio Bolsonaro (PL) atribuiu a Lula (PT) o uso de "amigos no Judiciário" para impor censura ao debate; Romeu Zema (NOVO-MG) afirmou que "a Justiça está a serviço do Lula"; Ronaldo Caiado (PSD) chamou o cancelamento de "atentado à democracia"; o próprio Lula declarou que não disputaria com quem considera desqualificado e que "esses debates não produzem nada". O mesmo tom cobre, portanto, a acusação à ausência do presidente, o ataque à desistência do adversário, a denúncia da exclusão de Renan Santos (Missão) e a crítica às decisões de último instante do TSE e do Supremo. É uma valência comum a objetos incompatíveis, e é isso que a torna inútil como termômetro de opinião: não há um campo de opinião formado, há um episódio inteiro lido como desordem.

O período tem três atos e a negatividade se fecha no terceiro. Em 29 de setembro o TSE assegurou a presença de Zema e negou o ingresso de Renan Santos; em 30, a campanha de Lula avisou que ele não iria e confirmou a ida ao Flow Podcast; em 1º de outubro, a poucas horas do horário marcado, vieram as decisões que proibiram o destaque ao púlpito vazio de um lado e mandaram incluir Renan do outro, a desistência de Flávio e o cancelamento da emissora ao fim do Jornal Nacional. O gráfico agrega os quatro dias, mas o vocabulário que as manchetes fixaram é o do desfecho: debate cancelado, candidato que fugiu, púlpito vazio, cadeira vazia. Quem nomeia o episódio como recusa define o terreno em que ele passa a ser lembrado, e a cobertura o nomeou assim.

Para quem trabalha com Lula, o quadro aponta o problema e a brecha. O problema é que nenhum dos veículos com volume relevante produziu leitura de celebração: o positivo é residual e está em veículos menores, de modo que a decisão de trocar o debate pelo Flow não encontra abrigo no noticiário, e o que fica registrado é a ausência. Nos veículos de referência, onde a fatia de relato neutro é a maior, há espaço para o conteúdo factual da entrevista, dos temas de tarifas, crédito e bancos tratados ali, sem passar pelo eixo do conflito; é por essa porta, e não pela do confronto, que a versão do candidato entra. A brecha está na fragmentação: como Poder360, Estadão e Valor Econômico constroem a crítica em torno da insegurança jurídica e da interferência da Justiça na véspera do primeiro turno, o custo institucional recai primeiro sobre o processo, e a campanha não deve entrar nesse ringue como parte interessada. A prioridade é não deixar o episódio ser arquivado como fuga do incumbente: fixar o alvo em quem desistiu depois de subir o tom, e sustentar isso com o que os veículos de relato neutro podem publicar. O risco é o oposto: celebrar demais a desistência alheia e colar a própria imagem ao vocabulário judicial, que é o único tom negativo que não escolhe lado e mancha o governo que está no poder.



5 · Onde o caso circula: redes, imprensa e anúncios

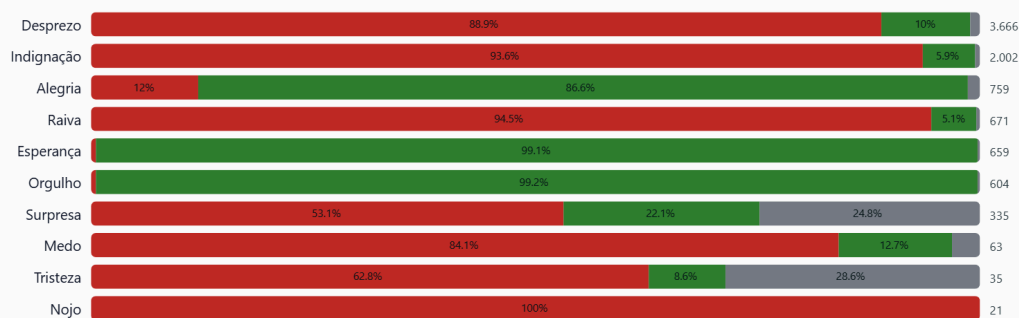
O gráfico mede onde o caso circulou, e a resposta é de uma desigualdade quase monótona. Quase nove em cada dez publicações do recorte circularam nas redes sociais; a imprensa respondeu por cerca de uma em quinze, e os anúncios pagos por menos de duas em cada cem. A concentração no tempo é mais dura que a proporção: oito em cada dez dessas publicações saíram em 1º de outubro, o dia do cancelamento e da entrevista de Lula (PT) ao Flow, quando o assunto ocupou cerca de um terço de tudo o que se publicou no conjunto acompanhado; no dia seguinte, a participação do tema no total do dia desabou para 2%. Para quem assessora o presidente, a conclusão tem prazo de validade: episódios assim se decidem em horas, e a janela para fixar o sentido se fechou antes do meio-dia seguinte.

A imprensa é a menor fatia e, ainda assim, a que batiza as coisas. Foi dela que saíram os termos em disputa — insegurança jurídica, censura, púlpito vazio, atentado à democracia, primeiro debate cancelado desde 2002 —, e são esses termos que o resto do debate repete. Enquadramento é o modo como um texto organiza o assunto: o que elege como causa, o que põe em primeiro plano, o que deixa de fora. Aqui, o mesmo episódio foi enquadrado como ameaça à democracia na cobertura e como espetáculo tático nos perfis que mais engajaram, e a acusação de censura deslocou a discussão do objeto — quem faltou ao debate — para os valores republicanos, os valores da coisa pública acionados no texto, no caso a impessoalidade da lei: a exigência de que a mesma regra valha para todos, sem favor nem perseguição. Convém ao campo do presidente devolver a conversa ao objeto.

O corpo do caso está nas redes, e ele tem dois tempos. Na noite de 1º, o conteúdo mais engajado era a celebração da entrevista de Lula no Flow — 1,64 milhão de espectadores simultâneos no pico, contra 534 mil na live de Flávio Bolsonaro (PL) —, combinada às convocações para desligar a Globo e não assistir ao debate; a emoção do dia é o desprezo. No dia seguinte, o posto passa a um deputado federal do Novo, Jeffrey Chiquini (NOVO-PR), que recompõe a versão adversária: Renan Santos (MISSÃO) escalado pelo PT e pelo STF para atacar Flávio, ministra do TSE "petista"; a indignação assume o dia. Comemorou-se a ausência do debate e, em vinte e quatro horas, colheu-se o enquadramento da censura.

O circuito pago é o menor de todos, menos de 2% do que circulou: houve dinheiro, mas ele não foi o instrumento decisivo de um episódio resolvido entre a decisão do TSE, no fim da tarde, e o Jornal Nacional. A prioridade que o gráfico sugere para o campo do presidente começa por impedir que o enquadramento da censura se consolide — é ele que transfere o custo do cancelamento para o Judiciário e para o governo —, segue por alimentar o circuito da imprensa, pequeno em volume e grande em vocabulário, com o fato que interessa: quem desistiu do debate e por quê. A verba, nesses casos, é cauda e não alavanca. Um debate que não houve deixou de ser assunto em um dia; o que ficar dele será a versão que a imprensa fixou e as redes repetiram.

Por dentro da emoção, a assimetria é quase dois e meia para um: cerca de 70% das ocorrências emocionais estão em textos que atacam e denunciam, pouco menos de 30% acompanham quem defende e celebra e menos de 2% ficam no relato. O repertório de quem ataca é curto: desprezo em pouco mais da metade do que aciona, indignação em 30%, raiva em 10%. O medo, quase todo nesse campo, não nomeia adversário — é medo de instituição, registro difícil de desarmar. O campo que defende tem assinatura diferente: alegria, esperança e orgulho somam três quartos, mas 15% do seu repertório também é desprezo, e parte do festejo se faz humilhando o adversário. A esperança é quase monopólio de quem defende Lula; do outro lado, praticamente não aparece.



12 · As emoções mobilizadas, por posicionamento — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

O gráfico mede que emoção acompanha cada postura diante do debate que a TV Globo cancelou, e o resultado é uma assimetria de quase dois vírgula quatro para um: perto de 70% das ocorrências emocionais estão em textos que atacam e denunciam — a Globo pela exclusão de Renan Santos (Missão) e pelo cancelamento, Flávio Bolsonaro (PL) pela desistência, Lula (PT) pela ausência, o Judiciário pela interferência nas regras —, pouco menos de 30% acompanham quem defende ou celebra uma decisão, e menos de 2% ficam no relato neutro. A maioria não é o achado; a composição é. Quem ataca move-se por desprezo (pouco mais da metade do seu repertório) e indignação (30%), com a raiva somando 10%. O episódio não produziu debate: produziu ultraje, e ultraje em quantidade industrial.

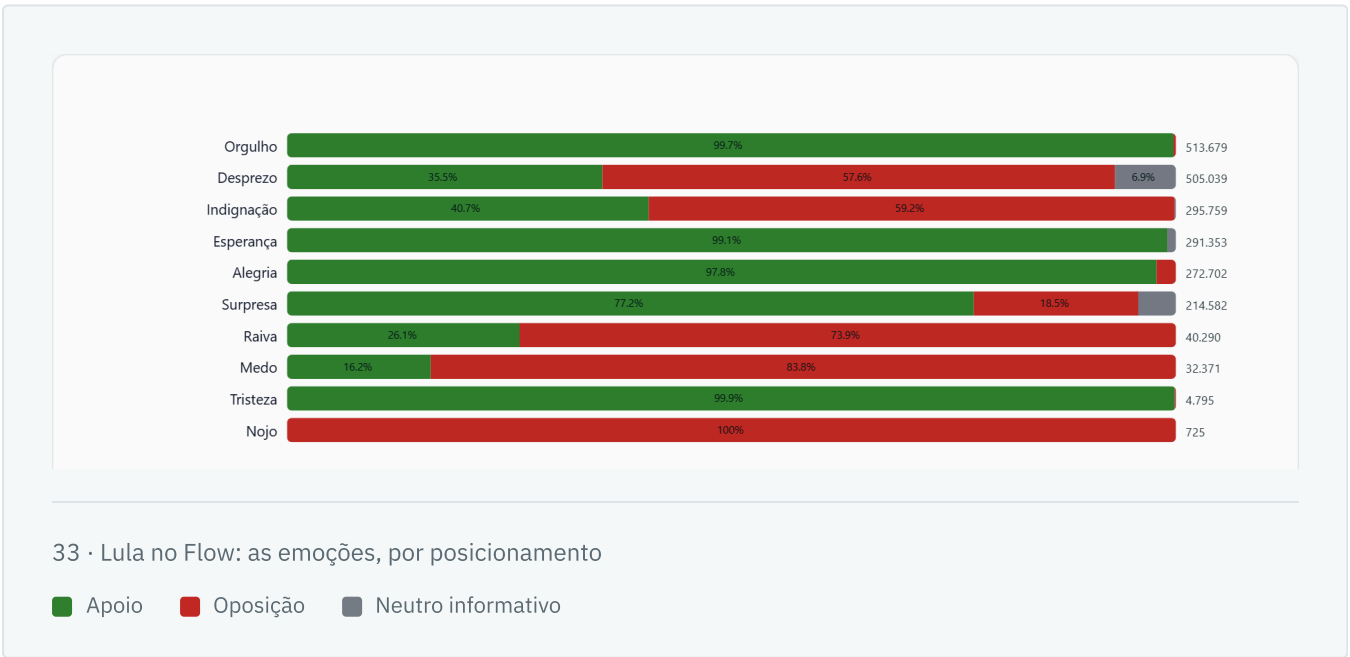
Quem sente o quê, e contra quem, é o que o cruzamento esclarece. O campo do ataque não é um bloco: nele convivem quem ataca Lula pela ausência, quem ataca Flávio Bolsonaro pela desistência e quem ataca o TSE ou a Globo pelas decisões daquela noite — o que os une é o registro, não o alvo. O desprezo, quase 90% dele nesse campo, endereça-se sobretudo a quem faltou: "debates saudáveis são feitos com gente

qualificada", diz uma das publicações, e outra pergunta, com escárnio, se a ausência não foi medo de ser inquirido sobre o próprio vice. A indignação, 94% dela ali, tem dois alvos opostos: o tribunal, pela "censura imposta ao evento", e a emissora, pelas "cartas marcadas" da exclusão de Renan Santos.

O medo é quase todo desse lado (84%) e não nomeia adversário: é medo de instituição — "atentado à democracia", "insegurança jurídica" —, o registro mais difícil de desarmar, porque não se responde com celebração. Do lado de quem defende e celebra uma decisão, a assinatura muda: alegria, esperança e orgulho somam três quartos do repertório, mas 15% dele também é desprezo, e parte do festejo se faz humilhando a emissora e o adversário — o gozo da esperteza tática ocupando o lugar do argumento. A esperança é quase monopólio de quem defende Lula; do outro lado, praticamente não aparece. A surpresa é a única emoção repartida: pouco mais da metade no ataque, um quarto no relato neutro, o restante na defesa — retrato de um roteiro que se desfez em três horas, quando o candidato do PT cancelou, Renan Santos entrou por liminar, Flávio Bolsonaro desistiu e a emissora cancelou o programa.

Para quem aconselha Lula e a esquerda, isso tem consequência prática. O terreno afetivo deste episódio pertence ao adversário, e disputar ultraje com quem carrega duas vezes e meia o volume é jogar em campo alheio: cada resposta ao "fujão" ou ao "vira-lata" repõe o combustível do desprezo que sustenta a narrativa contrária. O ativo a preservar é a esperança, concentrada no campo governista e materializada em entrega — a licença remunerada às mulheres vítimas de violência, anunciada na mesma noite, é o tipo de conteúdo que converte vitória tática em adesão. O risco mora na comemoração da decisão judicial que proibiu a cadeira vazia: ela é o combustível direto da indignação que tem a Justiça como alvo preferencial, e cada festejo desse tipo encarece a posição de quem precisa parecer que venceu no voto, não no tapetão.

No recorte da entrevista, a conta é mais favorável. Orgulho responde por 34% do engajamento da celebração, alegria por 18% e esperança por 17% — quase 70% do que celebra. O ataque se move por desprezo (51%) e indignação (30%). O desprezo é a única emoção compartilhada, e quem celebra o usa contra o adversário.

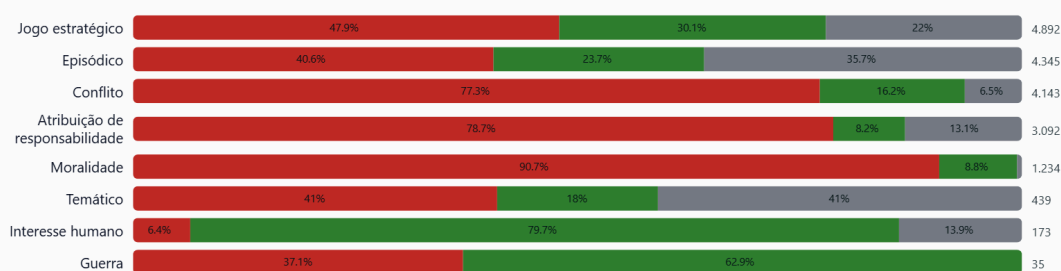


No recorte da entrevista ao Flow, o afeto que sustenta a circulação é o de quem celebra a ida de Lula ao podcast: orgulho, alegria e esperança somam quase 70% do engajamento da celebração, e as três são praticamente monopólio desse lado — 99,7% do orgulho, 99% da esperança e 98% da alegria vêm de quem defende a decisão. Quem ataca a ausência do debate e o palco montado no Alvorada tem repertório mais curto: desprezo em 51% do seu engajamento e indignação em 30%, oito décimos de tudo o que mobiliza. Um lado tem três motores afetivos; o outro tem um, e ainda o divide com o adversário.

O desprezo é a única emoção compartilhada — 59% do que ele move vem de quem ataca, 36% de quem celebra —, e quem celebra o usa contra o adversário: o vira-lata, o rapaz que nunca trabalhou na vida. A alegria, porém, é a mais consequente das três: celebra entrega com nome, assinatura e número, como a licença remunerada de seis meses para mulheres vítimas de violência anunciada no mesmo dia. O orgulho fala em arrepio e exibe audiência como prova de magnitude; a esperança aparece como convocação e até com sotaque religioso.

Para quem aconselha Lula, o ativo é evidente: um campo com três fontes de energia contra um adversário que depende do escárnio. O risco é tomar engajamento por voto. O medo, 5% do engajamento de quem ataca e quase nada entre quem celebra, ficou órfão — ninguém o mobilizou, embora Lula tenha nomeado a ameaça ao prometer trabalhar para que o fascismo não volte. Há eleitorado ali que ninguém alcança. E o relato informativo é residual, com desprezo embutido em 70% das interações da fatia. A prioridade não é responder à acusação de fuga, que não lidera o engajamento do polo, mas converter orgulho e esperança em pedido de voto.

Os enquadramentos genéricos confirmam o diagnóstico: quem ataca não argumenta, encena o choque. O conflito responde por 36% do que se publicou no polo do repúdio, a atribuição de responsabilidade por 25% e o jogo estratégico por 24%. Quem defende o faz por esperteza: o jogo estratégico é 44% do seu repertório, e o conflito cai a 20%. Quem ataca narra a briga; quem defende narra o lance. E a oposição quase não usa o enquadramento temático (2%) nem o de interesse humano (0,1%): não quer explicar o que um debate faz com a democracia nem mostrar o efeito da ausência sobre o eleitor comum.



13 · Enquadramentos genéricos por posicionamento — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

O enquadramento de conflito é o mais acionado entre quem ataca e denuncia neste recorte: responde por 36% de tudo o que se publicou no polo do repúdio, contra 25% do enquadramento de atribuição de responsabilidade e 24% do de jogo estratégico. Enquadramento, aqui, é o formato narrativo pelo qual o texto organiza o assunto — conflito apresenta o embate entre lados, atribuição de responsabilidade aponta quem causou o problema, jogo estratégico lê a disputa como cálculo de ganhos e perdas, episódico relata o acontecimento concreto, temático o insere num contexto mais amplo, moralidade julga pelo certo e pelo errado, interesse humano mostra o efeito sobre pessoas. O repúdio à Globo por ter excluído Renan Santos (Missão) e por ter cancelado o debate, a Flávio Bolsonaro (PL) por ter desistido, a Lula (PT) por ter faltado, ao Judiciário por ter interferido não argumenta: encena o choque. E o faz com um volume que nenhuma outra posição alcança.

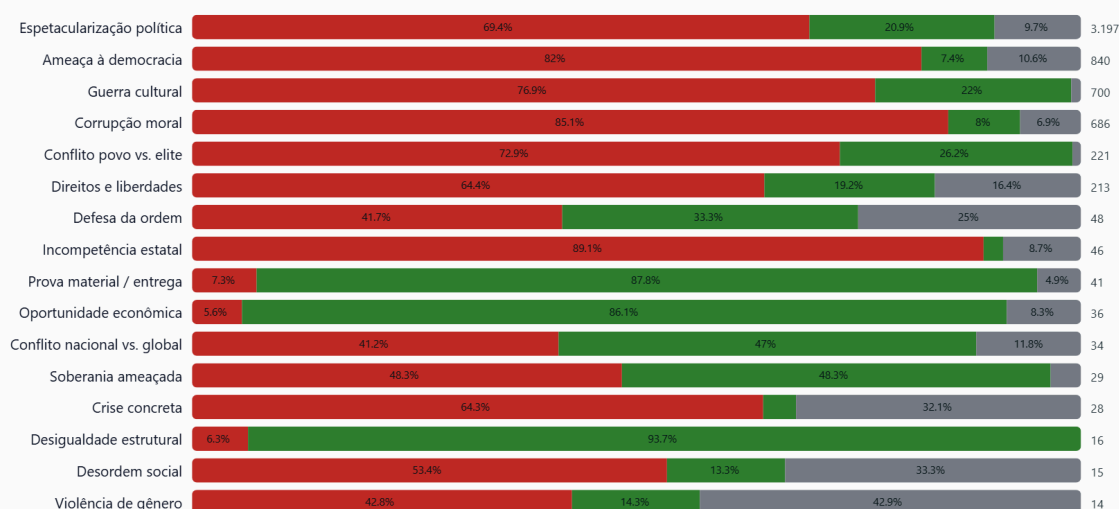
A defesa e a celebração — de Lula por ter ido ao Flow, de Renan Santos por ter enfrentado a exclusão, de Flávio Bolsonaro por ter recusado o que chama de censura — têm no jogo estratégico o seu enquadramento dominante: 44% de tudo o que se publicou nesse polo. É uma diferença que vale a leitura. Quem defende não defende por princípio: defende por esperteza. "Jogada de mestre", diz um dos textos mais engajados, sobre a campanha de Lula negociar um formato para acompanhar o debate em tempo real enquanto dava entrevista ao Flow. "O que esse velho entende de estratégia política a gente não bebeu de água", diz outro. A celebração da decisão de Lula de ir ao Flow e a celebração da recusa de Flávio Bolsonaro em participar do debate da Globo se dizem no mesmo idioma: o da vantagem calculada. O enquadramento de conflito, entre quem defende, cai para 20% — metade do peso que tem entre quem ataca. Quem ataca narra a briga; quem defende narra o lance.

O contraste se completa quando se olha o que o repúdio quase não usa. O enquadramento temático responde por 2% do polo da denúncia. O de interesse humano, por 0,1%. Quem ataca o cancelamento do debate da Globo, a exclusão de Renan Santos, a ausência de Lula ou a interferência do Judiciário não está interessado em explicar o que um debate presidencial faz com a democracia, nem em mostrar o efeito da au-

sência sobre o eleitor comum. Está interessado em nomear culpados e explorar o choque. É uma oposição que ganha em intensidade e perde em profundidade — e isso, para quem aconselha Lula e a esquerda, é uma informação tática de primeira ordem.

A leitura à luz do propósito — defesa e celebração de Lula por ter ido ao Flow, repúdio a Lula por ter faltado ao debate — exige separar o que o gráfico mostra do que ele não mostra. O polo da defesa e celebração de Lula por ter ido ao Flow tem no jogo estratégico o seu registro dominante, e isso é uma vitória narrativa: a decisão de trocar o debate pela entrevista ao Flow foi lida, por quem a defende, como movimento inteligente, não como fuga. Mas o mesmo gráfico revela a vulnerabilidade: o enquadramento de atribuição de responsabilidade responde por 25% do polo do repúdio, e é aí que a ausência de Lula ao debate da Globo se transforma em acusação. "É verdade que você faltou no debate da Globo pra assistir o Lula no Flow?", pergunta um dos textos mais engajados, dirigido a Flávio Bolsonaro — mas a pergunta, invertida, serve igualmente contra Lula. A defesa de Lula por ter ido ao Flow precisa, nos próximos dias, migrar do registro do jogo estratégico para o registro da responsabilidade: não "foi esperto", mas "foi ao lugar onde o eleitor estava". Porque o repúdio já ocupa o terreno da atribuição de responsabilidade, e quem não disputa esse terreno perde a narrativa de quem tem razão.

Nos enquadramentos específicos, o ataque fica com 72%, a defesa com 19% e o relato com 9%. Quase metade do que ataca se agrupa na espetacularização política, o pacote que trata o episódio como jogada de palco, cálculo de imagem e lance de bastidor. A ameaça à democracia responde por 15% dos ataques, a corrupção moral por 13% e a guerra cultural por 12%, e os dois primeiros são armas de um lado só: 82% das ocorrências de ameaça à democracia e 85% das de corrupção moral estão em textos de ataque. Do lado oposto, a defesa se faz quase toda na espetacularização (57%), e os enquadramentos de resultado — prova material de entrega e oportunidade econômica — somam pouco mais de 5% do campo que celebra. A agenda levada ao Flow não encontrou quem a amplificasse.



14 · Os enquadramentos específicos: a frase-tipo de cada posicionamento — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

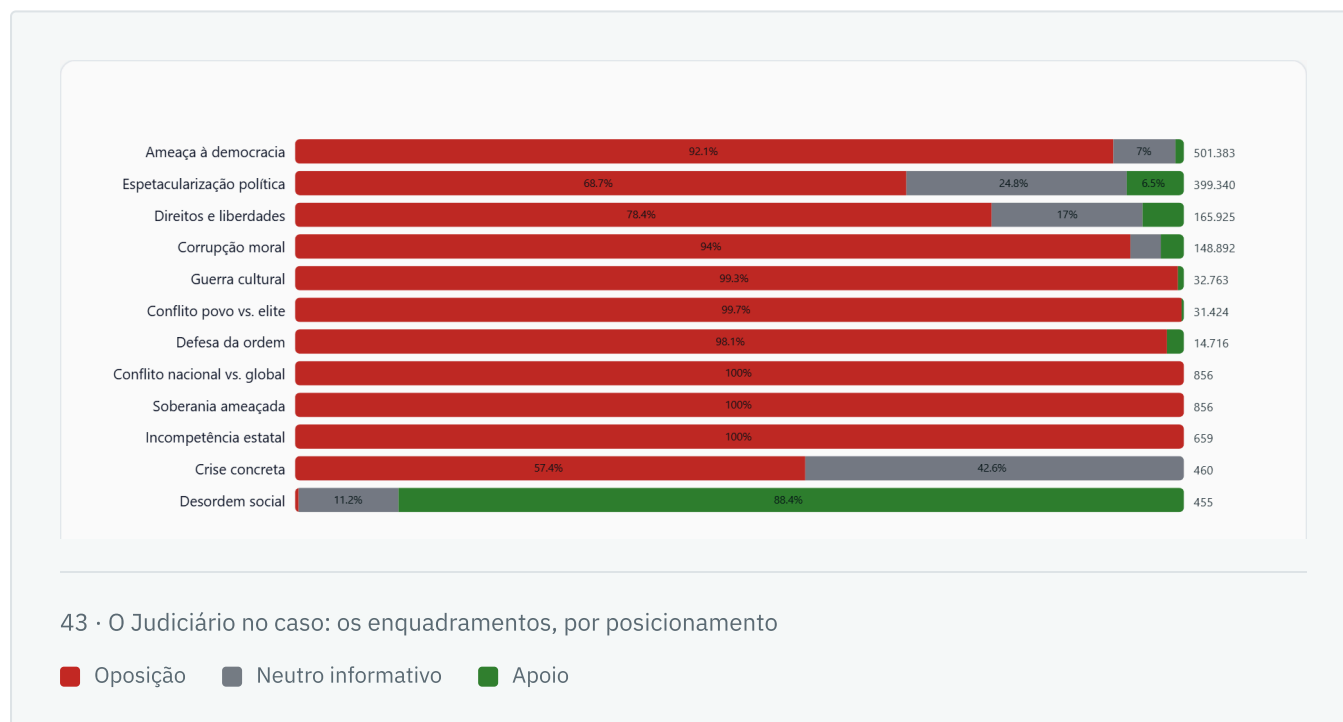
Este gráfico lê a composição de cada enquadramento específico — os pacotes de sentido próprios do debate brasileiro, como ameaça à democracia, corrupção moral ou guerra cultural — segundo o posicionamento de quem publica, e a escala é de composição interna. Na soma das ocorrências, o ataque e a denúncia respondem por 72%, a defesa e a celebração por 19% e o relato neutro por 9%. Quase metade de tudo o que se publica para atacar se agrupa na espetacularização política, o enquadramento que trata o episódio como jogada de palco, cálculo de imagem e lance de bastidor; ameaça à democracia (15% dos ataques), corrupção moral (13%) e guerra cultural (12%) completam o campo, de modo que seis enquadramentos carregam quase a totalidade do que se produziu contra alguém.

A composição interna de cada enquadramento é o achado mais duro: 82% das ocorrências de ameaça à democracia, o pacote que descreve o episódio como violação das regras do jogo e da liberdade de imprensa, e 85% das de corrupção moral, que imputa conduta desonesta, são ataque e denúncia. Nenhum dos dois é mobilizado para defender ninguém: são armas de um só lado, e apontadas para cima. Os trechos mais engajados denunciam o TSE e o STF por censura, a decisão sobre o púlpito vazio e a interferência judicial em favor de Lula (PT). Do lado oposto, a defesa do presidente se faz quase toda na espetacularização: 57% de todo o campo que o celebra exalta o cacife tático de trocar o debate pelo Flow — "jogada de mestre", "o que esse velho entende de estratégia".

É aí que o quadro cobra o preço a quem assessora Lula e a esquerda. Quem o defende o defende como estrategista, não como quem entrega: prova material de entrega e oportunidade econômica, os dois enquadramentos de resultado, somam pouco mais de 5% de todo o campo da defesa, e a agenda que ele próprio levou ao Flow — crédito, tarifas, preço — não encontrou quem a amplificasse. O campo do ataque, em contrapartida, converte o cancelamento da Globo e as decisões de última hora em causa da liberdade de imprensa, terreno em que Lula aparece como beneficiário da censura, e não como vítima dela. Quando o campo que o defende moraliza, vai pela guerra cultural; a ameaça à democracia ficou inteira nas mãos do adversário.

A ordem de prioridade, então, se impõe. Primeiro, tirar a celebração tática do centro da defesa: cada "jogada de mestre" repetida confirma, por outro caminho, que o mérito do episódio é o palco, e não o que se faria no governo. Segundo, devolver o enquadramento da censura ao seu objeto, nomeando o que de fato houve — a desistência de Flávio Bolsonaro (PL) horas antes e a decisão da Globo de cancelar —, sem que isso vire defesa ou ataque a decisão judicial alguma. Terceiro, ocupar o vazio de entrega com material concreto da entrevista, porque é ali que o eleitor que não segue a briga institucional decide. O episódio se decide em poucas horas de uma única noite; sem contra-enquadramento até domingo, o que sobra é a leitura de um Judiciário a serviço de um candidato — e essa leitura, no gráfico, já está pronta e distribuída.

No recorte do Judiciário, os números repetem a estrutura e acrescentam um dado de intensidade: direitos e liberdades é a associação que rende mais interações por publicação, quase o triplo da média da denúncia. Cada peça sobre liberdade de imprensa e eleições limpas vale mais do que a média — e é exatamente o vocabulário que Flávio Bolsonaro usou ao anunciar que não iria. Moralizar rende mais do que discutir a norma.



Este gráfico isola a gramática com que cada lado contou as decisões judiciais da noite de 1º de outubro. Enquadramento, aqui, é o modo como o texto seleciona um aspecto do episódio — o rito, a censura, o jogo, a moral — e o põe em relevo sobre os outros. Somadas as três posições, o assunto movimentou cerca de

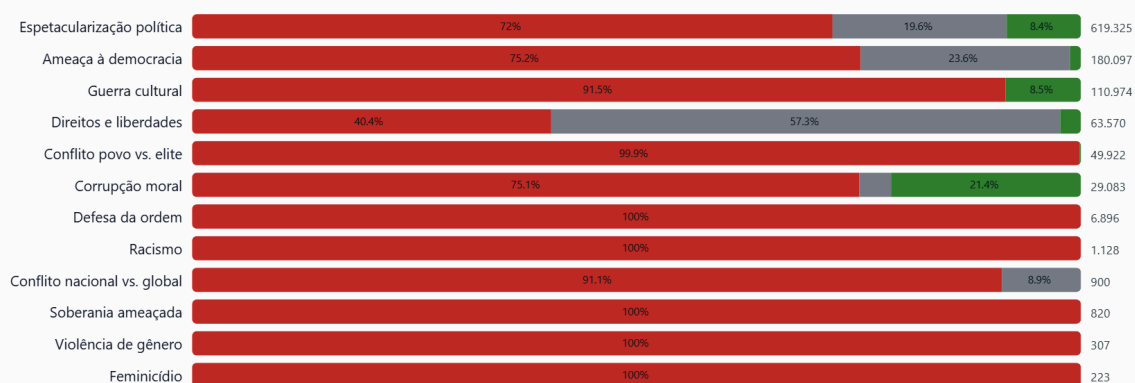
1,24 milhão de interações, e a distribuição é desequilibrada: 84% vêm de textos que atacam e denunciam alguém; 12%, de relato; 3,5%, de defesa e celebração. Para cada interação de quem defende a ida de Lula (PT) ao Flow ou a recusa de Flávio Bolsonaro (PL) ao debate, houve vinte e quatro de quem denuncia o Judiciário, a Globo, Flávio ou Lula. Quem aconselha o campo governista não está disputando um debate: está reagindo a um.

Dentro de quem ataca e denuncia, quatro enquadramentos concentram 92% do engajamento. Lidera a ameaça à democracia, com 38%: a proibição do púlpito vazio, o cancelamento lido como atentado, TSE e STF apresentados como quem estrangulou o debate e a imprensa. Direitos e liberdades vem com 13%, mas é a associação mais intensa do quadro — cada texto sobre liberdade de imprensa e eleições limpas arrecada quase o triplo de interações por publicação que a média da denúncia e quase o dobro da ameaça à democracia. Corrupção moral, também com 13%, faz o serviço pesado: a decisão judicial deixa de ser erro de rito e vira favorecimento, a ministra do TSE tratada como "petista declarada". Moralizar rende mais do que discutir a norma, e quem responde apenas com a norma perde a narrativa.

O enquadramento que atravessa todos os polos é a espetacularização política: 27% do engajamento de quem denuncia, 64% do relato, 60% de quem defende e celebra. É a língua comum da noite — o treino para perguntar ao púlpito vazio, Renan Santos (Missão) escalado pelo "PT e pelo STF", a negociação para responder aos adversários em tempo real na entrevista do Flow, o "quem ganha com isso". Repare onde isso deixa o campo de Lula: entre os que o defendem, a celebração é quase toda tática, esperteza e não conteúdo. A vitória da noite está registrada como jogada, e jogada não transfere voto nem fixa razão; proposta transfere.

A lacuna mais eloquente é o que não apareceu. O enquadramento de defesa da ordem — aquele que mobiliza lei, rito e estabilidade institucional para sustentar uma decisão — responde por 1,4% do engajamento de quem denuncia e por um punhado de textos entre os que celebram. Não há, no campo de Lula, uma narrativa que defenda a decisão do TSE pelos seus fundamentos eleitorais: a paridade de palco, o uso do aparato oficial em campanha. A direita tomou para si o vocabulário do direito e o converteu em censura; a esquerda ficou com o vocabulário do jogo. A prioridade, então, é construir razão pública para a decisão, dizendo o que ela protege, e responder à moral com moral, nomeando o que a desistência de Flávio Bolsonaro fez com o eleitor que esperava ver os candidatos frente a frente. Sem isso, o campo seguirá com 3,5% do engajamento e com a narrativa do adversário.

Na desistência, o repúdio à recusa de Flávio concentra quase oito de cada dez interações do campo. A defesa da recusa existe, mas é presença de rotina, sem rendimento por publicação. A espetacularização domina a leitura do episódio, e quem defende Flávio não constrói censura como martírio: celebra o caos como vitória.



40 · A desistência de Flávio: os enquadramentos, por posicionamento

■ Oposição ■ Neutro informativo ■ Apoio

A desistência de Flávio Bolsonaro do debate da Globo não foi lida como recuo tático: foi lida como espetáculo, e o espetáculo, aqui, tem dono. Entre as publicações que citam Flávio Bolsonaro e tratam do debate que não houve, a espetacularização política responde por 453.889 interações quando o texto ataca a desistência, 121.132 quando apenas relata o episódio e 51.749 quando a defende. Ou seja: a cada dez interações que o caso movimenta no campo da recusa, quase oito vêm de quem repudia a desistência, e o relato neutro — a imprensa cumprindo o ofício de contar o que aconteceu — fica com pouco mais de um quinto do que a denúncia arranca. A espetacularização política é o enquadramento que trata a política como jogo, reviravolta e cena, e é exatamente aí que a desistência foi enquadrada: plot twist atrás de plot twist, três minutos depois da decisão que garantiu Renan Santos, a cadeira vazia, o púlpito proibido.

Vale olhar a composição interna de cada enquadramento, porque ela diz quem sustenta o quê. A ameaça à democracia — o enquadramento que trata o episódio como risco às regras do jogo — soma 140.793 interações na chave de repúdio à desistência e à interferência judicial, contra 36.592 no relato e 2.115 na defesa da recusa; é o segundo terreno mais disputado e o mais desequilibrado de todos, quase todo ele ocupado por quem denuncia. A guerra cultural, que opõe campos identitários, aparece com 108.015 interações no repúdio e 9.462 na defesa — e aqui o dado é revelador: quem defende Flávio Bolsonaro não tem repertório de guerra cultural para oferecer, tem repertório de espetáculo. O conflito povo contra elite, com 55.467 interações, aparece quase inteiramente no campo de quem ataca a desistência, o que é notável: o antipe-tismo clássico, que faria do povo contra a elite a arma natural da direita, foi capturado pelo outro lado. E a corrupção moral, com 21.850 interações no repúdio contra 6.211 na defesa, inverte o que se esperaria de um caso envolvendo Flávio Bolsonaro: a acusação moral não está colada nele, está colada na manobra.

O terceiro dado que salta é a assimetria de volume e de intensidade. A defesa da desistência de Flávio Bolsonaro existe — 63 publicações de espetacularização com 51.749 interações, 20 de guerra cultural com 9.462, 10 de corrupção moral com 6.211 —, mas é presença de rotina, não associação consolidada: poucas publicações, média baixa, e nenhuma delas com o rendimento por publicação que o campo adversário extrai. A média por publicação no repúdio à desistência é de cerca de mil interações; na defesa, fica na casa das centenas. Isso não é empate retórico com placar apertado: é um lado falando para dentro, com a pró-

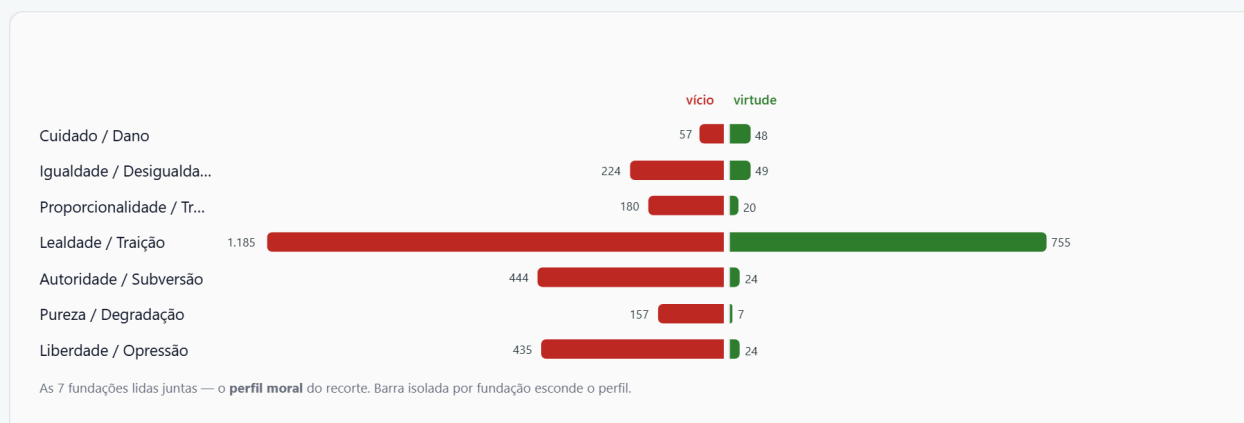
pria base, enquanto o outro fala para fora. O terreno da desistência de Flávio está sendo disputado e ganho pela narrativa de que ele fugiu, e a esquerda não precisa gastar um minuto construindo esse enquadramento — ele já está construído, com quase oito de cada dez interações do campo da recusa apontando para a fuga. O risco não é perder essa batalha; é ganhá-la de um jeito que desloque o eixo para o Judiciário, onde a esquerda não tem vantagem.

Flávio Bolsonaro e seus aliados formularam a desistência como censura: o TSE proibiu a Globo de exibir o púlpito vazio, Gilmar Mendes mandou incluir Renan Santos, e a resposta foi não vou em função da censura imposta ao evento. Essa formulação aparece no gráfico com força modesta: a ameaça à democracia na chave de defesa da recusa soma 2.115 interações, e a defesa da ordem, 6.896 no repúdio — números de episódio, não de associação consolidada. A formulação rival, a da fuga, é a que rende. Quem defende Flávio não está dizendo ele foi censurado; está dizendo plot twist atrás de plot twist, o debate morreu, obrigado por tudo, Nossa Senhora Aparecida — ou seja, está celebrando o caos como vitória, não construindo a censura como mártir. E a espetacularização neutra, com 121.132 interações, é o segundo maior bloco do quadro: o relato do decidiu não ir depois que o TSE proibiu o púlpito vazio circula muito, e circula sem o enquadramento da censura colada. É aí que a esquerda tem oportunidade e risco ao mesmo tempo: a versão factual do episódio está disponível e é muito consumida, e quem controlar a interpretação desse relato controla o recall do caso.

A implicação prática, em ordem de prioridade. Primeiro, não entrar na disputa sobre se houve censura judicial: o gráfico mostra que esse enquadramento não rende nem para quem o propõe, e entrar nele dá a Flávio o palco que a desistência lhe negou. Segundo, manter o eixo na fuga e no confronto evitado — é o terreno onde o repúdio à desistência já concentra quase oito de cada dez interações, e onde a defesa da recusa não tem repertório para responder. Terceiro, tratar o relato neutro como ativo: a narrativa factual do três minutos depois da decisão e da cadeira vazia é a que mais circula sem precisar de adjetivo, e é ela que fixa a memória do episódio. Quarto, vigiar a migração para o Judiciário: se o caso virar o STF e o TSE bagunçaram o debate, a esquerda perde o enquadramento que hoje domina e ganha um problema institucional que não é seu. A desistência de Flávio Bolsonaro foi transformada em cena — e a esquerda, desta vez, não precisa escrever o roteiro: precisa apenas não deixar que o adversário troque o título.

VALORES E MORAL

A gramática moral do caso é a da traição. Na Teoria das Fundações Morais, que mede qual fundação o discurso aciona, cada uma com um polo virtuoso e um polo de violação, a fundação da lealdade contra a traição responde por 54% das ocorrências, e dentro dela a traição leva 61% contra 39% de lealdade. Liberdade contra opressão e respeito à autoridade contra subversão vêm a seguir, com 13% cada, e em ambas o vício domina de forma quase absoluta: a opressão responde por 95% do acionamento em liberdade, a subversão por 95% em autoridade. Os polos de violação somam 74% de tudo o que se aciona, contra 26% de virtude. A fundação do cuidado contra o dano é a menor do recorte e a única quase empatada — ninguém discute o que a ausência do debate custou a quem vota.



15 · Fundações morais do caso (MFT)

A gramática moral deste caso é a da traição. Somadas as fundações acionadas no recorte — a Teoria das Fundações Morais mede qual delas o discurso ativa, cada uma com um polo virtuoso e um polo de violação —, lealdade contra traição, a fidelidade ao grupo e o que a quebra, responde por 54% das ocorrências, e dentro dela a traição leva 61% contra 39% de lealdade. Liberdade contra opressão, a autonomia e o que a esmaga, e respeito à autoridade contra subversão, a hierarquia legítima e seu avesso, vêm a seguir, com 13% cada. Igualdade contra desigualdade fica em 8%, proporcionalidade contra trapaça — o mérito e o jogo viciado — em 5,5%, pureza contra degradação em 5% e cuidado contra dano em 3%. Os polos de violação somam 74% de tudo o que se aciona, contra 26% de virtude: três acusações para cada elogio.

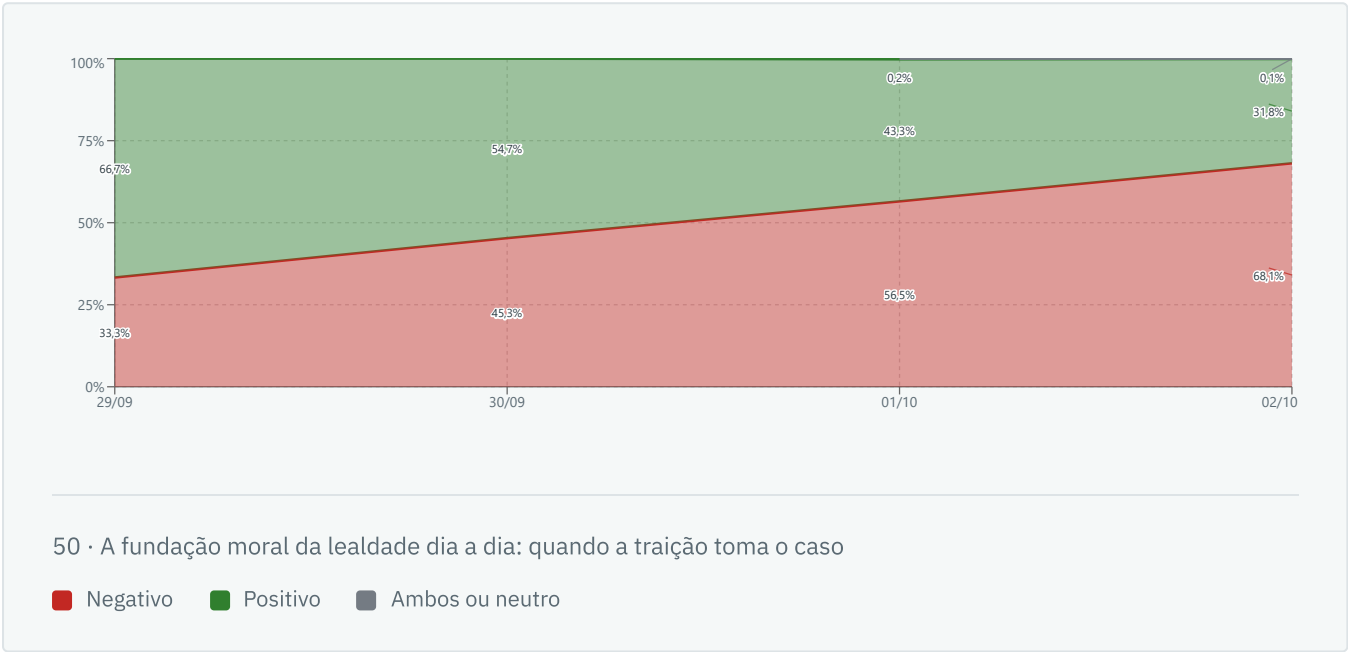
O vício domina justamente onde o caso foi decidido. A opressão responde por 95% do que se aciona em liberdade; a subversão, por 95% em autoridade; a degradação, por 96% em pureza; a trapaça, por 90% em proporcionalidade. A decisão do TSE que tratou a cadeira vazia como cena proibida, a liminar que pôs Renan Santos (Missão) no debate e o cancelamento da Globo entraram todos nessa conta, como liberdade amordaçada e autoridade capturada: censura imposta ao evento, amigos no Judiciário, Justiça a serviço do Lula (PT). A acusação de traição, por sua vez, corre nos dois sentidos — Flávio Bolsonaro (PL) fugiu, Lula é fujão —, e é isso que impede tratar a noite como vitória limpa de um lado.

No polo virtuoso, quatro quintos de tudo o que se aciona é lealdade: fidelidade ao próprio campo, orgulho de quem já está dentro. Isso mobiliza base, não converte, e a três dias da votação a diferença importa. Cuidado contra dano é a menor fundação do recorte e a única em que o polo virtuoso quase empata com o de violação, 46% contra 54%: quase ninguém discute o eleitor que ficou sem confronto nem o que a ausência do debate custa a quem vota domingo. A pureza, com 96% de degradação, guarda o registro residual do insulto — vira-lata, arregão, crápula —, que rende engajamento e cobra preço. Quem falar de dano concreto, e não de fidelidade ferida, fala sozinho.

A ordem de prioridade para o campo do presidente sai daí. A noite de 1º de outubro foi lida como vitória tática, mas a conta moral do episódio está sendo fechada em moeda que pune quem ocupa o governo: traição e opressão são as fundações de quem se apresenta como vítima do sistema, e esse sistema, neste recorte, tem nome de Globo, TSE e STF. Disputar o sentido da ausência antes que a censura vire versão consolidada é a urgência. Ocupar o vazio do cuidado, dizendo o que o eleitor perdeu sem o confronto, vem em

seguida. E a trapaça pede vigilância: é a única fundação em que um candidato de fora do jogo tem narrativa inteira e papel de vítima pronto para vestir. Com a votação em 4 de outubro e o dia seguinte já reduzido à indignação, não há tempo de reenquadrar — só de chegar primeiro.

A traição ganhou terreno dia a dia e por episódio. Em 29 de setembro, quando o TSE acomodava Romeu Zema (NOVO-MG) e barrava Renan, a lealdade ocupava dois terços do acionamento; em 1º de outubro, dia das decisões de última hora, a traição passa à frente com 57%; em 2, crava 68%. Cada lado aponta um traidor — Renan diz que Flávio fugiu dele, Augusto Cury (Avante) chama Lula de fujão, a militância grita arregão na porta da emissora —, e o traído, em todas as versões, é o eleitor que ficou sem confronto. Nenhuma versão trata o episódio como falha técnica.



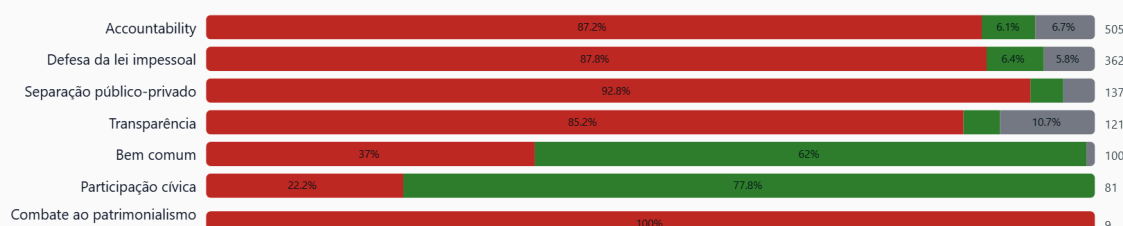
A fundação da lealdade, na Teoria das Fundações Morais, mede o apego ao próprio grupo: no polo virtuoso, a fidelidade e a palavra cumprida; no polo do vício, a traição e a deserção. O gráfico acompanha a composição diária desse acionamento e mostra uma inversão sem sobressalto. Em 29 de setembro, quando o TSE acomodava Romeu Zema (NOVO-MG) e barrava Renan Santos (MISSÃO), a lealdade ocupava dois terços do que se dizia e a traição um terço. Em 30, com o aviso de que Lula (PT) não iria e faria o Flow, a balança quase empata: 55% contra 45%. Em 1º de outubro, dia das decisões de última hora e do cancelamento, a traição passa à frente, 57% contra 43%. Na sexta-feira, crava 68% contra 32% — mais de duas acusações de deserção para cada elogio de fidelidade, o espelho exato do ponto de partida. A leitura neutra some: não chega a 0,2% nos dois últimos dias.

O que subiu não foi um tema, foi uma acusação. Renan Santos diz que Flávio Bolsonaro (PL) fugiu dele; apoiadores gritam arregão na porta da emissora; Augusto Cury (Avante) chama Lula de fujão; Flávio responde que não foi por causa da censura do TSE e que a imprensa tem de ser livre; a Globo é acusada de cartas marcadas. Cada lado aponta um traidor, e o traído, em todas as versões, é o eleitor — quem ficou sem debate, sem a cadeira vazia, sem a pergunta respondida. O púlpito vazio virou o símbolo disso: uma ausência que acusa. Nenhuma das versões trata o episódio como falha técnica; ele é julgado no tribunal da fidelidade, onde a única pena disponível é o voto de castigo.

O terreno é de duas mãos. A decisão que proibiu exibir com destaque a cadeira vazia de Lula e a liminar que mandou incluir Renan Santos deram ao outro lado a matéria-prima da acusação simétrica: o campo do presidente teria usado o Judiciário para moldar o debate e, no limite, para não enfrentá-lo. Se essa versão ganhar tração, a vantagem colhida na quinta-feira vira imposto moral, e o adversário deixa de ser quem desistiu para ser quem fez o debate não existir. O ativo real do campo é o terço de lealdade que sobreviveu ao dia mais duro: a celebração da ida ao Flow, do contato direto com o público, da fidelidade a quem sempre acompanhou Lula.

A prioridade tem ordem. Fixar a deserção em Flávio Bolsonaro, com o fato, a data e a palavra dele, que se recusou a ir ao debate que existia depois de saber que Renan Santos estaria lá. Impedir que o caso migre para o terreno judicial, onde Lula aparece como beneficiário e o adversário como vítima da censura. Converter em conteúdo a fidelidade ao eleitor que a ida ao Flow encenou, porque é essa cena que sustenta o polo virtuoso da fundação. Com dois terços do discurso girando em torno da traição, quem deixar o eleitor sair da urna com um único nome de traidor na cabeça ganha a eleição.

O julgamento normativo corre no vocabulário da exigência de contas. Quatro em cada cinco invocações de um valor republicano no recorte estão em textos que atacam e denunciam, e dentro do campo acusatório a prestação de contas responde por 42% e a impessoalidade da lei por 30%. Separação entre o público e o privado aparece em 93% dos casos em registro de ataque — o Palácio da Alvorada usado como palco, a ministra do TSE descrita como ligada a um ministro do Supremo, a fala sobre sessões a portas fechadas. A defesa de Lula quase não aciona esses valores: lidera na participação cívica, com 78% das ocorrências a favor, e no bem comum, com 62%. É uma defesa de soberania popular contra uma acusação de probidade, e ela não responde à pergunta que o outro lado fez.



16 · Valores republicanos invocados, por posicionamento — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

Valores republicanos são o vocabulário com que um texto reivindica a coisa pública, e aqui se mede quem fala essa língua em cada lado do debate que não houve: prestação de contas, transparência, impessoalidade da lei, separação entre o público e o privado, bem comum, participação cívica e combate ao patrimonialismo. A língua é da acusação. Quatro em cada cinco invocações de um valor republicano no recorte aparecem em textos que atacam ou denunciam alguém: Lula (PT) pela ausência, o Judiciário pela interferência no formato do debate, a Globo pela exclusão de Renan Santos (Missão) e pelo cancelamento, Flávio Bolsonaro (PL) pela desistência anunciada a menos de três horas do horário marcado. Um em cada sete desses textos defende ou celebra uma decisão, e um em cada vinte apenas relata. Dentro do campo acusatório, a prestação de contas responde por 42% das invocações e a impessoalidade da lei por outras 30%. O episódio não foi julgado por cuidado, por igualdade nem por liberdade: foi julgado por contas a prestar e por regra que deveria valer para todos.

Cada valor, olhado por dentro, diz de quem ele é arma. Entre os textos que invocam a prestação de contas, 87% acusam; entre os que invocam a separação entre o público e o privado, 93%; a impessoalidade da lei, 88%; a transparência, 86%. A separação público-privado é, de longe, o valor mais monotônico do gráfico, e é justamente o que mais expõe o campo do governo. Os trechos mostram por quê: a entrevista de Lula ao Flow feita do Palácio da Alvorada, no horário e no lugar do debate; a ministra do TSE que restringiu a exibição da cadeira vazia descrita como ligada a um ministro do Supremo; o relato de que Lula teria defendido que as sessões do STF ocorram a portas fechadas. Do outro lado, Flávio Bolsonaro sai do debate invocando imprensa livre e eleições limpas, e o mesmo repertório de probidade serve à denúncia de que a decisão judicial favoreceu o adversário. A coalizão que acusa é heterogênea, com alvos distintos, mas converge num só idioma: alguém usou o Estado para si.

A assimetria é o achado. Prestação de contas, impessoalidade, transparência e separação público-privado pertencem à gramática da denúncia; a defesa de Lula não passa por nenhum deles. Onde a defesa lidera é na participação cívica, com 78% dos textos que a invocam a favor, e no bem comum, com 62%. Ir ao Flow é defendido como conversa direta com o eleitor, não como cumprimento de regra; e o bem comum é acionado para dizer que a eleição se decide no voto. É uma defesa de soberania popular contra uma acusação de probidade, e ela não responde à pergunta que o outro lado fez. O relato neutro reforça esse desequilíbrio: entre os textos que apenas descrevem o imbróglio, a prestação de contas aparece em 46% e a impessoalidade em 28%, o que significa que a versão dos fatos, do acordo do debate e das decisões de última hora, é contada no vocabulário da exigência de contas. Quem controla a narrativa do acordo controla o valor. O combate ao patrimonialismo tem peso residual e não sustenta leitura própria.

Para quem aconselha Lula e a esquerda, a ordem de prioridade sai daí. Primeiro: a disputa deste episódio foi perdida no terreno normativo, e insistir nele é perder de novo, porque os dois valores em que a acusação tem 87% e 93% de domínio foram alimentados por fatos concretos do próprio campo, e fatos novos no mesmo registro acumulam custo. Segundo: o único terreno em que a defesa tem tração é a participação, e ela existe materialmente, com 1,64 milhão de espectadores simultâneos na entrevista; levar a defesa para lá é uma decisão de linguagem e de agenda, não de retórica. Terceiro: há uma brecha aberta na transparência, valor que a acusação usa contra Lula e que a defesa quase não invoca; compromisso público e verificável de comparecer a todos os debates, agenda aberta e resposta direta ao ponto da cadeira vazia converteriam o valor em ativo, e não em passivo. Quarto, e mais urgente: parte da militância tratou o cancelamento como jogada de mestre e convocou a desligar a Globo, enquanto o adversário, ao desistir, apontava cen-

sura. Celebrar a morte do debate entrega ao outro lado o argumento da insegurança jurídica e destrói a vitrine onde um candidato com esse alcance tem tudo a ganhar. Defender a regra do debate é mais rentável do que festejar sua ausência.

Na cognição cultural de Kahan, que distribui visões de mundo entre hierarquia e igualdade e entre individualismo e comunitarismo, o dado mais eloquente está onde não há quadrante: pouco mais de 99% do material não se deixa situar. Entre os que se deixam, dois terços caem no igualitário-comunitarista, e os eixos marcam 68% igualitário e 78% comunitarista. O episódio é de regra e de conveniência, não de visão de mundo; forçá-lo a batalha ideológica devolve o assunto à única acusação que circula com força.



O gráfico submete o episódio ao quadrante cultural de Kahan, que distribui as visões de mundo em dois eixos — hierarquia contra igualdade, individualismo contra comunitarismo — e localiza cada texto em um dos quatro cruzamentos possíveis. O dado mais eloquente está onde não há quadrante: pouco mais de 99% do que circulou não se deixa situar em nenhum deles. O assunto em disputa é de regra, de calendário e de conveniência — o púlpito vazio, a liminar que incluiu Renan Santos (MISSÃO) a três horas do horário marcado, a proibição de exibir a cadeira vazia, a desistência anunciada por Flávio Bolsonaro (PL) —, e não de visão de mundo. Entre os textos que se deixam classificar, dois terços caem no quadrante igualitário-comunitarista, aquele que desconfia do poder concentrado, lê o dano como produto da desigualdade e cobra proteção coletiva; um quinto é hierárquico-individualista; um pouco mais de um décimo, hierárquico-comunitarista; e uma fração mínima, igualitário-individualista. Nos eixos, o polo igualitário leva 68% contra 32% do hierárquico, e o comunitarista, 78% contra 22% do individualista.

A maioria comunitarista é o segundo dado relevante. A liberdade de imprensa invocada por Flávio (PL) ao anunciar que não iria pertence ao registro individualista, que responde por um quinto do material classificado, e o quadrante da autonomia do indivíduo contra a coletividade — o igualitário-individualista — é o mais rarefeito de todos. O episódio não está sendo processado como litígio de direitos, e sim como drama coletivo, o nós contra um arranjo que teria sido armado. É a mesma gramática apontada para alvos opostos: de um lado as "cartas marcadas" e o "tapetão judicial", a ministra do TSE "petista declarada"; do outro, o "desligue a Globo" e a celebração da ida ao Flow como jogada de mestre. Disputa-se o mesmo quadrante,

não quadrantes distintos, e quem o narrar primeiro com nome, data e imagem fica com ele. Oportunidade e risco de Lula (PT) coincidem: a gramática coletiva é a da esquerda, e é igualmente eficaz para contar a história como prova de que o jogo foi viciado a favor do presidente.

Os quadrantes menores orientam a defesa. O hierárquico-comunitarista, que combina ordem e autoridade com o bem do grupo, é o registro de quem quer discutir a integridade das regras — a "insegurança jurídica" que motivou o cancelamento da Globo, o "atentado à democracia" apontado por Ronaldo Caiado (PSD) e a denúncia de interferência do Tribunal Superior Eleitoral e do Supremo Tribunal Federal. Ele é minoritário, e isso ensina: a acusação de captura institucional não se sustenta em visão de mundo, vive de acusação moral. Daí a recomendação mais fina que este gráfico produz: a proibição de exibir a cadeira vazia deve ser defendida pela igualdade de condições — o ausente não pode ganhar destaque por faltar —, nunca pela autoridade da decisão, porque o argumento de autoridade mora justamente no quadrante minoritário e entrega munição a quem fala em censura. A três dias do primeiro turno, fixar o fato que sustenta sozinho a frase "não houve debate porque um candidato saiu" é a primeira prioridade; a segunda é não deixar a cadeira vazia virar o símbolo da eleição; a terceira é reivindicar o prejuízo coletivo antes que o adversário o faça.

Quando o material é filtrado pelo vício da traição e pelo da trapaça, o resultado é um tribunal de papéis. Cinquenta e nove por cento das atribuições do Modelo de Análise de Papéis Actanciais-Morais, o MAPAM®, que registra o papel moral que o autor confere a quem cita — vítima, agressor, protetor, reparador, comunidade, estrutura —, são de agressor, 37% de vítima e menos de 5% de protetor. Flávio é agressor em 71% do que se diz dele; Renan é vítima em 61%; Gilmar Mendes é agressor em 64% e protetor em 36%. A decisão judicial favorável a Lula produziu leitura de trapaça colada ao próprio campo do governo, no exato momento em que o adversário desistia. A vitória processual virou matéria-prima da narrativa de censura.

27 • MAPAM® sob moral ferida: traição e trapaça

QUEM É CITADO	AGRESSOR	VÍTIMA	PROTETOR
Lula	49,5%	41,7%	8,7%
Flávio Bolsonaro	73,3%	23%	3,7%
Flavio	61,8%	38,2%	
Renan Santos	44,4%	55,6%	
Renan	7,7%	92,3%	
Gilmar Mendes	64,3%		35,7%
Tv Globo	79,4%	6,9%	13,7%

Quando o material que sobrou do debate da TV Globo que não houve é filtrado pela Teoria das Fundações Morais — a teoria segundo a qual o discurso político aciona fundações morais elementares, cada uma com um polo virtuoso e um polo de violação — e se retêm justamente o vício da traição, que é a deslealdade com os seus, e o vício da trapaça, que é a armação e o favorecimento indevido, o resultado não é uma con-

trovêrsia: é um tribunal de papéis. O MAPAM® reparte assim as atribuições no recorte: cerca de 59% são de agressor, 37% de vítima e menos de 5% de protetor, numa razão de quase duas acusações para cada defesa. Flávio Bolsonaro (PL) concentra perto de metade de todos os papéis atribuídos, e Lula (PT) é o único ator que recebe papéis praticamente empatados — 49% de agressor, 42% de vítima. Os trechos que ilustram células diferentes são os mesmos em quase todas: a peça de maior circulação narra o episódio inteiro e distribui papéis a Lula, a Flávio, a Renan Santos (Missão) e a Gilmar Mendes de uma só vez. Não há disputas isoladas; há um bloco narrativo único.

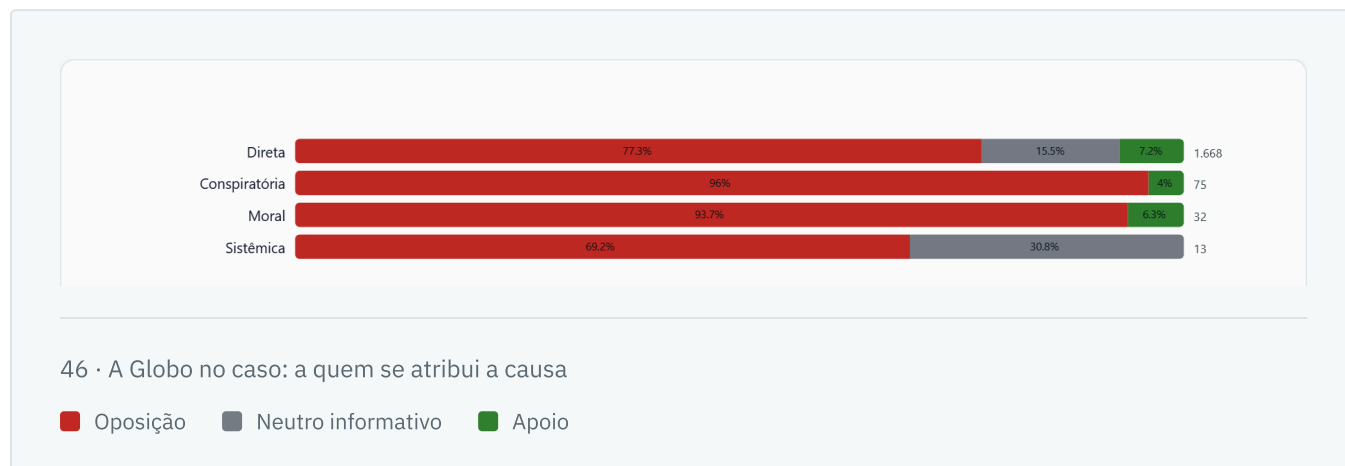
A traição, no caso, tem dono provisório. Flávio é agressor em 71% do que se diz dele, e o enredo é a desistência de última hora, depois da liminar que incluía Renan, lida como fuga do confronto e desprezo pelo eleitor — na gramática da lealdade, a falta capital. Quem produz essa leitura, porém, não é o campo de Lula: Rogério Marinho (PL-RN), Fábio Felix (PSOL-DF), Delegado Alessandro (MDB-SE), Vinteoito e Ana Paula Henkel falam em desprezo e em corrupção moral, e a fórmula quem foge do debate, foge da verdade circula solta, aplicada também a aliados, como André Moura (União-SE). É uma arma de dois gumes: a mesma peça moral serve para acusar Lula de covardia, e é exatamente o que faz Marinho. A esquerda deve explorar a deserção de Flávio, mas não pode depender dela como argumento central, porque o marcador vira com facilidade contra quem estiver ausente. Os 26% de vítima atribuídos a Flávio são a contrapartida: a censura que ele diz ter sofrido. Cada lado fabrica a sua vítima.

A trapaça é o terreno mais perigoso para o governo. Renan é vítima em 61% do que recebe — o excluído do convite da Globo, aquele que a regra da pesquisa teria contemplado e que a liminar inseriu às pressas. Gilmar Mendes aparece como agressor em 64% do que se diz dele e como protetor em 36%: a mesma decisão que o põe como quem arma o tabuleiro o põe como quem garante o direito de participar. Estela Aranha, ministra do Tribunal Superior Eleitoral, aparece apenas como agressora: a proibição do púlpito vazio, perdida pela coligação de Lula, é narrada como manobra. O gesto jurídico favorável a Lula produziu, portanto, uma leitura de trapaça colada ao próprio campo de Lula, no momento em que o adversário desistia e a emissora cancelava — a vitória processual virou matéria-prima da narrativa de censura. Do outro lado, a trapaça também tem endereço: o bolsonarismo é narrado atolado no caso do banqueiro Daniel Vercaro, com o contraste com Bolsonaro, Vercaro virou banqueiro; com Lula, ele foi preso. A acusação de armação corre nos dois sentidos e nenhum campo a controla.

O dado mais eloquente é o que quase não existe. O protetor é 5% das atribuições, e ninguém é narrado como quem protege o eleitor do confronto negado; a gramática disponível é de acusação, não de amparo. Nessa economia moral, quem aconselha Lula tem uma ordem de prioridades clara. A primeira é enterrar o episódio do púlpito vazio: cada menção à decisão do TSE renova a leitura de trapaça e associa o campo de Lula ao Judiciário que teria armado o jogo. A segunda é deslocar a traição para a relação direta entre Flávio e o eleitor, sem intermediários judiciais nem midiáticos, porque a desistência é o único papel de agressor consolidado no recorte e não depende de decisão de ministro para existir. A terceira é ocupar o vazio do protetor: quase 42% do que se diz de Lula já o põe como vítima, o que indica que há onde ancorar uma narrativa de defesa — e o risco é deixar que o nome do jogo seja a trapaça, quando o eleitor que ficou sem debate é a vítima que nenhum dos campos reivindicou.

A causa do problema é personalizada com rara monotonia: cerca de 90% das atribuições apontam um agente concreto e um ato identificável, e dentro desse bloco 79% acusam ou denunciam. A leitura conspiratória fica em 4% — e é quase toda de ataque, espelhando os campos. A sistêmica, que culpa regras e instituições, é 1% das atribuições e a única em que defender tem peso relevante. Sob acusação de desinfor-

mação, a cena fica ainda mais estreita: pouco mais da metade das atribuições faz de alguém vítima, cerca de dois quintos faz de alguém agressor, o protetor não chega a um em cada vinte e não há reparador nem comunidade. O eleitor, único prejudicado incontestável do cancelamento, não recebe papel algum.



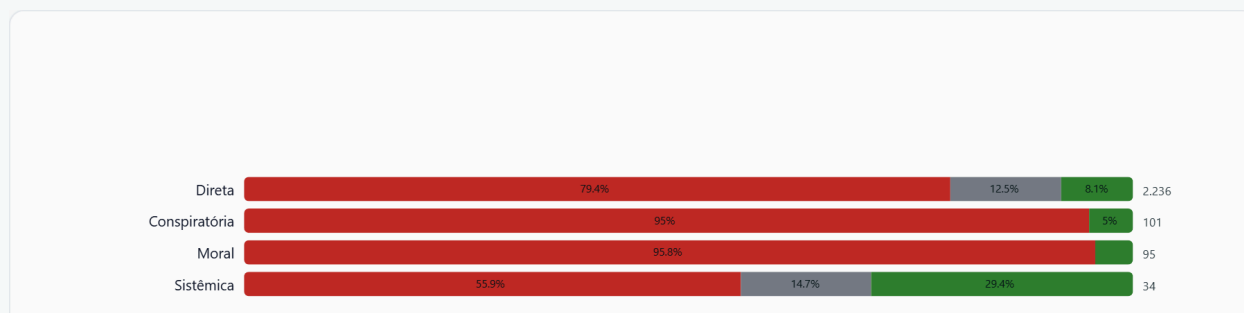
De quem foi a culpa pelo debate que não houve? O recorte responde com nome próprio: em cerca de 93% das publicações classificadas por atribuição de causa, o diagnóstico é direto — um agente, uma decisão, uma assinatura —, contra 4% de leitura conspiratória, menos de 2% de falha moral e menos de 1% de falha do sistema. A dimensão de causalidade mede exatamente isso, a quem o texto credita a origem do problema, e o resultado é inequívoco: o cancelamento do debate da Globo não foi tratado como azar ou defeito de formato. Foi imputado. Dentro da barra dominante, 77% dos textos atacam e denunciam, 15% apenas relatam e 7% defendem ou celebram uma das decisões em jogo, e essa proporção não se alterou quando o assunto começou a esfriar, no dia seguinte.

O polo de ataque não tem um alvo só. Pelos textos de maior circulação, a Globo é atacada por armar um debate de "carnificina" contra Lula e por cancelá-lo; Flávio Bolsonaro (PL), por ter desistido; Lula (PT), pela ausência; o Judiciário, pela interferência. As barras menores repetem o tom: 96% das publicações que enxergam mão oculta atacam e denunciam, 94% das que culpam o caráter, e só a leitura sistêmica, residual, deixa o relato subir a 31%. Aí está o dado estratégico: em 4% do recorte, o adversário sustenta que o TSE agiu a pedido do PT, com "amigos no Judiciário" e uma ministra "petista declarada", e o faz integralmente em registro de ataque, sem margem para dúvida ou contexto.

Para quem assessora o campo do governo, o quadro se lê em dois movimentos imediatos. O primeiro é preservar a autoria confessada: a desistência tem data, motivo declarado e assinatura — Flávio Bolsonaro (PL) a anunciou na própria conta, a poucos dias do primeiro turno —, e é a única atribuição de causa do recorte que não depende de interpretação. O segundo é recusar a briga sobre a decisão da ministra Estela Aranha quanto ao púlpito vazio, porque cada hora gasta nela desloca a causa de Flávio para o Judiciário, e o Judiciário é o único lugar em que o PT figura como beneficiário da interferência.

Fica então o terreno mais largo e menos disputado: com menos de um décimo das atribuições fora da causalidade direta, o episódio não virou debate sobre regras de convite, formato ou o direito do eleitor de ver os candidatos frente a frente, e a exclusão de Renan Santos (Missão), que tinha a queixa mais concreta, foi lida como manobra da Globo, não como falha do sistema. Enquadrar o cancelamento como prejuízo ao eleitor, e não a Lula nem à Globo, tira a discussão do tribunal e a repõe no interesse público, onde é o eleitor,

não o PT, quem aparece como lesado. E há o resto da conta: os 7% que defendem ou celebram a ida de Lula ao Flow produzem mobilização de base, não conversão de indeciso — e o indeciso, neste recorte, lê quem tem culpa.



17 · A quem se atribui a causa, por posicionamento — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

■ Oposição ■ Neutro informativo ■ Apoio

Este gráfico mede a quem o texto credita a causa do problema, cruzada com o que ele faz do assunto: defender e celebrar um ator ou sua decisão, relatar sem tomar lado, ou acusar e denunciar. O diagnóstico do recorte é personalizado e acusatório quase por inteiro: nove de cada dez atribuições de causa apontam um agente concreto e um ato identificável — Flávio Bolsonaro (PL) que desiste, a Globo que não convida Renan Santos (MISSÃO), o TSE que proíbe o púlpito vazio, Lula (PT) que não vai ao debate. Dentro desse bloco, 79% acusam ou denunciam, 12% apenas relatam e 8% defendem ou celebram. Pelos trechos, a denúncia mais recorrente é a conduta da Globo, pela exclusão de Renan e pelo cancelamento; vêm depois a acusação de fuga contra Flávio e, mais discreta, a de ausência contra Lula.

A causa moral, que localiza o problema num defeito de caráter, responde por cerca de 4% das atribuições, e 96% delas acusam: é ali que moram "arregão", "covarde", "vira-lata", o "fugiu de mim". A conspiratória, que enxerga conluio escondido, fica em 4%, com 95% de acusação, e espelha os campos — de um lado a Globo armando "uma arapuca para o Lula", de outro o PT e o STF "escalando" Renan Santos para atacar Flávio. Já a sistêmica, que culpa regras e instituições, é 1% das atribuições, mas é a única barra em que defender tem peso: 29%, contra 56% de acusação e 15% de relato. Nela a censura não é atribuída a uma pessoa, e sim ao desenho institucional — a decisão de última hora, a insegurança jurídica, o Judiciário que interfere no calendário do debate. É o único diagnóstico que não pede cabeça de ninguém.

Para quem aconselha Lula, o quadro é menos confortável do que a noite de 1º de outubro sugeriu. O campo governista venceu a disputa prática — Lula falou para 1,64 milhão de espectadores simultâneos no Flow, Flávio para 534 mil, e o debate morreu —, mas perdeu a disputa do diagnóstico. A causa que circula com mais força é a conduta da Globo, e a Globo, no enquadramento que domina, aparece como quem excluiu Renan e depois cancelou; a acusação de ausência contra Lula existe, mas é minoritária e não organiza o debate. O risco está aí: quando a causa dominante é personalizada e acusatória, e o alvo principal é a emissora, o governo herda por tabela a pecha de ter sido beneficiado pelo imbróglio — "amigos no Judiciário",

diz a manchete mais repetida do dia 1º. A oportunidade é a barra sistêmica, pequena mas de sinal invertido: é o único terreno em que defender tem peso relevante, e é o terreno em que a esquerda pode plantar sem defender a si mesma — defender a regra do debate, o calendário eleitoral, a previsibilidade das decisões a três dias do voto. Quem fala de censura e de interferência deve ser o campo que sofreu a exclusão de Renan, não o que a celebrou.

26 · MAPAM® quando o texto acusa desinformação

QUEM É CITADO	AGRESSOR	VÍTIMA	PROTETOR
Lula		30,4%	69,6%
Flávio Bolsonaro		60%	36,7% 3,3%
Flavio		8,3%	91,7%
Renan Santos		30,4%	69,6%
Tv Globo		74,4%	2,6% 23,1%

Nas publicações que acusam mentira, manipulação ou armação e citam os personagens do debate que não houve, o MAPAM® desenha uma cena sem socorro: pouco mais da metade das atribuições faz de alguém vítima, cerca de dois quintos faz de alguém agressor, e o protetor não chega a um em cada vinte. Reparador, nenhum. Comunidade, nenhuma. O eleitor, único prejudicado incontestável do cancelamento a três dias do primeiro turno, não recebe papel algum. A medida é presença de discurso, não exposição: conta quem é nomeado agressor ou vítima na acusação de desinformação, e o que ela revela é uma briga de elites, sem povo na cena.

Flávio Bolsonaro (PL) concentra os dois papéis centrais com peso comparável — agressor para uns, vítima para outros, quase na mesma medida —, e é aí que está o achado. Lula (PT) e Renan Santos (Missão) recebem, cada um, cerca de sete de cada dez atribuições como vítimas e três como agressores. Gilmar Mendes aparece um pouco mais como agressor do que como protetor, e Estela Aranha, ministra do Tribunal Superior Eleitoral, é a única figura com um só papel, o de agressor. A agressão que se nomeia é judiciária: o ministro do Supremo que libera Renan de última hora e o envia para atacar Flávio; a ministra do TSE que proíbe o púlpito vazio; a emissora que cancela o que se chama de circo armado. A proteção também é judiciária — a liminar que garante a presença do excluído.

Como o recorte reúne justamente as publicações que denunciam manipulação, a conclusão incômoda é que a palavra desinformação foi capturada por quem acusa a imprensa e o Judiciário de fabricar a verdade. Do outro lado, o agressor é Flávio, e o enredo é a desistência: quem foge do confronto e chama de censura o que era regra de isonomia. Nesse espelho, Lula é vítima em sete de cada dez atribuições que recebe, mas boa parte dessa vitimização vem do campo que repudia a Globo e o Supremo — a arapuca armada para Lula aparece na mesma peça que saúda Renan e xinga o debate de armação. Vítima, ali, é uma posição que o adversário concede, e ela tem preço: iguala a ausência calculada de Lula à exclusão de Renan e à desistên-

cia de Flávio sob o mesmo sistema. Já os três de cada dez em que Lula é agressor vêm do registro que morde — a audiência fraudada no Flow, o PT e o Supremo escalando Renan, o governo pedindo no Supremo. É a narrativa do beneficiário do arranjo, e é a que se converte em voto contra.

Para quem se aconselha, a ordem é esta. Não litigar regras: cada peça da casuística judicial — o pedido do Solidariedade, a decisão sobre o púlpito, o cancelamento — repõe o agressor no Judiciário e deixa Lula como beneficiário, e é essa companhia que precisa ser desfeita, não confirmada. Devolver o eleitor à cena é a oportunidade que o gráfico escancara ao não lhe dar papel nenhum: quem nomear o dano — um debate a menos para decidir o voto — sai da briga entre instituições e reencontra o público como lesado. Deixar a decisão do TSE de pé pelo que ela é, regra de isonomia, sem que a campanha se apresente como sua advogada, porque quem a defende herda o papel de agressor; e responder, com exigência de prova e nome próprio, à acusação de audiência fraudada, único terreno em que Lula é agressor e o único que, virando senso comum até domingo, custa voto.

PAPÉIS E ATRIBUTOS

O caso produziu dois enredos que se negam. Flávio concentra 63% de atribuições de agressor contra 37% de vítima; Lula aparece com 56% de agressor e 44% de vítima — quase paridade, sinal de que a defesa do presidente como vítima da desistência alheia não se impôs sobre a acusação de captura do Judiciário. Renan é o caso mais limpo: 71% de vítima, excluído pela emissora e depois deixado fora do palco. O papel mais bem construído do recorte é o de um candidato que não disputa o voto majoritário.

21 · Papéis actancial-morais (MAPAM®): as pessoas do caso

QUEM É CITADO	AGRESSOR	VÍTIMA	PROTETOR	REPARADOR
Lula	47,1%	36,9%	14,2%	1,8%
Flávio Bolsonaro	60,4%	36,7%	2,8%	
Flavio	55,3%	44,7%		
Renan Santos	29,3%	70,7%		
Renan	5,9%	94,1%		
Gilmar Mendes	81,6%		18,4%	
Estela Aranha	91,3%	8,7%		

O gráfico mede uma coisa só: quem, na história contada sobre o debate cancelado, ocupa cada papel actancial-moral. O MAPAM®, o Modelo de Análise de Papéis Actancial-Morais, identifica em situações de dano ou risco quem sofre (vítima), quem causou (agressor), quem deveria proteger (protetor), quem deve reparar (reparador), quem é afetado coletivamente (comunidade) e que estrutura reproduz o dano. Aqui, o papel é atribuído pelo autor a quem ele cita — não é o que o citado diz de si. E o que as linhas mostram é uma assimetria brutal: Flávio Bolsonaro (PL) concentra 171 atribuições de agressor contra 102 de vítima, enquanto Lula (PT) aparece com 105 de agressor e 83 de vítima, e Renan Santos (MISSÃO) com 122 de vítima contra

49 de agressor. Traduzindo em proporções dentro de cada ator: Flávio é agressor em 63% das vezes em que recebe papel, Lula em 55%, Renan é vítima em 71%. O caso não produziu um enredo único — produziu dois enredos que se cruzam e se negam.

O enredo que domina a superfície é o de Flávio como agressor, e ele vem de duas fontes distintas que convergem no mesmo alvo. A primeira é a leitura de que ele fugiu: os trechos mostram a provocação direta ("é verdade que você faltou no debate da Globo pra assistir o Lula no Flow?"), a acusação de que exigiu a exclusão de Renan como condição para participar, e a narrativa de que desistiu por medo do confronto. A segunda é a leitura de que ele armou o tabuleiro: "a Globo armou um debate às vésperas do primeiro turno para beneficiar Flávio Bolsonaro" — aqui o agressor é Flávio, mas o instrumento é a emissora. O mesmo ator é agressor tanto para quem o acusa de covardia quanto para quem o acusa de manipulação; a diferença é o registro moral — a covardia aciona o vício da fraqueza, a manipulação aciona o vício da trapaça. E a vítima muda: na primeira leitura, é o eleitor privado do debate; na segunda, é Lula, "carnificado" por vinte minutos de ataques enquanto tinha dois para responder.

Lula recebe os dois papéis com pesos próximos — 105 de agressor, 83 de vítima —, e essa quase paridade é o achado mais interessante do gráfico. Como agressor, ele aparece na acusação de que usa "amigos no Judiciário" para impor censura, de que a ministra Estela Aranha agiu a seu pedido para proibir a exibição do púlpito vazio, de que o PT escalou Renan Santos via STF para atacá-lo. Como vítima, aparece na narrativa de que a Globo armou uma "arapuca" contra ele, de que foi alvo de uma carnificina desenhada. O campo lulista narra Lula como vítima da Globo e do sistema; o campo adversário narra Lula como agressor que capturou o Judiciário. A paridade 105/83 não é empate retórico, é sinal de que a defesa de Lula como vítima não conseguiu se impor sobre a acusação de agressor. Em um caso em que o adversário desistiu do debate, o esperado seria que Lula dominasse o papel de vítima da desistência alheia; ele não domina.

Renan Santos é o caso mais limpo do gráfico: 122 atribuições de vítima contra 49 de agressor, ou seja, 71% de vítima. O enredo é coerente e unívoco — ele é o excluído, o não convidado, o que protestou em frente à Globo, o que desafiou Flávio a debater em um bar. É o papel mais bem construído do recorte, e isso tem consequência eleitoral: Renan, que não é competitivo no primeiro turno, conseguiu se posicionar como o único que não fugiu, o que enfrentou. Para o campo de Lula, isso é ambíguo — Renan como vítima da Globo reforça a narrativa de que a emissora protegia Flávio, o que ajuda Lula; mas Renan como vítima que enfrenta também rouba o papel de corajoso que Lula poderia ocupar. Gilmar Mendes aparece com 31 atribuições de agressor contra 7 de protetor — 82% de agressor —, e Estela Aranha, com 21 de agressora contra 2 de vítima, é tratada como instrumento de Lula, não como atora autônoma. Protetores e reparadores praticamente não existem: o caso foi narrado como disputa entre agressores e vítimas. A prioridade, para quem aconselha, é deslocar o enredo de "Lula agressor via STF" para "Flávio agressor que fugiu e a Globo que o protegeu", e o material mais forte para isso não é a defesa de Lula, é o ataque à Globo e a exposição da desistência de Flávio.

Nas instituições e nos coletivos, o debate se esgota na dupla vítima-agressor, que soma 93% dos papéis. A Globo concentra 48% de todas as atribuições e é narrada como agressora em 71% delas — para quem a acusa de excluir Renan e proteger Flávio, e também para quem a acusa de armar uma arapuca contra Lula. O Judiciário fica com 16% das atribuições e 84% delas o põem como agressor. As vítimas são coletivas: o povo e o eleitor respondem por 57% dos papéis de vítima, a democracia por 15%, e os candidatos que ficaram sem palco são descritos como lesados. Proteção, reparação e comunidade somadas não chegam a 7%. A vaga de quem restaura o que foi quebrado ficou desocupada.

22 · Papéis actancial-morais (MAPAM®): instituições e coletivos

QUEM É CITADO	AGRESSOR	VÍTIMA	PROTETOR	REPARADOR	COMUNIDADE
Tv Globo	69,9%	19,6%	10,5%		
Rede Globo	85,7%	14,3%			
Judiciário	88,6%		11,4%		
Tse	81,3%	3,1%	12,5%	3,1%	
Stf	81,5%	7,4%	11,1%		
Povo		98,1%			1,9%
Eleitor		100%			
Democracia		100%			
Candidatos	5%	95%			

O MAPAM® mede a função que cada autor atribui a quem cita — vítima, agressor, protetor, reparador, comunidade. Neste recorte, o debate se esgota na primeira dupla. Vítima e agressor somam 93% dos papéis atribuídos a instituições e coletivos, contra 7% de proteção, reparação e comunidade somadas. A Globo concentra 48% de todas essas atribuições e, em 71% delas, é narrada como quem agiu contra alguém: somadas as três formas pelas quais entra no debate, ela aparece como agressora mais de três vezes para cada vez em que aparece como vítima. O Judiciário — TSE, STF e a referência genérica — fica com 16% das atribuições, e 84% delas o põem no papel de agressor.

As vítimas são coletivas, e aí está o mais eloquente do quadro. O povo e o eleitor respondem por 57% dos papéis de vítima e por 27% de todas as atribuições; a democracia recebe 15% das vítimas; entre os candidatos, 95% das atribuições os descrevem como lesados — Ronaldo Caiado (PSD), Romeu Zema (NOVO) e Augusto Cury saíram do estúdio, que existia, sem o debate que lhes fora prometido. O mesmo ator, porém, troca de papel conforme quem narra. A Globo é agressora para quem a acusa de excluir Renan Santos (MISSÃO) e de proteger Flávio Bolsonaro (PL); é vítima para quem, como o próprio Flávio Bolsonaro, denuncia censura do TSE ao evento. Cada campo aponta como agressora a instituição que supõe ter favorecido o adversário, e a acusação à emissora é a mais pesada do recorte, mais de duas vezes e meia a que recai sobre o Judiciário.

O que falta diz mais a quem aconselha Lula (PT) do que o que sobra. Proteção, reparação e comunidade somadas são 7% dos papéis, e o único ator que aparece como protetor com peso é a própria Globo, com 72% das atribuições de proteção. Reparação é uma célula residual, e comunidade quase não existe: o povo figura como vítima em 16% das atribuições e, como coletivo que age, numa fração irrisória. Numa noite que cancelou o último debate antes do primeiro turno, ninguém foi apresentado como quem devolve ao eleitor o que lhe foi tirado. A cadeira que ficou vazia no estúdio tem uma equivalente na estrutura do debate: a posição de quem repõe o dano ficou desocupada.

O risco está do outro lado da conta. Com 84% das atribuições do Judiciário no papel de agressor, a tese de que TSE e STF agiram para favorecer o presidente circula com força, e é por esse canal que a noite de 1º de outubro vira passivo: a ausência de Lula no debate e a decisão que proibiu exibir o púlpito vazio caminham juntas na mesma narrativa, e a vítima "democracia", hoje nomeada sobretudo pelos adversários, não pode ficar com eles. A ordem, para quem aconselha, é esta: não litigar em público a decisão judicial, porque é ali que a contaminação pega; ocupar a posição de reparador com compromisso verificável — data, formato e regra para o debate do segundo turno —; e converter o povo-vítima em povo que age, já que a mobilização de domingo não se faz com lamento. A vaga mais valiosa do tabuleiro continua aberta, e quem a ocupar primeiro define o tom da reta final.

A distribuição dos papéis é monotônica em todos os tipos de autor. Entre políticos, 44% das atribuições recaem sobre o agressor e 42% sobre a vítima; entre a imprensa, 48% e 45%; entre influenciadores, 50% e 44%; entre usuários comuns, 51% e 44%. Em nenhum grupo a distância entre culpar e vitimizar chega a sete pontos. A imprensa reproduz, com selo de autoridade, a mesma proporção da conversa espontânea. A única variação com sinal político está no protetor, que ocupa 9% das atribuições feitas por políticos, quase o dobro da média geral.

23 · Quem atribui os papéis: MAPAM® por tipo de ator que publica

QUEM É CITADO ↓ · PAPEL →	AGRESSOR	COMUNIDADE	PROTETOR	REPARADOR	VÍTIMA
Flavio Bolsonaro	60%		2.8%		37%
Globo	74%		8.4%		18%
Lula	47%		14%	1.8%	37%
Renan Santos	29%				71%
Povo		1.9%			98%
Flavio	55%				45%
Eleitor					100%
Democracia					100%
Judiciario	89%		11%		
Gilmar Mendes	82%		18%		
Brasil					100%
Renan	5.9%				94%

O gráfico mede quem atribui papéis morais, não quem os recebe, e o resultado é de uma monotonia que diz muito. O MAPAM® aparece aqui quase reduzido a dois papéis. A acusação de agressão responde por 49,7% de tudo o que se atribuiu; a vítima, por 43,9%; somadas, as duas posições ocupam 93,6% das atribuições. O protetor fica com 5,4%, o reparador com 0,4%, a estrutura com 0,2%. No episódio inteiro, quase ninguém foi convocado a consertar o que foi quebrado, e ninguém foi apontado como parte de um arranjo que produza o dano por si.

A uniformidade é o dado mais forte, e atravessa todos os tipos de autor. Entre políticos, 44% das atribuições recaem sobre o agressor e 42% sobre a vítima; entre a imprensa, 48% e 45%; entre influenciadores, 50% e 44%; entre usuários comuns, 51% e 44%. Em nenhum grupo a distância entre culpar e ser vítima chega a sete pontos, e entre quem governa e quem noticia não passa de três. A imprensa não organiza o enredo com vocabulário próprio: reproduz, com selo de autoridade, a mesma proporção da conversa espontânea. A única variação com sinal político está no protetor, que ocupa 9% das atribuições feitas por políticos, quase o dobro da média geral. Proteger alguém — e não apenas acusar — é o único gesto que este episódio reservou à política profissional.

O enredo que sustenta esses papéis é simétrico. Flávio Bolsonaro (PL) desistiu do debate e se colocou como vítima da censura do TSE, com a ministra Estela Aranha, que proibiu destacar o púlpito vazio, e Gilmar Mendes, cuja liminar devolveu Renan Santos (MISSÃO) ao palco. Renan fora vítima da regra que o deixou fora e fez da TV Globo a agressora, para virar, minutos depois, vítima da desistência do adversário. Lula (PT) faltou, disse que esses debates não produzem nada e recebeu o lugar de agressor: "fujão", na voz de Augusto Cury, "covarde", na de Flávio. Quando os dois lados reivindicam o mesmo papel e o negam ao outro, a vitimização deixa de explicar o conflito e passa a funcionar como arma. Nesse ringue a esquerda não tem vantagem a colher, porque a simetria a anula, e tem uma conta a pagar: a de que o governo teria usado amigos no Judiciário para moldar o evento.

Daí a recomendação, em ordem de prioridade. A cadeira vazia é a do reparador, e ocupá-la é o movimento mais barato disponível: falar em devolver ao eleitor a comparação que lhe foi tirada, com regra clara, debate garantido e responsabilidade sobre o processo, é o único papel que ninguém disputa neste recorte. A segunda prioridade é não entrar na disputa de vitimização: como situação, o governo não pode se apresentar como vítima das suas próprias instituições sem que a queixa se converta em indício contra si na narrativa adversária. A terceira é assumir o papel de protetor, que só a política reserva com alguma regularidade, nomeando o que se protege — o direito do eleitor de ver os candidatos frente a frente. Quase três em cada quatro atribuições de papel deste recorte saem de usuários comuns e influenciadores: esse vocabulário não se muda por nota oficial, muda-se quando circula embaixo. E o risco a evitar é deixar que a explicação estrutural, hoje em décimos, seja preenchida pelo adversário como denúncia de manipulação.

Nos textos que defendem e celebram, Lula concentra cerca de dois terços das atribuições e recebe um par quase empatado: vítima em 48%, protetor em 42%. A medida assinada no mesmo dia e levada ao Flow — o afastamento remunerado de até seis meses para mulheres vítimas de violência — sustenta o papel de protetor; a Globo e a elite que não o perdoa sustentam o de vítima. Flávio é agressor em 60% do que recebe, e Renan é vítima em todas as menções de papel, sem nenhum protetor. Vítima sem protetor é combustível de outsider, energia que não se converte em voto no governo.

24 · MAPAM® nas publicações de apoio — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

QUEM É CITADO	AGRESSOR	VÍTIMA	PROTETOR	REPARADOR
Lula	3,2%	48,4%	41,9%	6,5%
Flávio Bolsonaro	64,7%	35,3%		

Nas publicações que defendem ou celebram um ator e a sua decisão — Lula (PT) por ir ao Flow Podcast, Renan Santos (MISSÃO) por enfrentar a exclusão, Flávio Bolsonaro (PL) por recusar o que chama de censura —, o MAPAM® desenha um campo desigual. Lula concentra cerca de dois terços das atribuições de papel, Flávio Bolsonaro cerca de um quarto e Renan Santos menos de um décimo. E o faz num par quase empatado: Lula é vítima em 48% das vezes em que é figurado e protetor em 42% — juntos, os dois papéis respondem por nove de cada dez menções de papel que lhe são feitas. Isto não é o retrato de um campo que celebra um vencedor; é o de um campo que narra, ao mesmo tempo, um perseguido e um protetor.

Os enredos que sustentam esses papéis são concretos. Lula protetor carrega a medida anunciada por ele no próprio Flow, que garante até seis meses de licença remunerada a mulheres vítimas de violência, e a fala em que se apresenta como o entrave que impede os fascistas de ganhar. Lula vítima é o alvo da Globo, do golpe, da elite que não o perdoa. A língua de chicote dirigida a Flávio — o senador que "não tem passado, não tem presente, não tem futuro", o que "defendeu um assassino de criança" — fabrica o agressor que responde por 60% dos papéis que ele recebe; os outros 40% o põem como vítima da censura judicial, e é aí que o campo que comemora a noite de 1º de outubro abriga, sem querer, a narrativa do adversário.

Renan Santos fecha o quadro em posição única: vítima em todas as menções de papel — da exclusão da Globo, das "elites corruptas" — e sem nenhum protetor no recorte. Vítima sem protetor é combustível de outsider, a energia antipolítica que não se converte em voto no governo. Daí dois riscos distintos para quem aconselha Lula. O primeiro é celebrar o cancelamento do debate como troféu: quem festeja a cadeira vazia empresta ao outro lado o enquadramento de que houve censura, e faz do Judiciário o autor dela — enquadramento que, adiante, se volta contra qualquer governo. O segundo é adotar a causa de Renan como própria; a exclusão dele golpeia a Globo, mas o discurso que dela nasce não pertence a este campo, e o vingador que a vítima sem protetor procura não usa a camisa 13.

A ordem de prioridade sai da própria hierarquia dos papéis. Protetor é o que converte, porque exige entrega com nome, assinatura e número — e o Flow forneceu uma; vítima mobiliza base, mas tem teto, porque vitimização persuade quem já está persuadido. Reparador, o papel da entrega que se cobra depois, aparece em apenas 6,5% das atribuições a Lula, e é ali que está o maior retorno disponível: repetir a medida, datá-la, transformá-la em programa e não em episódio. A língua de chicote, enfim, quase nada custa dentro de

casa — Lula agressor responde por 3% —, mas é exatamente o material com que o outro lado fabricará a imagem do presidente que ataca. O melhor que a noite do Flow deixou não é a humilhação do adversário: é a medida que protege.

Nos textos que atacam e denunciam, a hierarquia se concentra em cinco nomes: Flávio recebe 45% das atribuições, Renan 26%, Lula 21%, Gilmar Mendes 5% e a ministra do TSE Estela Aranha 3%. Lula é o presidencialista mais acusado desse polo: 64% do que dele se diz o faz agressor, e o retrato se fixa nas palavras da semana — o ausente, o fujão, a cadeira vazia, o Palácio da Alvorada tratado como comitê. Gilmar é agressor em 82% do que dele se diz e protetor em 18%; Estela, agressora em 91%. O mesmo ato vira favor ou abuso conforme quem narra.

25 · MAPAM® nas publicações de oposição — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

QUEM É CITADO	AGRESSOR	VÍTIMA	PROTETOR
Lula	64,2%	32,1%	3,7%
Flávio Bolsonaro	61%	35,9%	3,1%
Flavio	55,8%	44,2%	
Renan Santos	30,7%	69,3%	
Renan	6,1%	93,9%	
Gilmar Mendes	81,6%		18,4%
Estela Aranha	91,3%	8,7%	

O MAPAM®, o Modelo de Análise de Papéis Actanciais-Morais, registra o papel que o autor confere a quem cita numa situação de dano — vítima de um dano, agressor que o causou, protetor que deveria impedi-lo, reparador que deve consertá-lo, comunidade afetada e estrutura que o reproduz. Nas publicações que atacam e denunciam, 54% das atribuições fazem de alguém agressor, 43% vítima e 3% protetor: dezenove acusações para cada gesto de proteção. Num episódio sobre um debate presidencial que não houve, o país não discutiu como reparar o processo eleitoral; montou um mercado de culpa, e quem tem mais superfície exposta paga a conta mais alta.

Os papéis se concentram em cinco nomes. Flávio Bolsonaro (PL) recebe 45% de todas as atribuições; Renan Santos (Missão), 26%; Lula (PT), 21%; o ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes, 5%; a ministra do Tribunal Superior Eleitoral Estela Aranha, 3%. O centro do enredo, porém, não é um vilão simples: entre as atribuições a Flávio, 60% o fazem agressor e 37% vítima, porque dois campos contam o

mesmo homem por versões opostas — o que fugiu do debate e condicionou a ausência de Renan à própria presença, para quem o denuncia, e o censurado pelo TSE, para quem o defende. Atacar o candidato do PL, hoje, é entrar numa briga em que mais de um terço da história dele já é vitimização.

Lula é o presidenciável mais acusado deste polo: 64% das atribuições que recebe são de agressor, 32% de vítima e 3,7% de protetor. O retrato se fixa nas palavras da semana — o ausente, o fujão, a cadeira vazia, o Palácio da Alvorada tratado como comitê —, e vem tanto dos adversários diretos, Ronaldo Caiado (PSD), Romeu Zema (NOVO) e Augusto Cury (Avante), quanto do coro digital que pedia Brasil com Lula no Flow. A narrativa de que o petista foi vítima de uma arapuca armada pela emissora cobre um terço do que dele se diz aqui, o que é pouco contra dois terços de acusação. No mesmo movimento, Renan recolhe 74% de vítima — a moeda que ele converteu em convite, protesto e desafio público a Flávio.

O restante das atribuições tem endereço, e o endereço interessa a quem aconselha. Um quarto do que se diz de Renan o faz agressor, por duas vias incômodas para a esquerda: a de que teria sido escalado pelo PT e pelo Supremo para atacar Flávio, tese que circula em publicação de Jeffrey Chiquini (NOVO-PR), e a de que terminou no colo do Lula. O Judiciário sofre a mesma inversão: Gilmar Mendes é agressor em 82% do que dele se diz neste polo e protetor em 18%; Estela Aranha, agressora em 91%. O mesmo ato — incluir Renan, proibir a exibição do púlpito vazio — vira favor ou abuso conforme quem narra. Discutir o mérito das decisões, nesse terreno, é perder: o que se julga ali não é o ato, é o lado.

A oportunidade está na linha mais estreita do quadro. Com 3% de protetor contra 43% de vítima e 54% de agressor, a posição de quem restaura as regras ficou vaga — e Lula já a ocupa um pouco mais que Flávio, 3,7% contra 2,4% das respectivas atribuições, sem explorá-la. A ordem de prioridade que os dados sustentam é esta: não disputar com Renan o posto de vítima, que ele ocupa com 74%; não engordar a acusação que já consome dois terços do que se diz de Lula entre os que atacam; e tratar o debate cancelado como prejuízo ao eleitor, não como golpe da emissora — porque a ofensiva contra a Globo une campos opostos e entrega a Flávio a bandeira da imprensa livre que ele hasteou ao desistir.

47 · Papéis no episódio (MAPAM®): Lula, Flávio, Renan, a Globo e o Judiciário

QUEM É CITADO	AGRESSOR	VÍTIMA	PROTECTOR	REPARADOR
Lula	47,1%	36,9%	14,2%	1,8%
Flávio Bolsonaro	60,4%	36,7%	2,8%	
Flavio	55,3%	44,7%		
Renan Santos	29,3%	70,7%		
Renan	5,9%	94,1%		
Tv Globo	69,9%	19,6%	10,5%	
Rede Globo	85,7%	14,3%		
Judiciario	88,6%		11,4%	

Tse	81,3%	3,1%	12,5%	3,1%
Stf	81,5%	7,4%	11,1%	
Gilmar Mendes	81,6%		18,4%	

O MAPAM®, o Modelo de Análise de Papéis Actanciais-Morais, mede que papel quem publica atribui a quem é citado — vítima, agressor, protetor, reparador, comunidade —, e neste recorte a matriz está quase inteira ocupada por dois deles: agressor responde por 51% dos papéis atribuídos e vítima por 43%. Protetor fica com 6%; reparador e comunidade, com sobras desprezíveis. O debate que a Globo cancelou na noite de 1º de outubro não está sendo contado como problema a resolver, e sim como uma contenda sobre quem atacou quem. Nas atribuições de agressor, Globo e Flávio Bolsonaro (PL) dividem quase dois terços — cerca de 30% cada —, e Lula (PT) aparece em terceiro, com 14%. A consequência para quem é aconselhado é imediata: a última milha antes do primeiro turno está sendo gasta numa prova de culpa que nenhum dos lados vai aceitar. A vaga aberta é a de quem protege o eleitor.

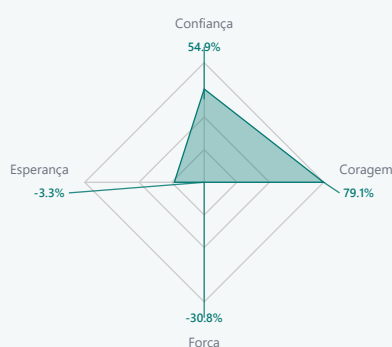
Flávio é agressor em 60% dos papéis que recebe e vítima em 38%: entre os textos que o citam, pesou mais a versão de quem o apresenta como o que atravessou o debate — quem fugiu, quem foi chamado de arregão, quem exigiu a exclusão de Renan Santos — do que a de quem o apresenta como censurado. Os mesmos textos chegam a atribuir-lhe os dois papéis ao mesmo tempo, o que diz que a disputa é sobre o enredo, não sobre o fato. Renan Santos (Missão) é o mais univocamente vitimizado, com 75% de vítima, e a acusação que o sustenta é a de que a emissora armou arapuca ao não convidá-lo. Lula é o ator mais disputado da matriz: 47% agressor, 37% vítima, 14% protetor — a imagem que os dois lados conseguem sustentar, alvo de carnificina para um e responsável pela própria ausência para o outro. Daí o risco: cada viralata e cada desqualificado dito no Flow abastece o polo agressor que a esquerda precisa esvaziar. A recomendação é parar de produzir ataque na voz do candidato e deixar que o enquadramento da fuga trabalhe sozinho.

Onde a matriz deixa de ser sobre o debate e passa a ser sobre a própria eleição é no bloco judicial. O Judiciário é agressor em 89% dos papéis que recebe, Gilmar Mendes em 82%, o Tribunal Superior Eleitoral em 81%, o Supremo em 82%, e a ministra Estela Aranha em 91% — a mais alta concentração de agressão de todo o quadro, e justamente na autoridade que atendeu o pedido da coligação de Lula. A culpa do episódio passa a ser narrada como do Judiciário, não dos candidatos, e é essa a história mais perigosa para a esquerda: a crítica às decisões de última hora é legítima, mas é a mesma que, depois de domingo, servirá para contestar o resultado. O conselho é separar as frentes. Denunciar a condução da Globo tem tração e objeto; atacar o tribunal entrega ao adversário o argumento que ele já está usando. Censura é palavra que, no dia seguinte, não distingue quem a sofreu de quem a encenou.

O povo é vítima em praticamente todos os papéis que recebe, e o eleitor não recebe nenhum outro. A esquerda montou a peça inteira — Globo agressora, povo e eleitor prejudicados, desligue a Globo, golpe nunca mais — e é dela o principal nome no papel de protetor, pouco mais de um terço das atribuições de proteção, praticamente empatado com a Globo, na versão de quem a acusa de blindar Flávio. Proteção e reparação, porém, somam 6% e uma fração residual: são exatamente os papéis que este debate não discute. É aí que está a brecha, e a recomendação é concreta. Transforme a indignação em entrega com nome, data e lugar — o compromisso do debate que não houve, marcado com regra e sem exclusão —, porque mo-

bilizar a base já foi feito, e base mobilizada não é voto conquistado. Resta administrar o custo: a vítima desta matriz é o eleitor que ficou sem debate, e a ele a esquerda tem de falar como quem resolve, não como quem também apanhou.

No quadro consolidado, Globo e Flávio dividem quase dois terços das atribuições de agressor, com cerca de 30% cada, e Lula aparece em terceiro, com 14%. O Judiciário é agressor em 89% dos papéis que recebe, Gilmar em 82%, o TSE em 81%. Numa noite que cancelou o último debate antes do primeiro turno, ninguém foi apresentado como quem devolve ao eleitor o que lhe foi tirado.



51 · Flávio, Lula e Renan antes, no Caso Master, na padroeira e no debate cancelado: confiança, coragem e força (CCFE®)

O CCFE® atribui a cada ator, publicação a publicação, de -3 a +3 de confiança (é crível, cumpre o que diz), coragem (enfrenta, não recua) e força (tem poder para fazer acontecer), com a esperança surgindo quando os três eixos são positivos; o valor exibido é a média, e zero é neutro. Na janela aberta pela desistência de Flávio Bolsonaro (PL), Lula (PT) responde por pouco mais da metade dos textos que citam os três, Renan Santos (MISSÃO) por quase três em cada dez e Flávio por um em cada cinco. Antes de 15 de setembro a ordem era outra: Lula em cerca de dois terços, Flávio em quase um terço, Renan em menos de um vigésimo. Como o aconselhado é o centro do campo de citação, todo arranhão nele tem escala nacional.

Flávio é o caso em que o gesto pesa mais que a acusação. Ele chegou ao dia 14 com coragem praticamente neutra do lado positivo (+0,231) e força discreta (+0,305); o Caso Master derrubou a confiança a -1,422, marcada, mas deixou coragem e força em terreno neutro, e a padroeira quase nada alterou. A desistência produziu o movimento contrário: a confiança voltou a -0,606, leve a moderada, e a coragem desabou para -1,225, marcada no campo do recuo, com força neutra (+0,08) e esperança zerada. O que a semana colou nele não é a imagem do mentiroso, e sim a do candidato que foge. Para o campo de Lula, a linha rentável até domingo é a deserção, não a reabertura do Caso Master, que nesta janela perdeu tração.

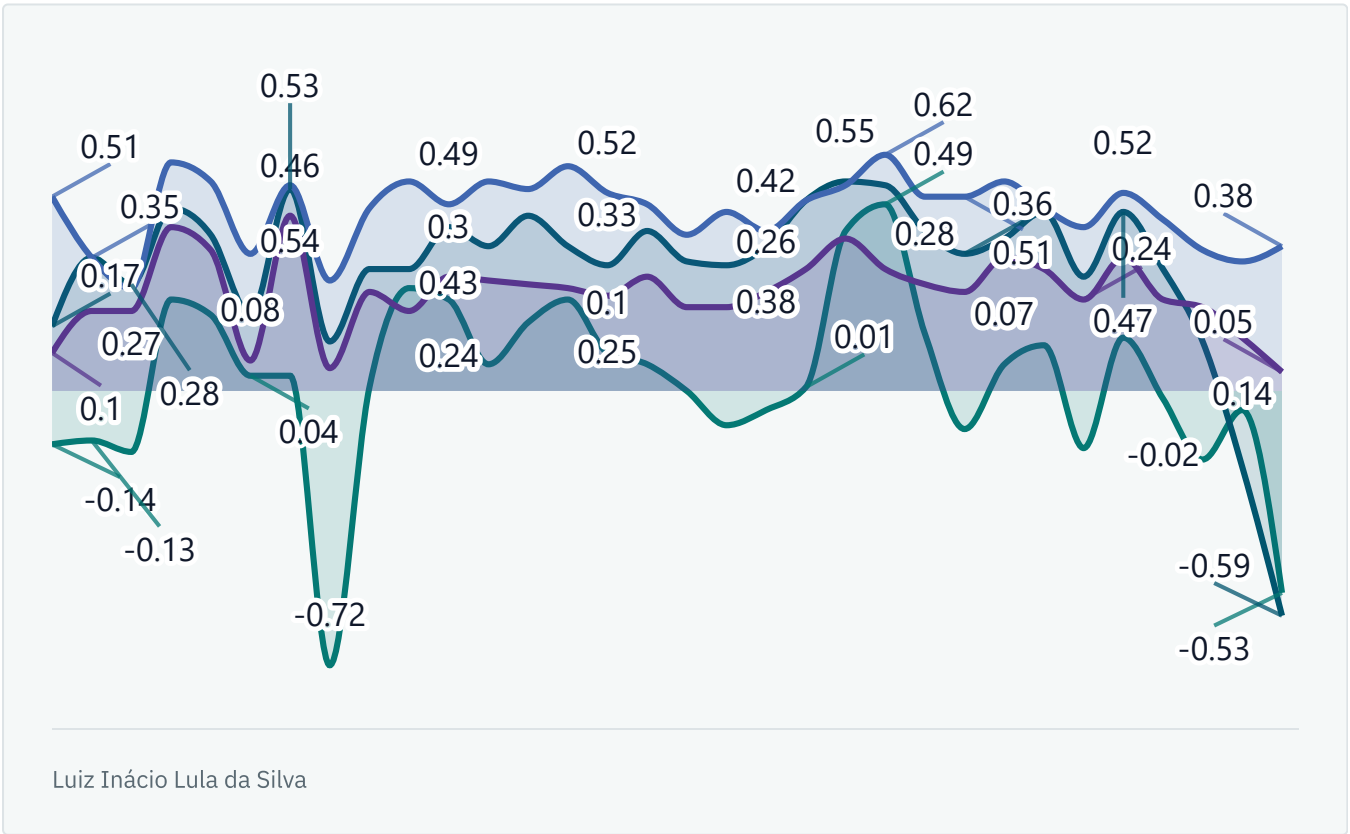
Lula ganhou a noite e perdeu no eixo que este recorte isola. Sua coragem sai de +0,401, leve, para perto de zero enquanto os casos correm e fecha a janela do debate em -0,624, leve a moderada: o fujão de Augusto Cury e o Lula tá doente de Renan não passaram em branco. Em compensação, a força sobe a +0,391, a maior dos três, e a confiança melhora para -0,487, vinda de -1,193 no Caso Master — o Flow entregou po-

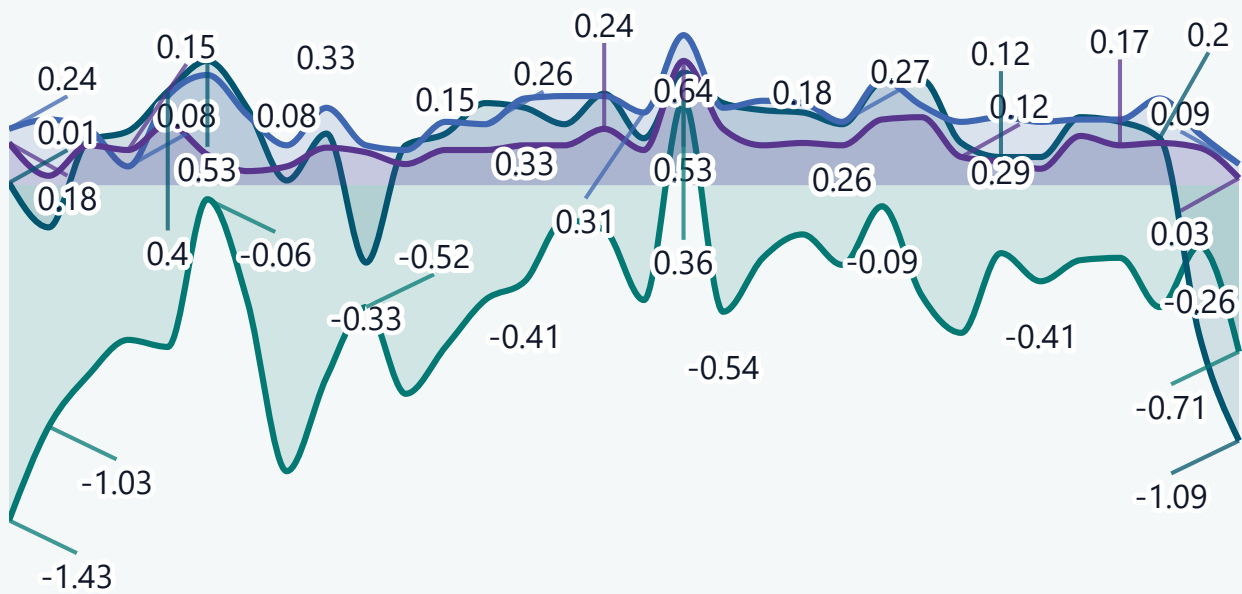
der e alcance, com audiência simultânea cerca de três vezes maior que a live de Flávio, mas não entregou enfrentamento. Renan, que fez o gesto físico de coragem, aparece com coragem -0,988, porque boa parte dos textos que o citam o narra como escalado pelo PT e pelo STF, instrumento de campanha alheia.

A esperança é o eixo mais eloquente e o menos confortável. Lula tinha +0,338 antes dos casos e, desde 15 de setembro, não sai do entorno do zero (+0,015, +0,084, +0,041); Flávio e Renan praticamente não a registram. Só há esperança quando confiança, coragem e força são todas positivas, e nenhum dos três chega lá: o episódio entrega poder sem futuro — um debate que não houve, uma cadeira vazia, um protesto na calçada, um pedido de voto útil feito às pressas. A campanha tem três passos nesta ordem: reverter a coragem com exposição pessoal e confronto aceito; reconectar a força a uma entrega com nome, prazo e número, para que a esperança se forme; e não deixar que a vitória da semana se leia como vitória de gabinete.

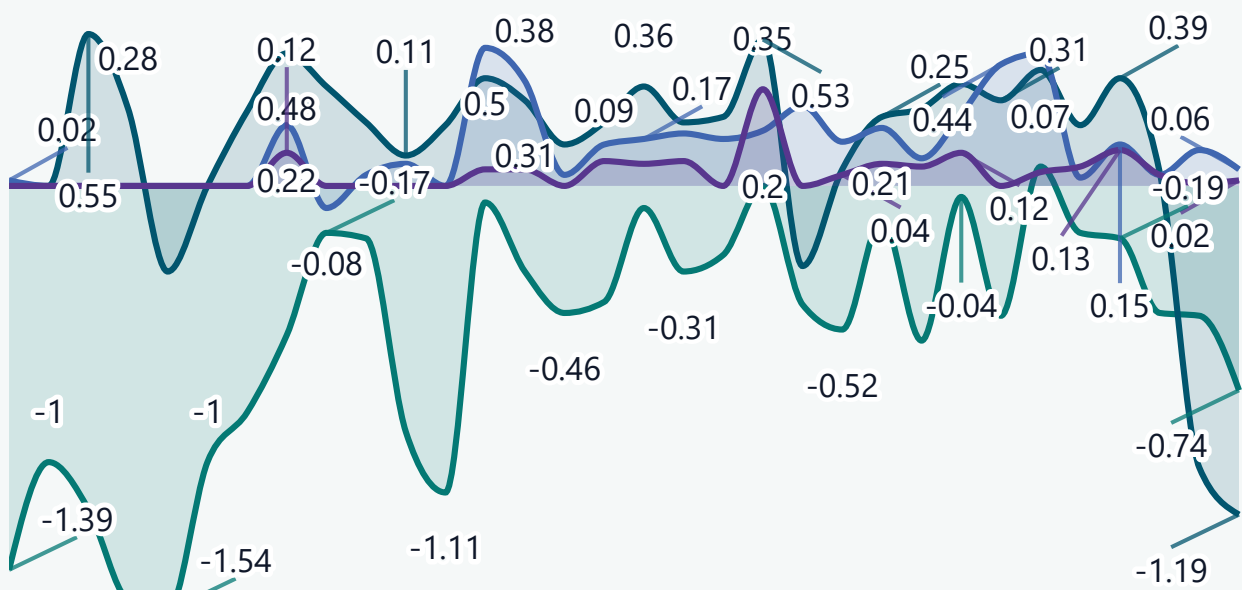
O índice de Confiança, Coragem, Força e Esperança — o CCFE®, que atribui a cada ator, publicação a publicação, de -3 a +3 por eixo, com o valor expresso em média, zero como neutro e a esperança emergindo quando os três são positivos — mostra que ninguém saiu maior do caso. Flávio pagou a conta mais alta: a coragem, levemente positiva antes, desaba para -1,228 dentro do caso, o registro mais baixo do quadro, com força reduzida a 0,08. Renan, que protestou na calçada, marca -1,015 em coragem e -0,619 em confiança nas publicações que o citam; o número reflete a cena de fuga em que ele figura, quase sempre ao lado da desistência de Flávio, e não um juízo de covardia sobre ele — na leitura por alvo, o que se dirige a Renan é orgulho e lealdade. Gilmar Mendes é o retrato mais duro: confiança marcadamente negativa em todas as janelas e força que salta a 0,897 quando decide e recua a 0,33 quando o texto trata do episódio em si — o juiz que pode tudo e não merece crédito.

28 • Confiança, coragem e força atribuídas (CCFE®), dia a dia desde 01/09

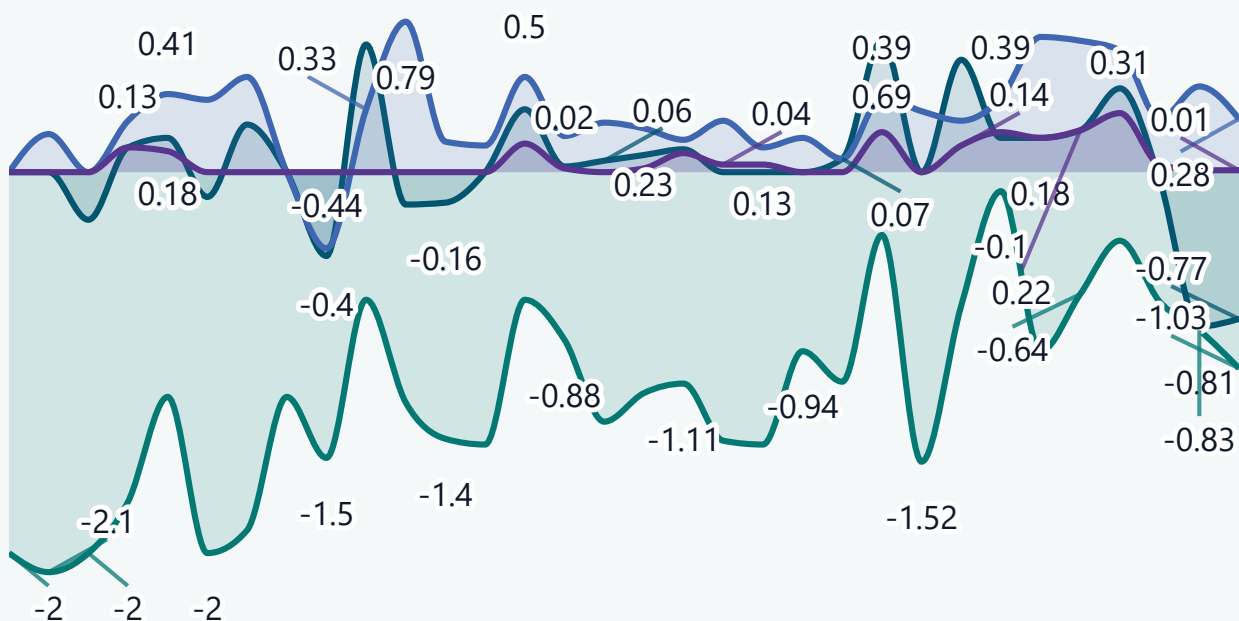




Flávio Bolsonaro



Renan Santos



Gilmar Mendes

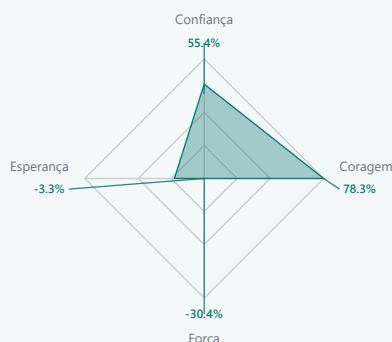
O CCFE®, o modelo de Confiança, Coragem, Força e Esperança, mede o que cada publicação atribui ao ator que cita: cada texto dá de -3 a +3 em cada eixo, e o valor é a média; zero é neutro. Confiança é ser crível e cumprir o que diz; coragem é enfrentar sem recuar; força é ter poder de fazer acontecer; a esperança emerge quando os três ficam positivos. Média acima de zero significa ator crível, que enfrenta e tem poder; abaixo, ator que mente, recua ou é impotente. Nenhuma das quatro pessoas citadas sai do caso com a coragem mais alta do que entrou; todas caem, e duas invertem o sinal. Note-se de quem se fala aqui: o gráfico lê o que quem cita cada nome atribui a ele, não o que cada um diz de si. E o volume de citações não premiou quem esteve na cena: Lula, ausente, e Flávio Bolsonaro (PL), que desistiu, concentram perto de dois terços e pouco mais de um quarto dos textos que citam os quatro; Renan Santos (Missão) e o ministro Gilmar Mendes, juntos, menos de um décimo.

Flávio é quem paga a conta mais alta. A desconfiança já existia antes do caso (-0,442) e se aprofunda dentro dele (-0,608); a coragem, levemente positiva antes (0,272), inverte o sinal e desaba para -1,228 — recuo marcado, o registro mais baixo de todo o quadro —, enquanto a força, estável perto de 0,32, cai a 0,08, quase nada. O candidato que alegou censura para não subir ao palco é citado como quem fugiu. Não deixa de ser notável que a fundação moral da liberdade, na Teoria das Fundações Morais, que descreve os valores morais acionados pelo discurso, apareça aí no polo da opressão — a censura denunciada — e não converta em crédito de enfrentamento: quem o cita não lhe atribui coragem, atribui recuo. Renan, que entrou por liminar e foi protestar em frente à emissora, tem apenas duas janelas e recebe a mesma sentença: a coragem vai de 0,313 a -1,015. Um recusou-se a ir, o outro lutou para entrar, e o episódio os emparelha na leitura de que recuaram.

Gilmar Mendes é o retrato mais duro deste gráfico. É o mais desconfiado em todas as janelas (-1,057 antes do caso, -1,256 durante o caso fora dele, -0,938 dentro), desconfiança marcada e estrutural, que o episódio não criou; e é o único cuja força salta quando ele decide (0,897) para recuar a 0,33 quando o texto trata

do episódio em si, com a coragem caindo a $-0,952$. Fica desenhado o juiz que pode tudo e não merece crédito — a combinação mais corrosiva que uma democracia pode produzir. Lula é o oposto na força: é o único que atravessa o caso conservando força positiva ($0,394$, contra $0,08$ de Flávio e $0,083$ de Renan) e a maior esperança da tabela, que é, ainda assim, quase nada ($0,042$). Antes do caso essa esperança era $0,305$, cerca de sete vezes mais. A confiança dele já vinha negativa fora do caso ($-0,219$) e recua a $-0,49$ dentro; a coragem cai de $0,406$ a $-0,62$. A queda existe, mas é de intensidade leve a moderada, enquanto a dos dois adversários é marcada.

Na ordem em que importa para quem aconselha Lula e a esquerda: o ativo intacto é a força, e é ele que a campanha deve pôr na frente, porque num domingo de voto a percepção de quem tem poder de fazer acontecer vale mais do que qualquer desmentido — e o gráfico diz que, entre os quatro, só ele é citado assim. A coragem caiu, mas caiu menos nele do que nos dois concorrentes, e o reparo é factual, não retórico: o custo da ausência ficou absorvido; repetir o gesto, não. O risco mora na associação com a Justiça. A desconfiança que este gráfico mede está concentrada no ministro que decidiu incluir Renan e no formato do debate derrubado por decisões de última hora; quem aparece como beneficiário da liminar herda parte dessa desconfiança, e comemorar em voz alta a desistência do adversário é entregar de graça o enquadramento de que o tabuleiro foi armado — que é exatamente o que Flávio e Renan passaram o dia dizendo. E o dado que deve tirar o sono de qualquer campanha é a esperança: perto de zero nas quatro colunas, o eleitorado que cita os quatro nomes não vê saída em ninguém. Quem oferecer amanhã concreto, em vez de celebrar a fuga alheia, recolhe o que sobrou.



29 · CCFE® dentro do caso: o retrato de cada ator

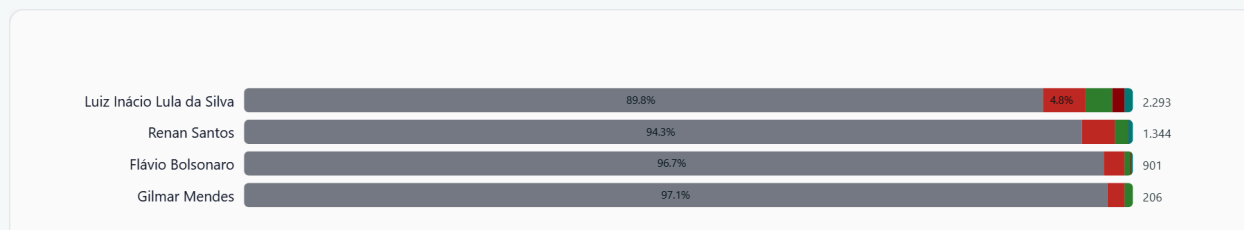
O CCFE® entrega neste episódio do debate cancelado um retrato sem vencedor: nenhum dos quatro medidos passa de $0,041$ em esperança, praticamente o zero neutro da escala. A força, no entanto, se distribui de maneira brutalmente desigual. Lula (PT) marca $0,391$, quase cinco vezes os $0,08$ de Flávio Bolsonaro (PL) e os $0,084$ de Renan Santos (Missão); Gilmar Mendes vem logo atrás, com $0,33$. A confiança é negativa para todos, e vai de $-0,487$ a $-0,938$. O caso não elegeu um vencedor moral; produziu uma paisagem em que se reconhece poder, mas não crédito. Para quem trabalha com a campanha de Lula, isso significa que o ativo a preservar é a percepção de capacidade, e o passivo a estancar é a de credibilidade.

O eixo que decide a leitura do episódio é a coragem, e ali ninguém está bem. Lula fica em $-0,624$, desconfiança leve a moderada no recuo: a ausência do debate, o esses debates não produzem nada e a ida ao Flow no mesmo horário são lidos como esquiva, ainda que a entrevista tenha rendido a frase mais agressiva da noite contra o adversário. Flávio leva $-1,225$, o pior escore de toda a série e quase o dobro, em magnitude, dos $-0,624$ de Lula; a desistência anunciada a três horas do começo, sob a alegação de censura do Tribunal Superior Eleitoral, não converteu a narrativa de vitimização em firmeza, e a força dele ficou em $0,08$, ou seja, nula. Vale registrar o essencial: o adversário direto está pior do que o aconselhado no eixo em que o aconselhado também perde. Isso abre espaço para uma ofensiva de confronto — agenda de debates, entrevistas e sabatinas — que conserte o único atributo que a oposição conseguiu ferir.

Renan é o caso que mais ensina sobre o mecanismo, porque desmentiu a intuição mais comum: protestar em frente à emissora e desafiar o adversário não virou coragem — ele marca $-0,988$, e sua confiança, $-0,619$, é pior que a de Flávio. O enquadramento de que teria sido escalado pelo PT e pelo Supremo para atacar o bolsonarista contaminou por completo a leitura de seus atos. Gilmar Mendes fecha o quadro com a pior confiança ($-0,938$) e coragem próxima disso ($-0,952$), mas força de $0,33$: poder sem legitimidade, imagem feita das decisões de última hora sobre o púlpito vazio e a inclusão do próprio Renan. É aqui que mora o risco maior para Lula, e ele é de contiguidade: a força do ministro, lida como favor, ameaça transformar a força do candidato em tutela judicial, exatamente a acusação que a oposição repetiu o dia inteiro.

A ordem de prioridade, então, é clara. Primeiro, reconstruir a coragem de Lula — cada recusa a confronto reabre a ferida dos $-0,624$, e há poucos dias até o voto. Segundo, explorar a força própria como capacidade de entrega e de pauta, mantendo-a longe do noticiário judicial, porque a fronteira entre $0,391$ e $0,33$ é curta demais para quem depende de não parecer protegido: a diferença de confiança entre Lula e Flávio é de $0,119$, e essa margem estreita não sustenta descuido. Terceiro, atacar a esperança zerada, que é o dado mais inquietante do quadro: quando nenhum ator encarna saída, o voto útil do adversário encontra terreno livre, e a campanha que hoje comemora a desistência de Flávio amanhã pode colher uma eleição decidida pelo cansaço, não pela escolha.

Lula é o único que atravessa o caso conservando força positiva, $0,394$, contra $0,08$ de Flávio e $0,084$ de Renan, e a maior esperança da tabela, ainda assim quase nada. A confiança recua para $-0,49$ e a coragem para $-0,62$; a queda existe, mas é mais leve que a dos dois adversários. A esperança é o dado que deve incomodar: nenhum dos quatro passa de $0,041$, e antes do caso a de Lula era cerca de oito vezes maior. E quase todo o material não julga: nada menos que 93% das menções aos quatro ficam no neutro, e entre as que julgam o medo responde por 54%, contra 28% de esperança. Flávio sai do episódio quase sem ser julgado, com três juízos em cada cem menções, o que deixa a versão dele de pé sem contrapeso.



30 · Estado CCFE® de cada ator no caso

■ Neutro ■ Medo ■ Esperança ■ Frustração ■ Simpatia

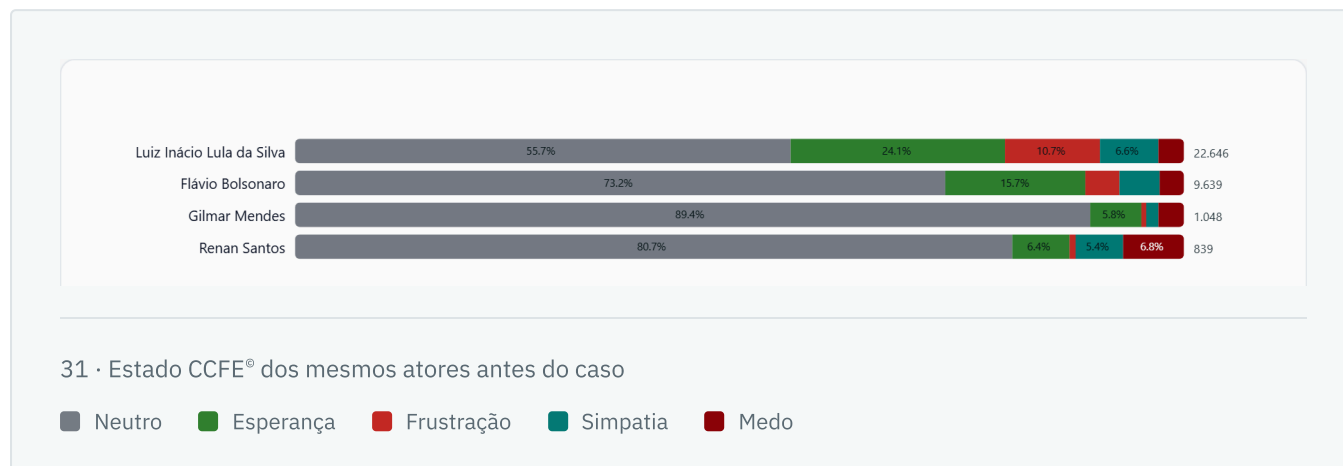
No recorte do debate da Globo que não houve, o traço mais forte do estado CCFE® é a ausência de juízo. Nada menos que 93% das menções a Lula (PT), Renan Santos (Missão), Flávio Bolsonaro (PL) e Gilmar Mendes ficam no neutro, no registro de quem apenas relata, e só 7% atribuem algum estado afetivo. É um debate sobre procedimento — liminar, púlpito vazio, desistência, cancelamento —, e procedimento se narra, não se julga. Entre os que julgam, o medo dá o tom: responde por 54% de toda avaliação não neutra, contra 28% da esperança.

Quem recebe o juízo, porém, não é quem recebe a menção, e aí está a informação útil. Lula aparece em 48% das citações aos quatro e concentra 69% de todas as avaliações não neutras; Renan responde por 28% das menções e 22% delas; Flávio, por 19% das menções e apenas 8% dos juízos; Gilmar Mendes, pivô da liminar que mandou incluir o candidato do Missão, é o mais narrado e o menos avaliado, com 4% das menções e 1% dos juízos. Traduzindo em intensidade: a cada cem menções, dez a Lula vêm com juízo de estado, cinco a Renan, três a Flávio e duas a Gilmar. O candidato que se apresentou como o excluído do debate gera quase o dobro de avaliação por menção que o candidato que desistiu dele.

O medo se distribui de modo desigual, e a razão entre medo e esperança diz o essencial. Nas menções a Flávio, o medo supera a esperança em oito para um; nas de Renan, em duas vezes e meia; nas de Lula, em uma vez e meia; as de Gilmar são quase todas medo, com um resíduo de esperança. Nenhum dos quatro encarna uma saída: a esperança não passa de 3% das menções a Lula e é praticamente inexistente nas de Flávio, o que faz sentido num episódio em que o que se viu foi censura judicial, cadeira vazia, recuo de última hora e um debate cancelado por insegurança jurídica. O vocabulário que circulou nos trechos mais engajados é o do medo — golpe, tapetão, censura, o debate na Globo morreu —, e o sarcasmo dirigido a Gilmar o trata como causa processual do imbróglio, não como personagem que inspire ou intimide. A frustração tem endereço único: um décimo do juízo não neutro, quase todo sobre Lula — o desapontamento de quem esperava o debate e encontrou a cadeira vazia.

Para quem aconselha Lula e a esquerda, o quadro tem uma boa e duas notícias duras. A boa é que a noite foi ganha em alcance — mais de 1,6 milhão de espectadores simultâneos no pico da entrevista contra 534 mil na live do adversário —, e que Lula é o ator sobre o qual o debate mais se pronuncia. As duras: esse volume não se converteu em confiança, e Flávio saiu do episódio quase sem ser julgado, com três juízos em cada cem menções, o que deixou a versão dele — a da censura sofrida — de pé sem contrapeso proporcional. A prioridade é deslocar o debate do procedimento para o mérito: transformar cada menção a Flávio

numa cobrança de coragem e de coerência, dizer em números o que se entrega em vez de responder à agenda alheia, e tratar a frustração registrada sobre Lula como o que ela é — risco de desmobilização do próprio campo, e não ruído de rede.



O estado CCFE® aparece aqui como composição: cada linha soma 100% dos estados atribuídos a cada citado entre 1º e 29 de setembro, antes do caso. O peso vem primeiro: Lula (PT) concentra cerca de dois terços das publicações que citam os quatro nomes, Flávio Bolsonaro (PL) pouco mais de um quarto, e Gilmar Mendes, ministro do Supremo Tribunal Federal, e Renan Santos (Missão) somados ficam abaixo de 6%. É a linha de base de um debate de dois, com o Judiciário e o candidato do Missão aparecendo de lado — um pela via institucional, o outro pela via da exclusão. Para quem aconselha Lula, serve de régua: o que o episódio do debate cancelado mudar será medido contra essa proporção.

Lula é o único dos quatro cujo estado não neutro passa de quatro em cada dez menções: cerca de 24% de esperança, 11% de frustração, 7% de simpatia e 3% de medo, contra 56% de neutro. A esperança responde por quase oito de cada dez ocorrências desse estado no recorte inteiro, ativo quase sem concorrência — o vídeo de Wagner Moura, o Viva Lula do partido, a peça que opõe soberania a submissão. A frustração, por sua vez, é dele em nove de cada dez casos, e o objeto é misto: a peça que dá Augusto Cury como vencedor no segundo turno convive, no mesmo rótulo, com a mobilização própria no Paraná. Para a campanha, são duas tarefas de sinal oposto — repetir a esperança, que é o que o campo dele produz de próprio, e responder à frustração com entrega verificável, obra, data e nome.

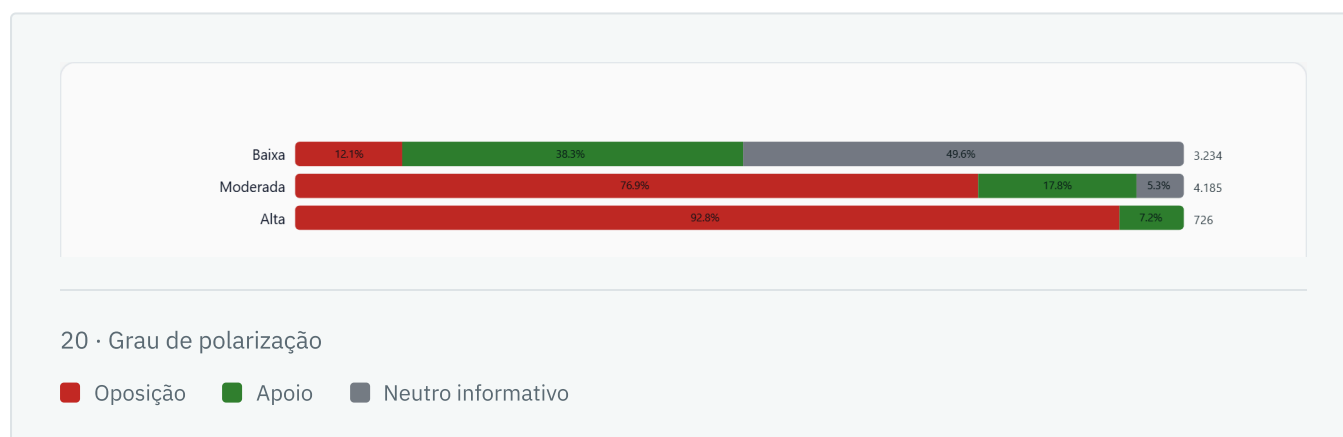
Flávio aparece em quase três de cada quatro publicações, 73%, em estado neutro, com 16% de esperança, 4% de simpatia, 4% de frustração e 3% de medo. A leitura fácil, de adversário citado com indiferença, não se sustenta: o neutro ali é o registro do relato acusatório — o casamento com André Valadão no altar e Daniel Vercaro na primeira fila, o pedido de 24 milhões de dólares, o avião do banqueiro, o elo com um dos condenados pelo assassinato de Marielle Franco. A acusação circula vestida de informação, e é essa descrição que a deixa passar além da bolha já mobilizada. Falta-lhe medo e frustração em torno de si, o que quer dizer que ele não é citado como ameaça nem como decepção, mas como personagem de escândalo. Converter esse relato em indignação explícita aumenta a intensidade dentro do campo e, no mesmo movimento, entrega ao adversário a matéria-prima do papel de perseguido — o que a live da desistência, já fora deste recorte, tentaria montar.

Gilmar Mendes e Renan Santos fecham o quadro em estado quase inteiramente neutro — cerca de 89% para o ministro, 81% para o candidato do Missão —, com esperança residual em ambos. Renan é o único em que o medo, perto de 7%, supera a esperança, cerca de 6%: já havia, antes do caso, um registro de ameaça em torno dele, o que sugere que a exclusão não nasceu no dia do debate. Para Lula, a consequência é de ordem. O adversário a bater é Flávio; quanto a Renan, o custo de defender a ampliação do debate é baixo, e evita que a ausência do presidente na televisão seja lida como parte de um cerco a quem ficou de fora. Feita a linha de base, três movimentos devem ser observados: se a esperança de Lula sobe ou cede com a entrevista ao Flow, se o neutro de Flávio migra para frustração ou medo depois da desistência, e se Renan sai da neutralidade. A prioridade é fixar a desistência como recuo, juízo e não relato, e sustentar a esperança com entrega concreta, porque é ela, e não a neutralidade, o ativo que a linha de base revela.

Na série longa, o que o episódio colocou em Flávio não é a imagem do mentiroso, e sim a do candidato que foge: no Caso Master a confiança dele desaba a -1,422 e a coragem fica em terreno neutro; no debate cancelado, a coragem desaba e a confiança se recupera um pouco. É a deserção, não o escândalo bancário, que sangra. O incômodo é que o eixo em que o adversário sangra é o mesmo em que o campo do governo tem ferida aberta.

QUALIDADE DO DEBATE

O episódio rendeu mais conversa do que trincheira, e a trincheira, onde existe, tem um lado só. Cinquenta e um por cento dos textos trazem antagonismo moderado, 40% ficam no grau baixo e 9% chegam ao alto. No grau baixo, o relato ocupa 49%; no moderado, o ataque salta a 77%; no alto, a 93%. A trincheira deste caso não é programática, é institucional: não há dois campos medindo propostas de governo, há um litígio sobre o Judiciário, a emissora e a cadeira vazia. A celebração da ida ao Flow fala para dentro e em tom de festa, com 3% apenas no grau alto: o campo de Lula não disputa a trincheira, ocupa o palco.

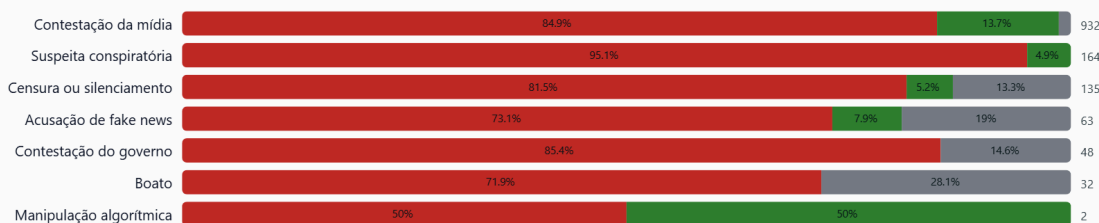


O debate que a TV Globo cancelou rendeu, em presença de publicações, mais conversa do que trincheira — e a trincheira, onde existe, tem um lado só. Entre quem cita o debate, o Flow ou a cadeira vazia, 51% dos textos trazem antagonismo moderado, 40% ficam no grau baixo e 9% chegam ao alto, a faixa em que o assunto é organizado como nós-contra-eles. A composição de cada faixa, porém, desmente a aparência pacífica: no grau baixo, o relato informativo ocupa 49%, a celebração 38% e o ataque 12%; no moderado, o ataque salta para 77%; no alto, para 93%. Em miúdos: a defesa de Lula (PT) por ter trocado o debate pelo Flow mora na conversa; a ofensiva é que sobe a régua — e, para quem aconselha o campo do presidente, é essa assimetria que define o jogo.

Postura por postura, o repúdio domina: 53% atacam ou denunciam alguém ou alguma coisa, 25% defendem ou celebram, 22% apenas relatam. As fatias não moram no mesmo lugar. Dos ataques e denúncias, 75% estão no grau moderado, 16% no alto e 9% no baixo; a celebração faz o caminho inverso, com 61% no baixo, 37% no moderado e 3% no alto; e o relato é quase todo grau baixo — 88% —, com 12% no moderado e nenhuma presença no grau alto. Esse polo de repúdio mistura objetos que o gráfico não separa: pelos trechos, convivem a condenação da desistência de Flávio Bolsonaro (PL), a acusação de censura contra o TSE e contra a emissora e a crítica aos dois candidatos ausentes. Soma de rancores distintos, não bloco.

A trincheira deste caso, portanto, não é programática: é institucional. Não há nos números dois campos medindo propostas de governo, e sim um litígio sobre o Judiciário, a emissora e a cadeira vazia — e é nele que o antagonismo chega ao teto. Lido pela polarização afetiva-identitária, a que se sustenta na identidade do grupo e não na discordância de propostas, o grau alto funciona como porta estreita: lá, 93% é ataque e o relato desaparece. Quando o enquadramento — o modo como o texto organiza o assunto — vira nós-contra-eles, ninguém mais informa; todos cobram. A celebração do Flow, ao contrário, fala para dentro e em tom de festa, com 3% apenas no grau alto: o campo de Lula não disputa a trincheira, ocupa o palco. Converter a celebração do Flow em entrega com nome, número e agenda é a primeira prioridade, porque ela é um quarto do debate e está instalada nos graus baixo e moderado, exatamente onde estão 88% do relato e onde o eleitor ainda não decidido lê. A segunda é recusar o convite para brigar no terreno judicial: cada dia gasto respondendo a "amigos no Judiciário", à ministra do TSE ou à censura faz crescer o enquadramento que o adversário plantou.

A disputa sobre a verdade confirma que a veracidade do fato não está em jogo — a autoria dele está. A contestação da mídia responde por 68% das rotulações, a suspeita conspiratória por 12%, a denúncia de censura ou silenciamento por 10%, e a acusação de falsidade propriamente dita fica abaixo de um vigésimo. Ninguém acusa ninguém de ter inventado o debate, a exclusão ou a desistência; disputa-se quem armou, quem exigiu, quem recuou. E censura é palavra que serve para acusar: 82% das suas rotulações atacam, e ninguém a comemora.



18 · A disputa sobre o que é verdade: tipos de desinformação apontados — apoio = defesa e celebração — de um ator ou de sua decisão (Lula por ir ao Flow, Renan Santos por enfrentar a exclusão, Flávio por recusar o que chama de censura); oposição = ataque e denúncia — à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento, a Flávio pela desistência, a Lula pela ausência ou ao Judiciário pela interferência

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

Das rotulações de disputa sobre a verdade neste recorte, 68% são de contestação da mídia, 12% de suspeita conspiratória, 10% de denúncia de censura ou silenciamento, 4,6% de acusação de fake news, 3,4% de contestação do governo e 2,3% de boato, com a manipulação algorítmica em resíduo quase invisível. A hierarquia tem uma ponta só, e o que ela diz é que a veracidade de um fato não está em jogo — a autoria dele está. Ninguém acusa ninguém de ter inventado o debate, a exclusão de Renan Santos (MISSÃO) ou a desistência de Flávio Bolsonaro (PL); a acusação de falsidade propriamente dita fica abaixo de um vigésimo das rotulações. O que se disputa é quem fez o quê: quem armou, quem exigiu, quem recuou, quem censurou.

Por isso a contestação da mídia — dois terços de tudo — abriga acusações mutuamente excludentes, e ambas contra o mesmo réu: a de que a Globo montou uma arapuca para Lula (PT) disfarçada de debate e a de que a Globo preservou Flávio Bolsonaro do confronto com Renan Santos. A suspeita conspiratória segue a mesma regra e é quase toda de ataque (95%); a denúncia de censura também: 82% das suas rotulações atacam — o TSE proibindo exibir o púlpito vazio, Flávio chamando de censura a decisão que o fez desistir, o Judiciário interferindo —, e só 5% celebram alguém por recusar o que chama de censura. Censura, neste debate, é palavra que serve para acusar; ninguém a comemora.

O episódio tem data e não se estende: 01/10 concentra 83% das publicações do recorte, que responde por 35% de tudo o que foi coletado naquele dia, e em 02/10 a participação cai para 2%, com o desprezo do primeiro dia trocado pela indignação. Não há disputa informacional duradoura; há uma noite. Para o campo de Lula, a consequência é prática: ganhou-se a disputa factual — o adversário desistiu, o debate caiu, a entrevista ficou com a audiência da noite —, mas a celebração está feita com o material do adversário. Dentro do polo de defesa e celebração, 86% das rotulações são de contestação da mídia. Cada alfinetada na Globo, portanto, engorda o único enquadramento capaz de unir numa queixa só a exclusão de Renan Santos, a desistência de Flávio Bolsonaro e a decisão do TSE: o de censura, empregado justamente para atacar o Judiciário, que é o ator cuja decisão da véspera salpicou a campanha. Se o dia seguinte for sobre quem censurou quem, perde-se o melhor trunfo disponível, que é a cadeira vazia. A ordem é esta: martelar a ausência de Flávio Bolsonaro, não a emissora; responder ao "amigos no Judiciário" pelo calendário — quem cancelou o debate foi quem se recusou a debater — e não pela imprensa; e não gastar voz propagando desconfiança contra veículos de que o campo vai precisar nos próximos dias.

A causalidade já foi dita e vale sublinhar o essencial para a aconselhada: em 4% do recorte o adversário sustenta que o TSE agiu a pedido do PT, com amigos no Judiciário e uma ministra petista declarada, e o faz integralmente em registro de ataque. Cada hora gasta discutindo a decisão da ministra desloca a causa de Flávio para o Judiciário — o único lugar em que o PT figura como beneficiário.

SÍNTESE INTERPRETATIVA

Comparadas as três frentes em que Flávio Bolsonaro foi citado, o deslocamento é nítido e tem teto. No Caso Master, 90,2% do que se dizia dele o punha como agressor e 2,8% como vítima; na padroeira, 70,8% e 28,5%; no debate cancelado, 60,9% e 36,3%. A frente do debate é a que mais o acolhe como prejudicado, e o texto do próprio Flávio — a imprensa livre e as eleições limpas contra a censura do TSE — organiza essa vitimização no registro da fundação da liberdade, bem mais confortável do que a de quem recusou o confronto. Lula, na mesma frente, aparece como agressor em 46,9% das atribuições e vítima em 37,1%: o mesmo episódio sustenta as duas versões. E o inimigo comum das campanhas na semana do primeiro turno não foi um candidato — foi a emissora, agressora em 73,5% das atribuições do episódio.

52 · Flávio como agressor, vítima ou fujão: Caso Master × padroeira × debate cancelado (MAPAM®)

QUEM É CITADO · CASO	AGRESSOR	VÍTIMA	PROTETOR	REPARADOR
Flávio Bolsonaro · Caso Master (desde 15/09)	90,2%	2,8%	6,5%	0,5%
Flávio Bolsonaro · padroeira (desde 20/09)	70,8%	28,5%	0,7%	
Flávio Bolsonaro · debate cancelado (desde 29/09)	60,4%	36,7%	2,8%	
Lula · Caso Master (desde 15/09)	58,1%	29%	9,7%	3,2%
Lula · padroeira (desde 20/09)	48,1%	7,4%	40,7%	3,7%
Lula · debate cancelado (desde 29/09)	47,1%	36,9%	14,2%	1,8%
Renan Santos · debate cancelado (desde 29/09)	29,3%	70,7%		
Globo · debate cancelado (desde 29/09)	73,6%	17,9%	8,4%	

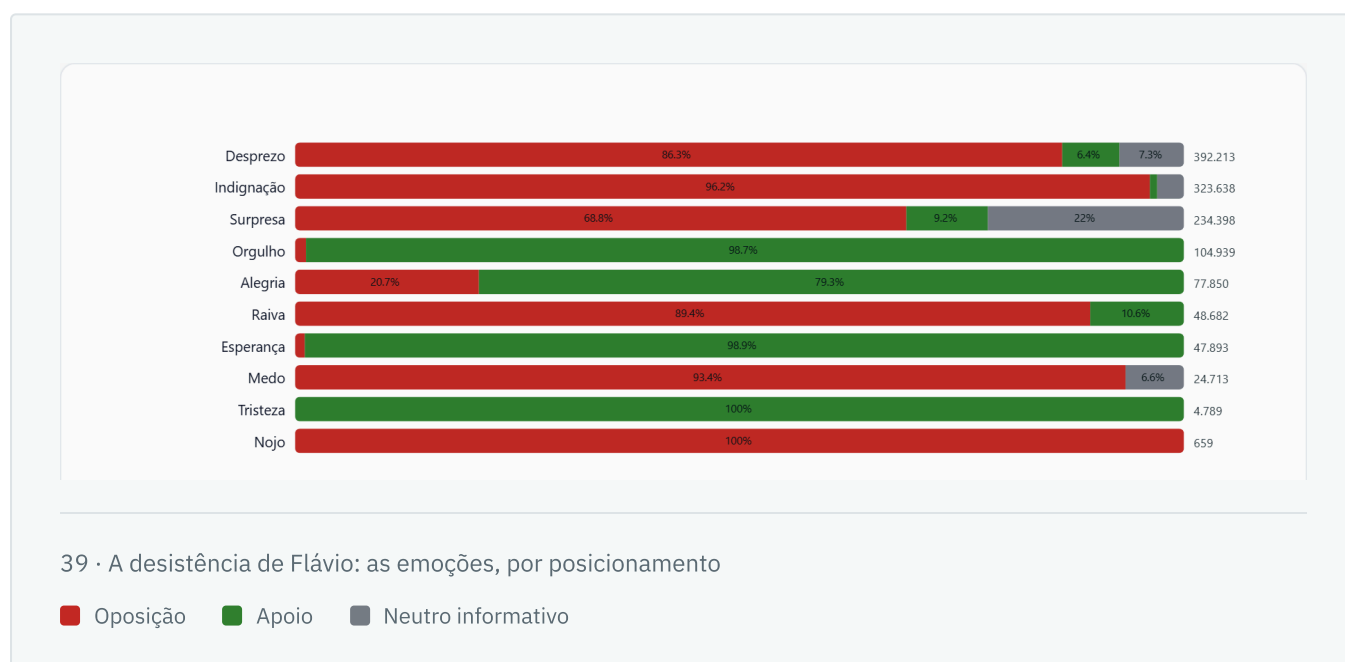
Uma tese de vitimização não faz vítima por decreto: ela precisa deslocar o que os outros dizem. O MAPAM®, o Modelo de Análise de Papéis Actancial-Morais, registra que papel cada publicação atribui a quem cita — quem sofre o dano, quem o causa, quem deveria proteger, quem deve reparar —, e a atribuição pertence a quem fala, nunca a quem é citado. Nas publicações sobre o Caso Master, 90,2% do que se diz de Flávio Bolsonaro (PL) o põem no papel de agressor e 2,8% no de vítima. Nas que tratam da padroeira, o agressor cai a 70,8% e a vítima sobe a 28,5%. Nas do debate cancelado, o agressor recua a 60,9% e a vítima alcança 36,3%. A frente do debate é a que mais o acolhe como prejudicado; em todas, o papel dominante segue sendo o de quem causa o dano.

Os demais citados mostram de que disputa se trata. Lula (PT) aparece nessa frente como agressor em 46,9% das atribuições e como vítima em 37,1%, quase um empate — o mesmo episódio sustenta as duas versões, a do candidato que evitou o confronto e a do candidato alvo de armação judicial. Renan Santos (MISSÃO) é o único ator do quadro cuja leitura predominante é a de vítima, 71,3% contra 28,7%, e o enredo que dele faz agressor é exatamente o que o apresenta manejado pelo PT e pelo STF para constranger Flávio. A Globo é o alvo mais estável: 73,5% das atribuições no episódio do debate a colocam como agressora, mais do que qualquer candidato. O inimigo comum das campanhas, na semana do primeiro turno, não foi um candidato — foi a emissora.

O ganho de Flávio é maior do que a proporção sugere, porque a vitimização se costura no fio moral de maior trânsito eleitoral. A fundação da liberdade, em seu polo virtuoso, é a que se invoca contra toda forma de censura e opressão, e o texto do próprio Flávio é explícito nesse registro — a imprensa tem que ser livre e as eleições limpas —, convertendo uma desistência de debate em defesa da imprensa, posição muito mais confortável do que a de quem recusou o confronto. A contrapartida é que a leitura majoritária não mudou: 60,9% continuam atribuindo a ele o papel de quem causa o dano, e o Caso Master, com o banco e o empresário do escândalo no enredo, permanece no ar. A vitimização cobre; não apaga.

Para quem assessora Lula e a esquerda, três decisões se impõem nesta ordem. Não financiar o enquadramento que fez da Globo o agressor mais recorrente do episódio: cada palavra de ordem para desligar a emissora e cada celebração do cancelamento somam argumentos ao enredo em que Flávio é o perseguido. Tirar o debate do terreno do procedimento: Lula é tratado como agressor em 46,9% do que se diz dele nesta frente, e essa conta cresce quando o assunto é púlpito, convite e liminar; a resposta mais eficaz é a agenda — o que foi dito ao eleitor naquela noite, não onde. E manter distância calculada da vaga que Renan Santos ocupa sozinho (71,3%): é vaga de voto antipolítica, que não se conquista por adesão e se perde pela associação a quem supostamente o teria usado.

A leitura à luz do objetivo — saber quem ganhou e quem perdeu a noite — exige separar alcance de sentido. Em alcance, o campo do governo ganhou: 1,64 milhão de espectadores simultâneos contra 534 mil, e uma defesa que, no recorte da entrevista, vence o ataque em três para um. Em sentido, a conta é mais apertada: no recorte geral do caso, o repúdio lidera, o enquadramento da ameaça à democracia e o da corrupção moral ficaram inteiros com o adversário, a traição cresceu até dois terços do acionamento moral e a censura virou a palavra-chave do noticiário. A esquerda celebrou a esperteza da jogada enquanto o outro lado construía a versão de que o Judiciário trabalhou pela reeleição.



A desistência de Flávio Bolsonaro (PL) rendeu à esquerda uma vitória de exposição movida a desprezo, e é exatamente aí que está o problema. No recorte de 1º de outubro, sobre 1,27 milhão de interações, o desprezo responde por 31,4% do engajamento, a indignação por 25,8% e a surpresa por 18,5% — três quartos de toda a circulação do dia concentrados no escárnio, na revolta e na perplexidade. Quem ataca (Flávio pela desistência, Lula (PT) pela ausência, a Globo pelo cancelamento, o TSE e o STF pela interferência de última hora) responde por 72,4% do engajamento, contra 21,4% de quem defende e celebra (a ida de Lula ao Flow, o enfrentamento de Renan Santos (Missão), a recusa de Flávio ao que ele chama de censura) e 6,2% do relato neutro. A vantagem afetiva é larga, mas o instrumento é o mais barato e o mais volátil do repertório: a repulsa compra audiência, não compra voto.

Dentro de cada emoção, a geografia é nítida: 88,1% do desprezo e 98% da indignação vêm de quem ataca. Os textos mais engajados mostram o desprezo personalizado — Lula chamando o adversário de desqualificado, alguém que nunca trabalhou na vida, o vira-lata do Flow — e a indignação pelo relógio: a desistência anunciada três minutos depois da decisão judicial que garantiu a vaga de Renan Santos. Mas 6,3% do desprezo nasce de quem celebra Flávio, e ali o alvo se inverte: a Globo, acusada de conluio com o bolsonarismo, e o Judiciário, acusado de armar o tabuleiro. É a mesma emoção apontada para lados opostos, e isso decide a disputa de papéis que o MAPAM®, o Modelo de Análise de Papéis Actancial-Morais, descreve como a atribuição de vítima, agressor e protetor a cada ator numa situação de dano: Flávio é agressor para quem o acusa de fugir do debate e vítima da censura do TSE para quem o apoia, enquanto Renan Santos é a vítima mais consensual do dia. Cada rodada de desprezo pessoal contra Flávio reabastece a versão em que ele é o perseguido, e essa versão é o ativo mais valioso que o adversário tem na reta final.

Do outro lado, o que rende é orgulho e deboche. O orgulho responde por 8,2% do engajamento e 98,7% dele vem de quem defende e celebra: é o Lula Gigante, o milhão e meio de pessoas na entrevista do Flow contra a live Sem Censura, a aula de Lula na cadeira vazia. A alegria vem em 6,1%, e cerca de um quinto dela no campo adversário, em forma de deboche de quem comemora a desistência. A esperança, que seria o afeto de projeto, é o mais estreito dos registros: 3,8%, praticamente todo em quem defende Lula, e sem força de circulação. Há um dado que a campanha não pode ignorar: as publicações de celebração são minoria no volume, mas rendem quase o dobro de interações cada uma do que as de ataque. O orgulho de plateia, portanto, não a indignação, é o que o campo de Lula tem de mais eficiente para expor força.

A surpresa, com 18,5% do engajamento e 22% dela no relato neutro, é a emoção menos comprometida do recorte: o afeto de quem assistiu à sequência de reviravoltas — Lula cancela, Renan é incluído, Flávio desiste, a Globo cancela — e ainda não escolheu lado. É por ali que passa a persuasão disponível, e é ali que se deve investir: o fato que sustenta a narrativa, os três minutos entre a decisão que garantiu Renan e a desistência de Flávio, e a assimetria de alcance da noite, com Lula falando para mais de um milhão e meio de pessoas enquanto o adversário reunia uma fração disso na própria live. O risco está no alvo errado, porque boa parte daquela indignação não é contra Flávio, é contra a Globo e o Judiciário; e o cortejo aos apoiadores de Renan, estimulados a votar no 13 para se vingar do senador e da emissora, rende voto emprestado, volátil, que o adversário recupera assim que a repulsa virar narrativa de perseguição. Ordem de prioridade até 4 de outubro: capitalizar o orgulho do Flow e o voto útil; fixar os três minutos como a imagem da desistência; e baixar o desprezo pessoal, que é o único insumo que a outra versão dos fatos precisa para continuar de pé.

35 • Lula no Flow: as publicações que mais circularam

O topo de engajamento da entrevista soma 925.952 interações, e a distribuição diz mais que o volume: 64% estão em publicações que defendem e celebram a ida de Lula ao Flow e o desempenho dele ali, 19,6% em ataques e 16,3% em relato informativo. Os dois conteúdos de ataque miram Flávio Bolsonaro — um cobra dele a ausência no debate da Globo, outro reproduz a desqualificação que Lula lhe fez —, o que coloca a celebração à frente do ataque numa razão de 3,3 para 1. A concentração é alta: as três mensagens mais engajadas respondem por 40% do total, as cinco primeiras por 61%, e a maior delas, sozinha, por 17,6%.

Quem carrega essa exposição são os intermediários, não os mandatos. Influenciadores respondem por 61% do engajamento do recorte; políticos, por 20,8% — Erika Hilton (PSOL-SP), que converte a ausência de Flávio em pergunta sobre o vice da chapa adversária, e Macaé Evaristo (PT-MG), que adere à tese da jogada

de mestre —; e um veículo da mídia alternativa, presente mais de uma vez no topo, por 18,1%. Mídia NINJA e SB aparecem mais de uma vez entre as mais engajadas e, somados, chegam a 34,6% de toda a interação. A campanha não depende de porta-voz oficial para pautar o dia: quem pauta é quem já tem público.

Da entrevista viajaram três coisas, e nenhuma é proposta: a frase de efeito, a audiência e a comparação com o debate que não houve. A frase que mais rodou é moral e curta — a Globo que só reconheceu o golpe militar depois de 50 anos e prestou serviço a um crápula como o Moro —, mas também circula o concreto, como a resposta sobre as bets, o Brasil foi pentacampeão sem bets. A audiência vira argumento: a postagem que a explora afirma mais de 1,5 milhão de espectadores na entrevista e contrapõe a live adversária. No MAPAM®, o Modelo de Análise de Papéis Actancial-Morais, que registra o papel que quem publica atribui a quem é citado, Lula é o protetor e o estadista, Flávio é quem foge do confronto, e a Globo, a estrutura que cancelou o debate.

Ordenadas por interações no recorte do quadro.

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES ▾	ALCANCE
1	to ARREPIADO com esse discurso final do lula no flow, como pode ele ser o homem mais importante desse país https://t.co/NVvRcBTUKR matheus · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · POSITIVO · SURPRESA · ORGULHO	162.725	2.315.094
2	Boa noite, @FlavioBolsonaro, é verdade que você faltou no debate da Globo pra assistir o Lula no Flow e ver como um estadista de verdade se comporta??? Ou é medo de te perguntarem sobre seu candidato a vice qu... ERIKA HILTON 5070 · Político · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO · INDIGNAÇÃO	107.022	442.175
3	A LÍNGUA DE CHICOTE! Lula no Flow: "Como a Globo só reconheceu o golpe militar depois de 50 anos, quem sabe um dia ela reconheça que eu era inocente e que ela prestou serviço a um crápula como o Moro."... SB · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	101.773	462.958
4	A voz das Redes. Lula Gigante. Mais de 1,5 Milhões de pessoas assistem a entrevista do Presidente no Flow enquanto 270 mil pessoas estão na Live "Sem Censura" que Flávio Bolsonaro anunciou em seu canal. Mídia NINJA · Mídia jornalística · Instagram · 2026-10-02 OUTROS · POSITIVO · ORGULHO	98.511	0

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES ▼	ALCANCE
5	A Globo cancelou o debate. Agora vai todo mundo assistir o Lula no flow. O que esse velho entende de estratégia política a gente não bebeu de água. Sociólogo de Butiquim · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · POSITIVO · DESPREZO · ORGULHO	93.415	597.098
6	RT @Omardeideais: A Globo cancelou o debate. Agora vai todo mundo assistir o Lula no flow. O que esse velho entende de estratégia política... Macaé Evaristo - 13.130 ▲ · Político · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · POSITIVO · DESPREZO	85.933	508.013
7	🔥 JOGADA DE MESTRE: A campanha de Lula negocia um formato para que ele acompanhe o debate presidencial da Globo e responda, em TEMPO REAL, às falas dos adversários durante sua entrevista no Flow Podcast, pa... Cássio Oliveira · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEUTRO	81.656	4.024.377
8	Lula no Flow: "Eu não vou disputar [o debate] com alguém desqualificado como o Flávio Bolsonaro. Alguém que não tem passado, não tem presente e não tem futuro. Esse rapaz nunca trabalhou na vida."... POPTIME · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO	74.851	509.991
9	Lula em entrevista ao Flow podcast nessa noite falou sobre eleições e o que espera neste domingo. Mídia NINJA · Mídia jornalística · Instagram · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NAO APLICAVEL	69.391	0
10	"Me falaram: 'Se você acabar com as bets, vai acabar com o futebol.' O Brasil foi pentacampeão sem bets." - Lula no Flow https://t.co/rUtExVzqJE SB · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 APOSTAS ONLINE, BETS, CASSINOS E LUDOPATIA · POSITIVO	50.675	339.088

O ativo não é o comunicado oficial, é o intermediário: com 61% da exposição em mãos de influenciadores, o corte pronto vale mais que a nota, e a reação emocional vale mais que a réplica — a mensagem de maior engajamento não reproduz uma palavra da fala, apenas o arrepio de quem a ouviu. A tarefa urgente é

colar a desistência de Flávio à ausência do debate; sem essa amarra, o não vou disputar com alguém desqualificado se converte no fujão que os adversários já começaram a colar em Lula. E convém não ler 64% de defesa e celebração como conquista: é base excitada, não indeciso convencido.

44 · O Judiciário no caso: as publicações que mais circularam

Este gráfico reúne as publicações que mais circularam entre aquelas que, no caso, mencionam o Judiciário — o Tribunal Superior Eleitoral, o Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, a ministra do TSE, o púlpito vazio, a censura, a liminar. Somadas, elas respondem por 611.242 interações. Dessas, 77% vão para textos que rejeitam as decisões do TSE e do STF e os ministros que as assinaram; 16,1% celebram a entrevista de Lula ao Flow; 6,9% relatam os fatos sem tomar partido. A concentração completa o quadro: as três publicações de maior circulação fazem 52,7% de toda a exposição, e só o texto de Flávio Bolsonaro responde por 20,3%. Quando uma disputa de enquadramento se decide em punhados de publicações, não há debate difuso a conquistar: há um palco tomado. Para quem assessora Lula, a conclusão é de economia de munição — neste terreno, a esquerda não lidera a conversa, e entrar nele é aumentar a audiência de quem a acusa.

Quem fala pesa mais que o que se diz. O texto mais circulante é do próprio ausente da noite, e nele Flávio Bolsonaro (PL) se narra como vítima da censura e protetor da imprensa livre e da eleição limpa — os papéis que ele atribui a si mesmo. O MAPAM®, o modelo que identifica que papéis morais o autor distribui entre quem cita, organiza o enredo que circula: o TSE e o Supremo são os agressores, a imprensa é o bem tutelado, Renan Santos é arma alheia ("escalado pelo PT e pelo STF") e Lula não é o agressor — é o beneficiário, posição pior, porque não se defende de quem age, apenas se lucra com o ato de outro. A amplificação não vem só da campanha: um deputado federal, Jeffrey Chiquini (NOVO-PR), ocupa duas posições do topo e responde por 24,8% da exposição, quase o que responde o próprio Flávio. A ordem de prioridade que sai daí é defensiva: não ir à televisão defender a decisão sobre o púlpito, porque a defesa pressupõe o enquadramento do adversário.

Os termos em que o assunto se dá são inequívocos. A fundação moral acionada com mais força é a liberdade, no polo virtuoso, contra a opressão, atribuída ao tribunal — é o vocabulário da censura, do ataque, da ameaça à democracia, com a indignação como emoção que costura o topo. O enquadramento, isto é, o modo como o texto organiza o assunto, é de conflito e de direitos e liberdades, com pitadas de jogo estratégico nas acusações de manobra; e a cadeira vazia funciona como a imagem que condensa tudo, porque transforma uma ausência de candidato em símbolo de um cerco. Contra isso, um único item do topo muda o eixo: a celebração da entrevista de Lula desloca a pergunta de "quem tem direito de falar" para "quem enche o palco", e é o único texto que faz a torcida do campo lulista circular em escala. É pouco — 16,1% contra 77% — e é a única pista de terreno favorável que este gráfico oferece.

Ordenadas por interações no recorte do quadro.

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÃO S ▾	ALCANCE
---	------------	------------------	---------

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
1	Acabo de tomar a decisão de não ir ao debate da Globo em função da censura imposta ao evento pelo TSE. A imprensa tem que ser livre e as eleições limpas. Em breve mais detalhes. Flávio Bolsonaro · Político · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	123.885	1.910.388
2	🔔 URGENTE: RENAN SANTOS PODE SER ESCALADO PELO PT E PELO STF PARA AJUDAR A CAMPANHA DO LULA E ATACAR O FLÁVIO BOLSONARO HOJE NO DEBATE DA GLOBO Jeffrey Chiquini · Político · Instagram · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · SURPRESA	100.028	1.057.963
3	A voz das Redes. Lula Gigante. Mais de 1,5 Milhões de pessoas assistem a entrevista do Presidente no Flow enquanto 270 mil pessoas estão na Live "Sem Censura" que Flávio Bolsonaro anunciou em seu canal. Mídia NINJA · Mídia jornalística · Instagram · 2026-10-02 OUTROS · POSITIVO · ORGULHO	98.511	0
4	🔔 PRONUNCIAMENTO HISTÓRICO DA GLOBO NO JN A Globo escancarou os ataques promovidos à liberdade de imprensa pelo TSE e STF para proteger Lula. Pela primeira vez a emissora se viu obrigada a cancelar um... Fernando Holiday · Político · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	70.522	998.152
5	ELEIÇÕES 2026 O candidato à Presidência Ronaldo Caiado (PSD) disse que o cancelamento do debate da TV Globo na noite desta quinta-feira (1º) "é um atentado à democracia brasileira". Ronaldo Caiado falou sobre as... CNN Brasil · Mídia jornalística · TikTok · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	58.699	396.835
6	🔔 Globo acusa o PT de descumprir acordo do debate. E a ministra do TSE que favoreceu Lula no debate da Globo é petista declarada. Jeffrey Chiquini · Político · Instagram · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	51.488	283.145

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
7	DECISÃO DE ÚLTIMA HORA Flávio Bolsonaro (PL) desistiu de participar do debate presidencial da Globo nesta quinta-feira, depois que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) proibiu a emissora de exibir o púlpito vazio... Jornal O Globo · Mídia jornalística · Instagram · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO	42.091	0
8	PROTESTO DO CANDIDATO DO MISSÃO O candidato à Presidência Renan Santos (Missão) fez um protesto em frente ao prédio da TV Globo, no Jardim Botânico, na Zona Sul do Rio. A manifestação ocorreu após o... CNN Brasil · Mídia jornalística · TikTok · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NAO APLICAVEL	38.926	297.232
9	 AGORA: César Tralli expõe o ataque do Judiciário brasileiro contra a democracia ao explicar os motivos do cancelamento do debate da Globo. https://t.co/Kck5D7ihrq Felipe Leme · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	37.835	1.867.366
10	É a primeira vez que um juiz consegue fazer a proeza de dar uma decisão tão ilegal que a Globo CANCELA um debate presidencial. Parabéns pela conquista, Gilmar Mendes! https://t.co/H7Bd2lo1l3 Enio Viterbo · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO · DESPREZO	30.038	144.428

A lacuna está à vista e é ela que deve comandar a ação a três dias do primeiro turno, em 4 de outubro. Nenhuma liderança do campo de Lula aparece no topo argumentando o que sustentaria as decisões: a impessoalidade da lei, a igualdade entre candidatos, o uso eleitoral do palco alheio. Deixado em silêncio, o terreno é ocupado pela versão contrária, e ainda se soma a ela a manchete que liga a ministra do TSE a um ministro do STF — indício de que o ataque migrou da decisão para a pessoa de quem decidiu. O caminho, então, em ordem: não repetir "censura" em nenhuma peça; fixar o vocabulário no que o eleitor entende sem manual — desistência, fuga, recusa das regras aceitas; deslocar a discussão para a audiência e para a fuga, como fez o único texto que funcionou; e, se a resposta jurídica for inevitável, que venha na voz de terceiro com autoridade técnica, sobre proporcionalidade, nunca na voz de quem teria sido beneficiado. Disputar este ringue com o léxico do adversário é entregar-lhe o argumento e pagar-lhe o alcance.

38 · A exclusão de Renan Santos: as publicações que mais circularam

A audiência deste episódio ficou em poucas mãos. As peças que encabeçam a lista das mais engajadas absorvem cerca de 65% de tudo o que ela acumula, mais de 610 mil interações, e a primeira responde por 16,4%, uma em cada seis. É aquela em que o deputado federal Jeffrey Chiquini (NOVO-PR) anuncia que Renan Santos (Missão) poderia ser escalado pelo PT e pelo STF para ajudar a campanha de Lula e atacar Flávio Bolsonaro (PL) no debate da Globo. O texto que mais circulou, portanto, não defende o candidato barrado: converte a exclusão em suspeita sobre o Judiciário e sobre o campo de Lula, a três dias do primeiro turno. E a assinatura do restante do topo tampouco é da imprensa — influenciadores, um humorista, perfis de usuário.

O que circula é ataque, e o alvo se divide. Somados os trechos que acusam a emissora, chega-se a 31,6% do engajamento da lista: a Globo denunciada por montar um debate para fazer uma carnificina do presidente, por proteger Flávio Bolsonaro, por agir com cartas marcadas — é o caso do humorista Antonio Tabet, que invoca o debate de 1989. Outros 25,8% sustentam o deboche do próprio barrado, o candidato dentro do Uber descobrindo o cancelamento, o candidato tentando se eleger como piada. A exclusão rendeu mais riso do que solidariedade, e isso é um resultado político, não um detalhe de humor. Nanda Xie crava, com 9,3%, a peça que cola em Flávio a pecha que o persegue: a de ter desistido três minutos depois da decisão judicial que garantiu Renan no palco. No conjunto, 83% do engajamento do topo alimenta ataques e denúncias; 17% defende ou celebra um ator e sua decisão.

No enredo dessas peças os papéis são disputados, e o mesmo personagem muda de lugar conforme quem conta a história. Renan é vítima da emissora e do medo do adversário para quem o ampara, e motivo de chacota para quem o reduz a meme; Flávio é o que foge; a Globo é quem deveria garantir o debate e é acusada de armar o cenário, contra Flávio para uns, contra Lula para outros. Lula, nas peças que concentram a audiência, aparece como alvo das manobras da emissora, não como quem escapou do confronto. A acusação de que a Globo armou uma arapuca para Lula, feita por Fernando Lopez, responde por 6,1% do engajamento da lista, e a de que a emissora agiu para preservar Flávio, feita por Tabet, por 6,5% — quase o mesmo peso para duas versões opostas do mesmo enquadramento.

Para quem aconselha Lula e a esquerda, a leitura é desconfortável em dois pontos. O primeiro: a peça mais vista do episódio não é um ataque a Flávio, é um ataque ao STF e ao PT, e o campo de Lula não produziu nada que a enfrentasse no mesmo patamar de circulação. O segundo: a ausência de Lula no palco, que a campanha tratou como decisão soberana, foi lida por boa parte dessa audiência como parte da mesma manobra que tirou Renan do debate — a emissora protegendo o presidente. Não importa se a leitura é justa; ela circula, e circula mais do que a versão oficial. A oportunidade está no material que a própria lista oferece: Renan passou o episódio inteiro atacando Flávio e a Globo, e a peça que o defende com mais força é a que o apresenta como quem enfrenta o sistema — exatamente o discurso que a campanha de Lula precisa que exista à direita, dividindo o campo adversário. A recomendação é não entrar na briga sobre quem excluiu quem, não defender a Globo e não tratar Renan como aliado: basta não fazer nada que o transforme em mártir.

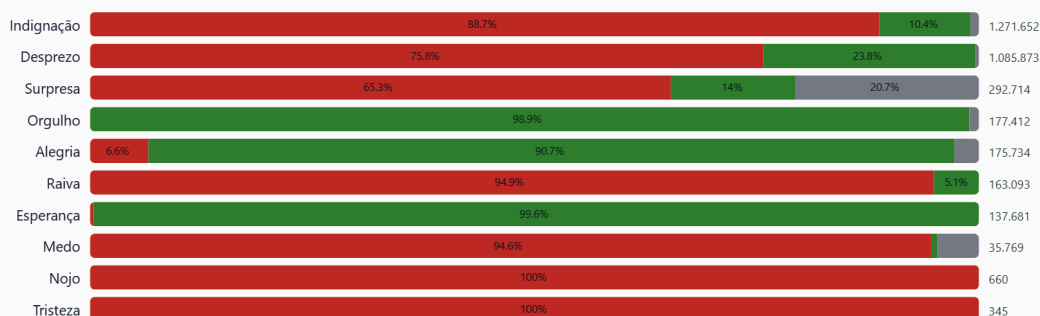
HIPÓTESES ALTERNATIVAS

A leitura mais confortável para o campo do governo é que a ausência não pegou: no recorte da entrevista, a defesa vence por dois para um e a valência acompanha a posição. É verdade e é frágil. O que sustenta essa maioria é a zombaria ao adversário e a exibição de audiência, não a afirmação de um projeto — e, no recorte da emissora, a indignação contra a Globo e o desprezo por Flávio respondem por quase nove de cada dez interações. Defesa por inimizade rende mobilização e cobra preço: transfere ao candidato o ônus de um confronto que não houve. Se a próxima decisão judicial ou o próximo cancelamento virar o jogo, o eleitor que celebra a esperteza não terá razão positiva para defender o governo.

Ordenadas por interações no recorte do quadro.

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES ▾	ALCANCE
1	 URGENTE: RENAN SANTOS PODE SER ESCALADO PELO PT E PELO STF PARA AJUDAR A CAMPANHA DO LULA E ATACAR O FLÁVIO BOLSONARO HOJE NO DEBATE DA GLOBO Jeffrey Chiquini · Político · Instagram · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · SURPRESA	100.028	1.057.963
2	Renan Santos dentro do Uber indo pra Globo e descobrindo que cancelaram https://t.co/XWbtcdTRQu Luiz · Usuário genérico · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO	83.808	512.040
3	Que fique bem claro: a culpa de tudo o que aconteceu hoje, desse vexame, é da própria Globo. A Globo armou um debate ridículo para fazer uma carnificina do presidente Lula. Eram 20 minutos de ataques e apenas dois... Kriska Carvalho · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · RAIVA · DESPREZO	74.239	425.196
4	renan santos tentando se eleger é tipo: https://t.co/IHToIT4jpX peu · Possível bot · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO	73.995	420.067
5	É PLOT TWIST ATRÁS DE PLOT TWIST! - Lula cancela sua participação no debate presidencial - Renan Santos consegue permissão para participar - Flávio Bolsonaro cancela sua participação - TV Globo cancela debate... SB · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · POSITIVO · SURPRESA · ALEGRIA	63.232	1.005.991

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES ▾	ALCANCE
6	Flávio Bolsonaro anunciou que NÃO iria ao debate da Globo TRÊS MINUTOS depois da decisão judicial que garantiu a participação de Renan Santos. Três minutos. https://t.co/0jOZaZMXve Nanda Xie · Usuário genérico · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · SURPRESA · INDIGNAÇÃO	56.884	456.797
7	Renan Santos alopando com a Rede Globo. "Estão trabalhando com o bandido do Flávio". O candidato do MBL está no modo full pistola por ter sido cortado do debate da emissora. Ao ser entrevistado pela Globo, olha ... GugaNoblat · Influenciador · Twitter/X · 2026-09-30 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO · RAIVA	41.133	1.163.995
8	Lula desistiu antecipadamente do debate, garantiu a participação em um podcast no mesmo horário, viu Bolsonaro desistir aos 45 do 2º tempo e ficar com a pecha de arregão por medo de encarar Renan Santos e no fim... Wagner Vidal · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · POSITIVO · DESPREZO · ORGULHO	40.097	215.956
9	Se a Globo não estiver mesmo convidando Renan Santos para o debate para preservar Flávio Bolsonaro ou a pedido do candidato do PL, será uma vergonha tão grande quanto o famigerado debate de 1989. Antonio Tabet · Artista / cultura · Twitter/X · 2026-09-30 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	39.984	332.747
10	PROTESTO DO CANDIDATO DO MISSÃO O candidato à Presidência Renan Santos (Missão) fez um protesto em frente ao prédio da TV Globo, no Jardim Botânico, na Zona Sul do Rio. A manifestação ocorreu após o... CNN Brasil · Mídia jornalística · TikTok · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NAO APLICAVEL	38.926	297.232



45 · A Globo no caso: as emoções, por posicionamento

■ Oposição ■ Apoio ■ Neutro informativo

A indignação e o desprezo, somados, respondem por quase nove de cada dez interações que o caso do debate cancelado da Globo mobilizou — e é aí que está o problema para quem aconselha Lula. Tomando as linhas do gráfico pelo que elas medem, a exposição: a indignação em textos de repúdio à Globo e a Flávio rende 1.094.297 interações, o desprezo em textos de repúdio à Globo e a Flávio rende 861.828, o desprezo em textos de defesa e celebração de Lula e de sua ida ao Flow rende 257.899, a surpresa em textos de repúdio à Globo e a Flávio rende 195.843, o orgulho em textos de defesa de Lula rende 177.596, a alegria em textos de defesa de Lula rende 159.374, a raiva em textos de repúdio à Globo e a Flávio rende 154.769, a esperança em textos de defesa de Lula rende 139.029. O campo que repudia a Globo e a desistência de Flávio concentra a maior parte da exposição; o campo que celebra Lula e sua ida ao Flow aparece com fatias menores e dispersas — e essa assimetria é o achado, não a vitória.

Repare na composição interna de cada polo, porque é ela que diz o que está em jogo. Do lado que repudia a Globo e a Flávio, a indignação é a emoção dominante, seguida do desprezo e da raiva: é o registro da censura, do tapetão, da cadeira vazia, do "atentado à democracia" — a gramática de quem se sente lesado por uma decisão judicial de última hora. Do lado que defende Lula e celebra sua ida ao Flow, o desprezo lidera com folga sobre o orgulho, a alegria e a esperança: o campo governista está menos comovido do que zombeteiro, e a peça que mais circula nesse registro é a que trata o adversário como quem fugiu — "o que esse velho entende de estratégia política a gente não bebeu de água". A surpresa, que aparece em terceiro lugar no polo que repudia a Globo e a Flávio, é a emoção do imprevisto: a decisão que garantiu a Renan Santos a entrada no debate três minutos antes de Flávio anunciar que não iria. É a emoção de quem foi pego de surpresa pela manobra, e ela alimenta a tese de que houve arranjo — "Renan Santos pode ser escalado pelo PT e pelo STF para ajudar a campanha do Lula".

O que isso significa para quem aconselha Lula é uma inversão de posição que precisa ser dita sem eufemismo. O campo que repudia a Globo e a Flávio detém a maior fatia da exposição, mas o objeto desse repúdio é difuso: ataca-se a emissora pela exclusão de Renan, ataca-se Flávio pela desistência, ataca-se o Judiciário pela interferência — e, em parte desse mesmo campo, ataca-se Lula pela ausência. A defesa de Lula e de sua ida ao Flow, por sua vez, é minoritária em exposição e se expressa sobretudo pelo desprezo ao adversário, não pela afirmação de um projeto. O risco é claro: um campo que celebra a própria esperteza

e zomba do adversário, sem oferecer razão positiva para o voto, deixa o eleitor sem motivo para defendê-lo quando a próxima decisão judicial ou o próximo cancelamento virar o jogo. A oportunidade está em converter o desprezo em orgulho e esperança — as duas emoções que, no gráfico, aparecem com as menores fatias do próprio campo, apesar de serem as que sustentam voto.

A leitura à luz do propósito — a emissora como alvo, a indignação pela exclusão de Renan e o desprezo pelo cancelamento — confirma que a Globo é o alvo central do recorte, mas revela que a indignação contra ela não é monopólio de nenhum campo. A mesma emissora que o campo governista ataca por ter cancelado o debate é atacada pelo campo adversário por ter excluído Renan Santos e por ter sido censurada pelo TSE. A recomendação, em ordem de prioridade: primeiro, não deixar que a narrativa do caso se encerre no desprezo ao adversário — é preciso nomear o que Lula oferece, não apenas o que Flávio teme; segundo, disputar o enquadramento da censura, porque hoje ele é usado contra o próprio campo governista, que aparece associado à decisão do TSE que proibiu a exibição do púlpito vazio; terceiro, evitar que a celebração da ida ao Flow seja lida como fuga do debate, já que a ausência de Lula é citada como motivo de crítica por Caiado, Cury e Zema. O campo que repudia a Globo e a Flávio tem a maior exposição, mas não tem o controle da narrativa — e é essa lacuna que a assessoria de Lula precisa ocupar antes que o primeiro turno de 4 de outubro transforme o episódio em memória de covardia, não de estratégia.

A segunda hipótese é que a narrativa de censura não se sustente sozinha, e há indício nisso: no próprio campo que recusa a desistência de Flávio, o enquadramento da ameaça à democracia na chave de defesa da recusa é residual, e a espetacularização domina todos os polos. A censura, ali, não é martírio; é lance. A terceira hipótese é que o voto de Renan migre — há registros de eleitores dele declarando voto em Lula para se vingar de Flávio —, mas voto emprestado por repulsa é volátil e volta assim que a repulsa virar narrativa de perseguição.

41 · A desistência de Flávio: as publicações que mais circularam

Ordenadas por interações no recorte do quadro.

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
1	Lula fala sobre não participar do debate presidencial da Globo: "Debates saudáveis são feitos com gente qualificada. Uma coisa é disputar com Fernando Henrique Cardoso, Alckmin... Outra coisa é disputar a Presidênc... poponze · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO	118.128	1.283.803
2	🔔 URGENTE: RENAN SANTOS PODE SER ESCALADO PELO PT E PELO STF PARA AJUDAR A CAMPANHA DO LULA E ATACAR O FLÁVIO BOLSONARO HOJE NO DEBATE DA GLOBO Jeffrey Chiquini · Político · Instagram · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · SURPRESA	100.028	1.057.963

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES ▾	ALCANCE
3	A voz das Redes. Lula Gigante. Mais de 1,5 Milhões de pessoas assistem a entrevista do Presidente no Flow enquanto 270 mil pessoas estão na Live "Sem Censura" que Flávio Bolsonaro anunciou em seu canal. Mídia NINJA · Mídia jornalística · Instagram · 2026-10-02 OUTROS · POSITIVO · ORGULHO	98.511	0
4	Lula no Flow: "Eu não vou disputar [o debate] com alguém desqualificado como o Flávio Bolsonaro. Alguém que não tem passado, não tem presente e não tem futuro. Esse rapaz nunca trabalhou na vida."... POPTIME · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO	74.851	509.991
5	É PLOT TWIST ATRÁS DE PLOT TWIST! - Lula cancela sua participação no debate presidencial - Renan Santos consegue permissão para participar - Flávio Bolsonaro cancela sua participação - TV Globo cancela debate... SB · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · POSITIVO · SURPRESA · ALEGRIA	63.232	1.005.991
6	Flávio Bolsonaro anunciou que NÃO iria ao debate da Globo TRÊS MINUTOS depois da decisão judicial que garantiu a participação de Renan Santos. Três minutos. https://t.co/0jOZaZMXve Nanda Xie · Usuário genérico · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · SURPRESA · INDIGNAÇÃO	56.884	456.797
7	DECISÃO DE ÚLTIMA HORA Flávio Bolsonaro (PL) desistiu de participar do debate presidencial da Globo nesta quinta-feira, depois que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) proibiu a emissora de exibir o púlpito vazio... Jornal O Globo · Mídia jornalística · Instagram · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO	42.091	0
8	🔔 Após Globo não convidar Renan Santos para o Debate, alguns apoiadores do Candidato a presidência declararam voto em Lula no Segundo turno para se "Vingar" De Flávio Bolsonaro e Globo 😊 ... Portal Babados · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · SURPRESA	35.870	462.427

#	PUBLICAÇÃO	INTERAÇÕES	ALCANCE
9	ELE JOGANDO NA CARA QUE SÓ VÃO VOTAR NO FLÁVIO BOLSONARO QUEM É ANTI LULA POIS O FLÁVIO É UM PÉSSIMO CANDIDATO SEM PROJETO NENHUM LULA NO FLOW #LulaNoFlow https://t.co/4Foi167v8N Pablo 🌟 · Usuário genérico · Twitter/X · 2026-10-02 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · DESPREZO	34.603	159.391
10	🗣️ "A Globo armou um debate às vésperas do primeiro turno para beneficiar Flávio Bolsonaro. É uma manipulação eleitoral mais grave e escancarada do que a realizada pela mesma emissora em 1989", diz Rena... République · Influenciador · Twitter/X · 2026-10-01 DEBATE PRESIDENCIAL DA GLOBO CANCELADO: LULA NO FLOW, RENAN SANTOS E A DESISTÊNCIA DE FLÁVIO · NEGATIVO · INDIGNAÇÃO	34.499	339.440

O que circulou sobre a desistência de Flávio Bolsonaro (PL) não foi a desistência: foi a frase de Lula (PT) no Flow. A publicação mais engajada do recorte é o trecho em que o presidente diz que não disputaria a Presidência com alguém "desqualificado" como Flávio, "que não tem passado, não tem presente e não tem futuro" e "nunca trabalhou na vida", e ela sozinha responde por 17,9% de todas as interações do conjunto. Até a quinta colocada, acumula-se 69% da exposição. Três narrativas disputam a mesma vitrine, e a vitrine é tudo o que restou do debate cancelado.

Logo atrás vêm duas peças de sinal oposto, quase empatadas: a que sustenta que Renan Santos (Missão) seria "escalado pelo PT e pelo STF" para atacar Flávio no debate da Globo, com 15,2%, e a que contrapõe o 1,5 milhão de espectadores da entrevista de Lula aos 270 mil da live de Flávio, com 15,0%. Por polo, 63,6% das interações estão em peças que atacam e denunciam, 24,6% em peças que defendem e celebram a ida de Lula ao Flow, e 11,8% em relato informativo. A divisão interna é o que decide o clima: 48,4% atacam Flávio pela desistência, e 15,2% atacam Lula, o PT e o Judiciário, deslocando a acusação de censura para o campo de quem a sofre.

Do lado que ataca Flávio, o registro é a zombaria antes de qualquer argumento — o anúncio dele teria saído "três minutos" depois da decisão que garantiu a Renan Santos a vaga no palco, e a leitura que corre é a de "plot twist atrás de plot twist", com a desistência tratada como debandada cômica. Do lado que o defende, não há defesa dele: há ataque ao Supremo. O anúncio do próprio Flávio não figura entre as mais engajadas; o que circula é o que outros fizeram com ele, e a zombaria vem de perfis variados, alguns sem qualquer lastro de campanha. A defesa dele, no topo da exposição, é assinada por um político, Jeffrey Chiquini (NOVO-PR), e não pelo candidato — o argumento da censura sobrevive menos como proteção a Flávio do que como acusação ao Judiciário.

Para quem aconselha Lula, a hierarquia do gráfico mede risco antes de medir força. A peça mais exposta do período é uma agressão nominal, e cada repetição desse tom entrega munição à narrativa de perseguição que ocupa o segundo lugar da lista. A primeira recomendação é separar o essencial do ruído: sustentar a ida ao Flow e o contraste de agenda, não a qualificação moral do adversário. A segunda é apostar no que custa pouco e rende muito — o cronômetro da desistência, o púlpito vazio, o debate cancelado —, porque

essa zombaria factual nasce de terceiros, circula sozinha e não obriga a campanha a descer ao insulto. A terceira é olhar com atenção os 5,4% que registram apoiadores de Renan Santos migrando o voto: há uma janela aberta no eleitorado dele, e a forma de ocupá-la é conteúdo e compromisso, nunca endosso explícito da vingança, que cria vínculo difícil de administrar depois.

A quarta hipótese é a mais incômoda: talvez o custo da ausência já esteja absorvido. Antes do caso, Lula tinha 24% de esperança no material que o citava; dentro dele, a esperança some para todos, e a frustração tem endereço quase único, o próprio presidente — o desapontamento de quem esperava o debate e encontrou a cadeira vazia. Nada garante que esse desapontamento se converta em voto contra; mas ele existe, e é o único afeto do recorte que fala diretamente ao eleitor que se sentiu lesado.



Quem empurra Renan Santos (Missão) não é a sua base. O cruzamento entre o tipo de autor que publica e o posicionamento assumido, medido por engajamento, reparte 1.963.170 interações assim: 68,3% em ataques e denúncias, dirigidos à Globo pela exclusão de Renan e pelo cancelamento do debate, a Flávio Bolsonaro (PL) pela desistência, a Lula (PT) pela ausência e ao Supremo Tribunal Federal pela interferência; 20,0% em relato; e 11,7% em defesa e celebração, sendo a parcela que de fato o exalta como o candidato barrado a menor de todas. Os influenciadores assinam 58,5% dessa exposição e, dentro deles, os ataques respondem por 67,4% contra 12,3% de defesa. A imprensa é a exceção: responde por 6,7% do engajamento e dois terços do que publica são relato, ainda que um terço seja denúncia. Uma única célula, a dos influenciadores que atacam, vale 774.880 interações, 39,5% do total, mais do que políticos, imprensa e artistas somados.

O rótulo do ataque junta alvos opostos, e é aí que está o achado. De um lado, a indignação contra a Globo e contra Flávio converte Renan em vítima de uma combinação: não convidar Renan Santos pro debate é a prova de que a Globo estava armando uma arapuca para Lula; a Globo armou o bote. Nesses textos ele não é o assunto, é a prova do argumento — a esquerda o usa, de fato, contra Flávio e contra a emissora. De outro, a direita devolve: Renan Santos pode ser escalado pelo PT e pelo STF para ajudar a campanha do Lula e atacar o Flávio Bolsonaro, acusação que é, ela mesma, um dos motores mais rodados do recorte. Duas nar-

rativas antagônicas produzem o mesmo efeito: colocam o terceiro colocado no centro do último debate antes do voto. No MAPAM®, o mesmo Renan é vítima de uma armação para um lado e arma de emboscada para o outro.

Volume e adesão não são a mesma coisa. Parte da exposição vem de episódios isolados, não de campanha: os perfis marcados como possível bot concentram 2,9% do engajamento num punhado de publicações de média altíssima, e um texto isolado de especialista leva quase 8 mil — picos, não associação consolidada. A base genérica, que assina 12,4% do engajamento, faz o inverso: pulveriza muitos posts de média baixa, 71,2% deles de ataque, rotina militante em vez de viralização. O sinal de conversão eleitoral no recorte não vem da defesa de Renan, e sim de dentro do campo bolsonarista, na transferência de voto pela desistência de Flávio — meu voto era Flávio Bolsonaro, mas depois da arregada dele, vou meter Renan Santos 14 sem dó. E os dois protagonistas do episódio, Lula e Flávio, estão entre as vozes de peso que não falaram do caso.

Para a campanha de Lula, a leitura se ordena em prioridades. A primeira é não se associar ao caminho judicial: a acusação de que o PT e o STF armaram a inclusão de Renan é um dos motores mais rodados do recorte, e qualquer gesto de comemoração com a liminar que o impôs ao debate alimenta o enquadramento de que a Justiça trabalha pela reeleição. A segunda é corrigir o alvo: o que move voto aqui é o recuo de Flávio, a fuga de quem se recusou a dividir o palco, não a exclusão de Renan pela Globo; insistir na segunda entrega ao terceiro colocado a bandeira antissistema que ele mesmo empunha, e ainda transforma a exclusão em mártir. A terceira é sustentar o silêncio útil: Lula não aparece entre os que falam deste caso, e é essa ausência que preserva intacta a narrativa do Flow e da recusa em disputar com quem chamou de desqualificado.

AGENDA DE INVESTIGAÇÃO

Para os dois dias que restam, o que deve ser medido é curto e específico. Primeiro, a velocidade com que a coragem de Lula se recupera: a média saiu de 0,4 para -0,62 e cada recusa a confronto reabre a ferida. Segundo, a esperança, hoje zerada nas quatro colunas medidas: quem encarnar saída recolhe o voto de cansaço. Terceiro, a trajetória do eleitorado de Renan, que ocupa sozinho a vaga de vítima. Quarto, a consolidação ou a erosão do enquadramento de censura no registro informativo — metade do relato chega negativo, e é ali que o voto indeciso se informa. Quinto, a repetição da marca da desistência, na formulação de Renan Santos — os três minutos entre a liminar e o anúncio de Flávio —, que é a versão capaz de fixar o episódio sem adjetivo. Depois de domingo, a pergunta que sobrevive é outra: se a leitura de um Judiciário a serviço de um candidato, hoje instalada em parte do material que não toma lado, volta como explicação do resultado — porque, se voltar, o episódio terá custado mais do que uma noite de exposição.

O QUE LULA E A ESQUERDA PODEM APROVEITAR

Faltam dois dias para o primeiro turno, e o episódio deixa quatro oportunidades e um flanco.

Primeiro, fixar em Flávio Bolsonaro a marca da fuga, e não a da trapaça. É a acusação que o debate já faz por conta própria: o vício da traição responde por mais da metade da carga moral dirigida a ele, o desprezo por 80% das emoções, e a coragem que lhe é atribuída cai de 0,23 antes dos casos para -1,23 dentro do episódio, enquanto no Caso Master e na padroeira ela ficava perto de zero. O Caso Master feria a confiança; a desistência fere a coragem, eixo em que o candidato do PL construiu a própria imagem. A formulação que circula sozinha é a de Renan Santos — a desistência minutos depois de a participação dele ser confirmada —, e ela dispensa adjetivo.

Segundo, tirar a defesa da ausência do registro da esperteza e levá-la para o da autoridade. O apoio à troca do debate pelo Flow é de quatro em cada cinco interações que se posicionam, mas a celebração se faz como lance de jogo, e é a autoridade — o presidente que não se rebaixa a um debate que, nas palavras dele, não produz nada — que sustenta o sentimento favorável. A audiência de 1,64 milhão de espectadores simultâneos é argumento de respeito ao eleitor, não de astúcia.

Terceiro, ocupar a vaga de quem repara. Em todo o episódio, proteção e reparação somam menos de 7% dos papéis atribuídos a instituições e coletivos, e o eleitor, único lesado incontestável, não recebe papel. Lula aparece como protetor em 42% das atribuições nos textos que o defendem, apoiado na medida de afastamento remunerado para mulheres vítimas de violência, assinada no mesmo dia e levada ao Flow. A entrega é o conteúdo que a entrevista produziu e que quase ninguém amplificou: os enquadramentos de resultado são pouco mais de 5% do campo que celebra.

Quarto, não brigar pela Globo nem com ela. A emissora é o alvo comum de todos os campos, agressora em 73,5% das atribuições do episódio; defendê-la ou atacá-la só devolve o assunto a um litígio em que o governo não tem o que ganhar.

O flanco é o Judiciário. A leitura de que o TSE e o STF agiram a favor de Lula é a única em que o PT figura como beneficiário de uma trapaça, e ela cresce no dia seguinte: o Judiciário passa a ser o mais responsabilizado pelo fracasso do debate, e o sentimento sobre Lula se divide ao meio. A resposta que os dados recomendam não é defender as decisões — três quartos do que se diz do Judiciário no caso é ataque —, e sim separar-se delas: quem decidiu não ir foi Lula, na véspera e antes de qualquer liminar; quem desistiu depois das decisões foi Flávio. Cada hora gasta discutindo a decisão da ministra desloca a causa de Flávio para o Judiciário.

Por fim, o eleitorado de Renan Santos. Ele sai do episódio com o melhor saldo e é narrado como vítima sem protetor; parte de seus apoiadores fala em votar contra Flávio por represália. Não é voto que se dispute com programa em dois dias, mas é um eleitor de direita a quem a campanha pode oferecer uma frase só: o candidato que pediu o debate ficou sem ele porque Flávio não quis enfrentá-lo.

FICHA METODOLÓGICA E SOBRE A PLATAFORMA

SOBRE A PLATAFORMA

A Orikom, plataforma de inteligência social da IPSE Global, acompanha diariamente o debate público brasileiro sobre política, clima e democracia em redes sociais, imprensa e anúncios políticos, e lê cada publicação com um conjunto de modelos de análise do discurso. Os painéis e relatórios do Laboratório cruzam esses modelos com apoio da Ori, a inteligência analítica da plataforma.

O QUE SE MONITORA

Redes e plataformas: Instagram, TikTok, X e YouTube; a Meta Ads, com o que foi veiculado como anúncio no Instagram, no Facebook, no Threads, no Messenger, no WhatsApp e na rede de parceiros da Meta; e a imprensa — os principais portais do país, mais tudo o que sai no Google News e no Bing. A coleta é contínua, por perfil e por palavra-chave: 4.446 perfis em coleta dedicada (Instagram 1.635, TikTok 891, X 828, YouTube 679) e 531 coletas por palavra-chave, sobre uma taxonomia de 7.320 termos em 58 temas e 283 subtemas (1.467 ativos no ciclo do momento e 772 em reserva, com termos emergentes entrando a cada cinco horas). Na imprensa, cerca de 900 veículos com cobertura recorrente.

Quem: todos os candidatos nacionais e estaduais de 2026 da lista oficial do TSE; os eleitos para presidente, governador, senador e deputado; os ministros nomeados; os perfis institucionais de órgãos públicos; influenciadores; e as mídias tradicionais e alternativas — 14.910 candidatos de 2026 da lista oficial do TSE, com 32.693 perfis declarados nas redes, entram tanto na coleta quanto na classificação. Quem fala e quem é citado são reconhecidos por um cadastro de 36.536 entidades: 19.994 candidatos e políticos (TSE), 2.939 pessoas, instituições e veículos do debate, e 13.603 entidades vindas do Wikidata (5.649 órgãos públicos, 5.602 lugares com código IBGE e 2.352 vozes digitais com ocupação e redes).

COMO SE CLASSIFICA

Cada publicação é lida por 19 modelos analíticos em 30 blocos de classificação, 43 dimensões de leitura e 16 métricas de exposição: tema e subtema; tipo de autor (político, influenciador, mídia, órgão público, cidadão comum); entidades citadas (pessoas, instituições, veículos, lugares, marcas); sentimento e emoções; enquadramentos genéricos e específicos; posicionamento (apoio, oposição, relato); as sete fundações morais de Haidt com o polo acionado; valores de Schwartz; visões de mundo de Kahan; papéis atribuídos (MAPAM®, da IPSE); confiança, coragem, força e esperança atribuídas ao ator (CCFE®, da IPSE); valores republicanos; padrão de confiança institucional; polarização (tipo e grau); causalidades atribuídas; tipos de desinformação; tipos de engajamento político; exigência de prova; permeabilidade e vulnerabilidade democrática. Os rótulos descrevem o que cada texto diz — retratam o debate público, não a opinião do eleitor.

ESTE RECORTE

Relatório “O debate que não houve · Lula no Flow, a desistência de Flávio e o cancelamento da Globo” com 57 gráficos; período: de 29/09/2026 a 02/10/2026, dia a dia. Recorte comum aos gráficos — termos no texto: debate da Globo, debate na Globo, debate da TV Globo, debate presidencial, debate cancelado, cancela debate, cancela o debate, cancelou o debate, desistiu do debate, desiste do debate, fugiu do debate, foge do debate, não vai ao debate, Lula no Flow, Flow Podcast, podcast Flow, ao Flow, no Flow, Renan Santos, púlpito vazio, cadeira vazia. Esse recorte envolve 5.377.286 interações (curtidas, comentários e compartilhamentos) de 4.750 autores distintos. A exposição é sempre medida por engajamento; as séries diárias são lidas em composição do dia; as composições percentuais fecham em 100%.

Ficha gerada em 02/10/2026; números de monitoramento atualizados em 14/09/2026.

Dados extraídos em 02/10/2026, 13:44.

IPSE GLOBAL · ORIKOM

A Orikom acompanha diariamente o debate público brasileiro sobre política, clima e democracia em redes sociais, portais de notícias e anúncios políticos, e o lê com um conjunto de frameworks de análise do discurso: sentimento, emoções, enquadramentos, fundações morais, valores, papéis actanciais, confiança institucional, polarização e vulnerabilidade democrática. O Laboratório cruza esses frameworks em painéis e relatórios como este, com apoio da Ori, a inteligência analítica da plataforma.

Análise dos dados e metodologia da plataforma sob coordenação acadêmica do Dr. Leonardo Magalhães Firmino.

CONTATO

ipse.global

info@ipse.global

+55 21 99514-3404

RELATÓRIO GERADO PELA PLATAFORMA ORIKOM EM 02/10/2026